



Centro Universitário de Brasília
Faculdade de Ciências da Saúde - FACS
Curso de Psicologia

ASPECTOS DA IDENTIDADE DE GÊNERO FEMININA NA PRÁTICA DO FUTSAL

Amarilis Miosso Silva Mendes

Brasília, DF.
Junho de 2004.

Amarilis Miosso Silva Mendes

**ASPECTOS DA IDENTIDADE DE GÊNERO FEMININA
NA PRÁTICA DO FUTSAL**

**Monografia apresentada ao Centro
Universitário de Brasília - Faculdade
de Ciências da Saúde como parte dos
requisitos para a obtenção do grau de
psicólogo.**

**Orientador: Prof^o Doutor Hiram Mario
Valdés Casal.**

**Brasília, DF.
Junho de 2004.**

SUMÁRIO

Resumo	i
1. Introdução	04
2. Fundamentação Teórica:	
2.1. Do conceito de identidade	07
2.2. Diferença de gênero	09
2.3. Mulher e história	12
2.4. A mulher e o esporte	20
3. Metodologia	31
4. Análise e discussão dos resultados	33
5. Conclusão	60
6. Referências Bibliográficas	64
7. Anexos:	
7.1. Anexo I	67
7.2. Anexo II	68

RESUMO

O presente trabalho relata pesquisa realizada com 10 jogadoras do time de futsal da Universidade de Brasília, sendo oito universitárias e seis estudantes de Educação Física, com o intuito de serem verificados aspectos culturais e sociais da identidade de gênero das mesmas. Pretendeu-se averiguar a presença de preconceito, verificar se as jogadoras se utilizam de comportamentos tipicamente femininos e se percebem cobrança para utilizá-los, investigar como as atletas vêem o corpo da mulher que pratica o futsal, conhecer aspectos da influência e participação da mídia na modalidade, pesquisar as dificuldades encontradas na prática do esporte pelas mulheres e verificar motivos, benefícios e objetivos que mantêm as mulheres na prática do esporte. Para isso, foi utilizada uma entrevista semi-estruturada cujas questões exploravam os objetivos supracitados, a qual foi gravada e transcrita. As respostas foram agrupadas por assunto e, posteriormente, foram relacionadas à teoria para a análise dos dados. Percebeu-se, com a pesquisa, que o futsal no Brasil ainda encontra-se muito estereotipado como masculino, mas não foi verificada relação direta entre o esporte e a postura masculinizada e homossexual questionada pela sociedade. A maioria das atletas já sofreu algum tipo de preconceito pela prática do esporte, seja este proveniente de familiares, amigos ou desconhecidos. A feminilidade parece ser realmente cobrada pela sociedade e as jogadoras, em grande parte, se utilizam de comportamentos e símbolos típicos do gênero feminino. Posicionamento unânime das jogadoras foi o de que o corpo da mulher, não fica masculino com a prática do futsal. A mídia foi revelada como uma das responsáveis por muitas vezes fortalecer o preconceito e a falta de apoio à modalidade e às jogadoras, apesar de que alguns relatos mostraram o aumento da participação da primeira na divulgação do futebol feminino, mesmo que a intenção seja mostrar a beleza e sensualidade das jogadoras em detrimento da participação técnica e habilidade. As jogadoras relataram algumas dificuldades que encontram na prática do esporte, dentre elas citam-se o preconceito, o grande esforço físico, a falta de apoio e incentivo ao esporte. Por fim, pôde-se perceber que o prazer pelo esporte, a busca pela saúde e bom condicionamento físico e a socialização são os principais fatores motivadores das jogadoras, estando essas mais interessadas em divertimento do que em uma profissionalização ou carreira, principalmente pela inviabilidade de independência econômica como jogadora de futsal.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que a identidade, vista como o resultado de diferentes incorporações de aspectos de outras pessoas no convívio social, vem sendo estudada a fundo em suas perspectivas de gênero. De acordo com as diferentes inserções culturais, padrões de comportamento e normas que envolvem símbolos e atitudes traçam como um homem e uma mulher devem agir.

Desde pequenas, as pessoas são influenciadas a terem seus comportamentos, atitudes e a fazerem uso de símbolos que são determinados de acordo com o gênero. Fugir a regra, “burlar” o padrão estabelecido pode trazer conseqüências como preconceito, rejeição, críticas etc.

É bem verdade, porém, que as identidades de gênero não são imutáveis. Historicamente, características são excluídas, outras acrescentadas cabendo às diferentes culturas fazerem suas adaptações, inclusões, definirem suas prioridades e valores.

A mulher no Brasil, e em todo o mundo, vem ampliando gradativamente seus horizontes no que diz respeito às suas possibilidades de identidade de gênero. Isso deve-se aos diferentes e novos ambientes dos quais têm participado ao longo da história, inserções estas que só eram permitidas ao gênero masculino, pois os comportamentos e “modos de ser” eram tipicamente “reverenciados” aos homens.

Dentre as diferentes inovações das mulheres no decorrer da história, tem-se a sua crescente participação no meio esportivo. Meio este que tinha domínio absoluto masculino, em muitos casos não sendo permitida qualquer participação do “sexo frágil”. Preconceitos e juízos foram formados de geração em geração determinando que uma pessoa cuja identidade “submissa, frágil, meiga, delicada, dócil” não deveria e nem teria utilidade em atividades que exigissem tanta “força física, inteligência, independência e poder” como era necessário esporte. Foram ainda mais fortes, as discriminações e mitos formados em torno da mulher que participa de esportes com estigmas totalmente masculinos, como o futebol.

Nos dias atuais, mesmo com a globalização, o crescimento da “liberdade” da mulher em suas escolhas e marcante participação em meios antes não explorados

como o mercado de trabalho, o poder de decisão e, principalmente, sua inserção no esporte, esta não é impedida, porém, de manter um padrão de vida tipicamente feminino.

Levantam-se as seguintes questões: Mesmo com tanta modernidade e liberdade de expressão a mulher brasileira, jogadora de futebol, renuncia às suas características de feminilidade? Elas se sentem aceitas pela sociedade, participando de um esporte culturalmente de gênero masculino? Quais seriam suas intenções e perspectivas em participar desse tipo de esporte? Que dificuldades encontram nesse esporte?

Tais questões são importantes para que se possa entender a dinâmica da mulher esportista nos dias atuais, para que seja corroborada ou não a presença do fator discriminação, que tanto é questionado no meio esportivo das modalidades predominantemente do gênero masculino, as quais vêm sendo alcançadas pelas mulheres. Algo importante é perceber que o esporte é uma mola de propensão para conquistas maiores e que, tendo-se perspectivas da participação da mulher neste meio poderão ser inferidas noções de como a sociedade, de um modo geral, determina e questiona a identidade de gênero da mulher brasileira atual, quanto à sua feminilidade, atitude, comportamentos etc.

Para a Psicologia torna-se necessária a realização de pesquisas no intuito de identificar como o meio social tem influência no comportamento humano e como este determina e julga as pessoas segundo perspectivas de identidade de gênero. A mulher, por ter sido alvo, historicamente, de um “mau trato” cultural, deve ser investigada na atualidade para se conhecer o quanto essa história e suas inserções têm contribuído ainda no seu modo de ser, em sua qualidade de vida e em sua realização pessoal, por exemplo. O psicólogo, mais do que muitos profissionais, deve estar informado sobre os contextos e realidades a que está sujeito seu objeto de estudo: o ser humano. De uma forma especial, deve buscar conhecer as peculiaridades pertinentes às mulheres, aos homens, às crianças etc.

Colhidas informações atuais sobre o contexto em que a atleta de futebol brasileira está submetida, sobre suas atitudes e perspectivas nesta inserção social, o

futebol, poder-se-á contribuir ainda mais para o conhecimento da mulher no enfoque da Psicologia Social.

Outra contribuição importante é feita à Psicologia do Esporte. Este ramo da Psicologia, o qual vem crescendo consideravelmente no Brasil e no mundo, tem necessidade de constantes pesquisas para embasar e colaborar com o trabalho dos psicólogos que têm se esforçado nessa área. O “treinamento psicológico” dos atletas vem sendo valorizado crescentemente, tendo em vista a realidade das pressões e cobranças que envolvem o meio esportivo e para um desenvolvimento equilibrado entre o físico e o psíquico. Dados e descobertas a respeito da mulher esportista só vêm colaborar com essa atuação e tendem a dar mais crédito a esses profissionais.

O presente trabalho tem por objetivos:

- averiguar se as jogadoras sofrem ou sofreram preconceito pelo fato de jogarem futebol ou se observam a existência do mesmo;
- verificar se a mulher, mesmo em uma inserção cultural historicamente masculina, o esporte futebol, mantém comportamentos predominantes da identidade de gênero feminina (símbolos, comportamentos etc) e se as jogadoras percebem cobrança da sociedade para que se utilizem dos mesmos;
- investigar se as atletas consideram que o corpo da mulher fica masculino com a prática do futebol;
- conhecer aspectos da influência e participação da mídia na divulgação do futebol feminino e de suas jogadoras;
- pesquisar as dificuldades encontradas pelas jogadoras na prática do futsal;
- verificar os motivos, benefícios e objetivos que mantêm as mulheres na prática do futsal.

▪ DO CONCEITO DE IDENTIDADE

O conceito de identidade e a análise do mesmo são objeto de estudo de muitos questionamentos e discussões. Diversos cientistas têm revelado interesse no tema, dentre estes encontram-se principalmente antropólogos, sociólogos e psicólogos.

De acordo com as diferentes inserções culturais, e momentos históricos, os indivíduos vão incorporando características e se identificando com fatores, pessoas, objetos, idéias, os quais vão consolidando a identidade do “eu”. Portanto, as diferentes configurações da identidade estão relacionadas com as diferentes configurações da ordem social (Liane, 1984 *apud* Silva, 2000), não só no âmbito das observações e incorporações, mas também das relações com este meio social.

Segundo Levisky (1998), desde bem jovens as pessoas necessitam de outras para definir a própria existência e identidade. A identidade é vista, então, como um aspecto da personalidade, a qual pode ser compreendida como a resultante da soma de uma multiplicidade de identidades parciais que tem seu aspecto invariável e que coopera para a formação de diferentes configurações, criando novas imagens à medida que ocorram movimentos no ambiente externo ou interno. Portanto, o processo de identificação, cuja resultante final é a identidade em seus múltiplos aspectos, será agente modificador da cultura e sofrerá as conseqüências dessas mudanças.

Os relacionamentos interpessoais, por exemplo, são marcados por trocas de valores identificatórios. As percepções, comportamentos, atitudes, são base de muitos fatores que formam as identidades. Ocorrendo trocas entre os participantes da relação.

A identificação é constituída, ainda, pelas escolhas que são realizadas. Dentre elas está a escolha pela semelhança. A semelhança, normalmente, gera atração entre duas pessoas, por haver uma redução dos custos no processo de interação social. De fato, se uma pessoa tem atividades e valores semelhantes aos de outra, é possível que haja menos polêmica, menos conflito, maior consenso de opinião. Esses fatores reduzem os custos de interação produzindo resultados mais satisfatórios para ambos, como relatam Rodrigues, Assmar e Jablonski (2000). Isso quer dizer que a identificação com pessoas ou grupos é, na maioria das vezes, decorrente de semelhanças encontradas.

Segundo Woodward (2000, p. 41), “há entre os membros de uma sociedade, um certo grau de consenso sobre como classificar as coisas a fim de manter alguma ordem social. Esses sistemas partilhados de significados são, na verdade, o que se entende por ‘cultura’”. A cultura em que se está inserido é fundamental na formação da identidade, assim como as mudanças sociais, políticas e econômicas. Torna-se evidente, então, que as diferentes inserções sociais e culturais permitem moldar a identidade, trazendo características que definem a maior parte dos aspectos que vão “governar” a identidade. De acordo com Lopes (2003, p.21) “as instituições e as coletividades operam na legitimação institucional, cultural e histórica de certas identidades sociais, enquanto outras são tornadas ilegítimas, destruídas, encarceradas, desempregadas e patologizadas”.

As identidades não são absolutas e imutáveis e, nos dias atuais, são cada vez mais flexíveis e fragmentadas, estando sempre em um processo de mudança e transformação. Pode-se dizer, ainda, que as identidades são contingentes, por surgirem características novas a cada momento histórico particular.

Os símbolos também são muito importantes na formação de uma identidade. As identidades adquirem sentido e forma por meio dos símbolos que as representam. A identidade é marcada pelos símbolos. Estes têm o “poder” de mostrar às pessoas muito do que elas são e do que escolher como identidade. “Existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que uma pessoa usa” (Woodward, 2000, p.10).

A identidade se distingue ainda por aquilo que ela não é, pois parte-se de uma referência, de exclusões, para definir o que uma identidade não tem. Para Silva (2000), em um mundo utópico, totalmente homogêneo, no qual todas as pessoas partilhassem a mesma identidade, as afirmações dessa identidade não teriam sentido.

Vale lembrar que o termo identidade não pode ser confundido com subjetividade. A subjetividade, segundo Woodward (2000), remete à compreensão que se tem sobre o eu. O termo envolve os pensamentos, sentimentos e as emoções que constituem as concepções sobre “quem se é”. Entretanto, essa subjetividade é vivida em um contexto social no qual as vivências, experiências e a cultura dão significado à experiência que a pessoa tem de si mesma, adotando-se, então, uma identidade.

▪ DIFERENÇA DE GÊNERO

Trabalhando-se a identidade em termos de gênero, faz-se necessário distinguir gênero e sexo. Apesar de interdependentes, gênero e sexo não são a mesma coisa. Pode-se partir do princípio de que sexo se refere às diferenças físicas sexuais, enquanto o termo gênero remete-se às diferenças entre “homem” e “mulher” que são socialmente construídas.

Pode-se afirmar que a identidade de gênero, assim como a formação da identidade de uma forma geral, valer-se-á de toda uma “bagagem” cultural e histórica para a definição do “modo de ser” do indivíduo, suas atitudes, concepções, seus comportamentos e “essências”.

Para Weeks (1999) *apud* Roland (2003, p.115), o gênero é “uma diferenciação social entre homens e mulheres”. De acordo com Crawford (1995) *apud* Coimbra (2003), tanto homens quanto mulheres encontram, durante sua vida, padrões e normas de comportamentos instituídos pela sociedade que são definidos como apropriados para pessoas do seu respectivo gênero e para o gênero oposto. A sociedade tende a se organizar em torno de regras, leis, costumes e tradições que, por meio da cultura, se perpetuam como valores grupais aceitos por seus integrantes. A primeira, dessa forma, determina e estabelece elementos que devem fazer parte dos papéis a serem desempenhados pela identidade feminina e masculina, bem como dos símbolos e outras características que fazem parte da construção da identidade. Poderá o indivíduo, obviamente, identificar-se ou não com esses padrões ou de certa forma, adaptá-los à suas vontades. É claro que em algumas fases, como na infância, isso torna-se mais difícil visto que o nível de dependência é muito grande.

Segundo Badinter (1993) *apud* Rodrigues (2003 p. 71), a construção social da identidade de gênero, começa desde o nascimento, geralmente orientada pelo sexo biológico da criança. Portanto, os pais e familiares “têm papel central na orientação dessa construção das identidades sociais de gênero de seus filhos”. A sociedade atuará como instituição estabelecadora de normas, consideradas senso comum, e que agirá como reguladora da atuação dos pais, os quais, pelo gesto, voz, escolha dos brinquedos e roupas, ensinam os filhos a que gênero pertencem, que comportamentos e símbolos devem incorporar à sua identidade. Para isso, além de reforçarem a imagem

masculina ou feminina socialmente aceita, os pais podem esconder a existência de muitas outras formas de masculinidade ou feminilidade que acreditam serem inconvenientes.

A escola se destaca como o primeiro espaço social da criança depois da casa e, portanto, vai assumir um papel fundamental na legitimação ou rejeição dos significados da identidade já construídos (Moita Lopes, 1997 *apud* Rodrigues, 2003). Na escola, relacionando-se com pessoas da mesma idade, as crianças poderão verificar se o gênero aprendido dentro de casa é corroborado pelos colegas biologicamente parecidos com elas.

Sendo assim, embora participem de contextos institucionais semelhantes, o menino e a menina terão tarefas ou se submeterão a cobranças e ensinamentos diferentes como “homem não chora” ou “mulher não pode brincar de luta”, pois a sociedade exige que homens e mulheres vivam de acordo com os padrões claros colocados que definirão “como devem ser”.

Um exemplo interessante é o fato de que, em muitos contextos, meninos são construídos como mais inteligentes do que as meninas, como se a cognição e a racionalidade estivessem relacionadas diretamente à condição biológica, enquanto emoção, sensibilidade e compaixão estariam ligadas à feminilidade. Tal crença remete à afirmação de Connell (1995) *apud* Rodrigues (2003, p.73), na qual relata que “pela ideologia patriarcal, o progresso tecnológico e científico está ligado ao reino masculino”. Essa suposta relação da razão com a masculinidade não só é falsa como contraditória, ao lembrar-se de outra associação masculina com a agressão, que não combina com inteligência. Sendo assim, pode-se pensar que também deve haver contradição ao se relatar o gênero feminino como muito emocional e ausente de agressão física e racionalidade, podendo esses fatores fazerem parte da identidade feminina sem causar tanto espanto. Não há dúvida, de que a identificação da criança nem sempre ocorre com aceitação ou facilidade. Mesmo que o meio social exija que seja consolidada a “normalidade”, qualquer um está sujeito a conflitos e a questionamentos.

O fator sensibilidade é atribuído diretamente ao gênero feminino. Prova-se isso quando observa-se que, para a criança do gênero masculino, não se dá a oportunidade de chorar, pelo contrário, ele deve “engolir o choro” ou “entupir”. Talvez isso possa até

gerar realmente uma aparente insensibilidade no gênero masculino, a qual não é “camuflada” na mulher.

As pessoas do gênero feminino, em sua maioria, crescem com uma constante busca da feminilidade cobrada pela sociedade, havendo a imposição de um padrão estético, no que se refere tanto quanto ao comportamento, quanto à corporalidade femininos: "a feminilidade é produzida através da aceitação de restrições, da limitação da visão, da escolha de uma rota indireta"; é "uma estética forte que se constrói em cima do reconhecimento da falta do poder"; é uma estratégia de sobrevivência "baseada nas concessões [abertas]" e na "imposição de restrições" (Adelman, 2003).

O corpo 'feminino' é um dos “fatores” do gênero mais padronizados pelas culturas, havendo “normas” em termos de tamanho (altura, corpulência, etc.), forma ('curvas', firmeza ou ausência de musculatura, etc.), postura e movimento (Adelman, 2003).

As mulheres desde pequenas aspiram ser belas, por perceberem que isso é muito valorizado no seu gênero feminino. Isso ocorre também pela cobrança de que a mulher precisa ser sensual, aprendendo que para terem sucesso na vida devem ter sucesso com os homens (Silva, 2001). De uma forma geral, considera-se em muitas culturas, que mulheres têm que ser bonitas e homens fortes e inteligentes.

A cultura e o meio social produzirão pessoas femininas e masculinas “em uma espécie de ‘repetição ritualizada’ por meio da qual as normas sociais são reproduzidas e estabilizadas”. No processos de interação as pessoas 'fazem gênero', mas abre-se espaço, aí, para a transgressão de normas e re-significações (Adelman, 2003).

Partindo-se do pressuposto da liberdade de escolha desses padrões, podemos entender que os termos masculinidade e feminilidade são utilizados para dar conta das múltiplas e fragmentadas formas de ser dos homens e das mulheres. A feminilidade, então, não é homogênea. Ela tem, com certeza muitos “traços” fortemente arraigados, mas não é imutável.

Parker (1991) *apud* Roland (2003, p. 74) argumenta que o homem deve ser analisado não somente em relação à mulher, mas em relação às diversas expressões de ser homem: figuras tais como o machão, o brigão, o intelectual. Da mesma forma, a mulher pode ser compreendida por meio de diversos modos de ser mulher. O

importante a se compreender nessa questão é a existência de ramificações dentro de cada categoria; ou seja, há diversas formas de ser masculino e outras tantas de ser feminino.

▪ MULHER E HISTÓRIA

O fato de pertencer ao gênero feminino leva as mulheres, há muito tempo, a carregar junto com essa característica outros estereótipos atribuídos ao gênero. Frases de homens historicamente famosos, conhecidos pelo poder, “inteligência”, “sabedoria” e “bondade” mostram que o preconceito contra a mulher tem origens de longa data e raízes profundas: Buda, em 600 a.C. colocou: “A mulher é má. Cada vez que tiver ocasião, toda mulher pecará”; O pai da razão, Aristóteles, disse: “A mulher é, por natureza, inferior ao homem; deve, pois, obedecer... O escravo não tem vontade; a criança tem, mas incompleta; a mulher tem, mas impotente”; Tomás de Aquino, tempos depois canonizado pela igreja Católica, declarou no século XVII: “Para a boa ordem da família humana (...), o pai há de ser mais amado que a mãe e merecerá maior respeito, porque a sua concepção é ativa, e a mãe simplesmente passiva e material; Voltaire, no século XVIII afirmou: “A mulher amavelmente estúpida é uma benção do céu”. Finalmente, Elias Canetti, búlgaro e ganhador do Prêmio Nobel de literatura de 1981: “Sua confusão era tal que começou a piorar mentalmente, como uma mulher” (Forbes, 2000).

Ao longo da história, a mulher brasileira como as mulheres de várias culturas, de todas as idades, tem passado por freqüentes diferenciações de papéis. Isto porque a própria sociedade brasileira tem sofrido constantes modificações econômicas, sociais e políticas, as quais atingem diretamente o comportamento de sua população.

Na época da escravidão, a mulher escrava era muitas vezes abusada sexualmente pelos senhores ou agredida de diversas formas. Esta não conseguia nem poderia, então, se identificar com o padrão de mulher branca, pois era praticamente impossível para ela ser dona de casa, patroa, detentora de jóias, participar de bailes, ter conhecimentos e muitas vezes não podia exercer nem o próprio papel de mãe do filho do senhor, porque os filhos bastardos do último eram rejeitados. Ao mesmo tempo, as brancas, muitas vezes sabendo da infidelidade dos maridos, os quais, na maioria das

vezes, não eram escolhidos por elas, aceitavam a situação, pois esse era o modelo de identidade, de mulher do lar, submissa, que lhes foi outorgado culturalmente, e a rebeldia contra isso poderia causar indiferença ou repressão. Daí começa-se a perceber as diferenças étnicas influenciando as escolhas de modelos identificatórios de gênero, bem como o determinismo econômico e cultural desse processo.

Após a abolição, os conflitos não diminuíram muito, só mudaram de figura, o patriarcalismo continuou e com eles os conflitos identificatórios. Como exemplo destes conflitos, tem-se um paradoxo vivido pelas mulheres da época: os modelos de mulheres felizes da literatura encontravam-se bem longe da realidade muitas vezes de opressão, agressão e indiferença conjugal vivida pelas mesmas. Isso mostra um pouco da fantasia de busca de modelos ideais e perfeitos de vida no processo identificatório.

A partir da segunda metade do século XIX, a crescente modernização provocou mudanças no modo de organização da vida social e de relacionamento familiar entre as elites das cidades, quando as atividades produtivas das mulheres foram se tornando praticamente invisíveis, já que figuravam como mães e esposas. O desenvolvimento da família conjugal moderna, fundada no casamento de livre escolha, ocorreu simultaneamente a uma reformulação de papéis de homens e mulheres no casamento, estimulando novos modelos de comportamento masculino e feminino. A partir de tal reformulação, estes novos padrões reorganizam a sociedade, modificando a forma da mulher se enxergar, encarar a identidade.

Após os anos 30, quando o Estado assumiu o papel de promotor da industrialização do país, as mudanças que promoveu no sistema de ensino tiveram grande importância para o *status* das mulheres com acesso à educação. O modo como elas foram ocupando espaços neste campo, aos poucos se reestruturando em função das novas exigências da divisão social do trabalho, também afetou a divisão de gênero do trabalho. Dessa forma, a mulher passou a buscar identificação na mulher culta e bem sucedida, que estudasse, deixando cada vez mais para trás o velho modelo de dona de casa, que só lia romances e vivia alienada das mudanças políticas, educacionais, intelectuais e científicas.

No início da década de 70, as mulheres constituíam a metade do ensino médio apta a ingressar nas universidades. Neste nível, a escolha tipicamente feminina ainda

era o Normal, ou seja, as mulheres se identificavam com a profissão de professora, ainda vinculada à função de educação, proteção e auxílio atribuídas à identidade feminina (Vaitsman, 1994).

Algo interessante é que a lei revela uma das contradições do processo de modernização no tocante às relações de gênero afetando a família. A sociedade industrial moderna constitui-se, entre outras coisas, pela separação entre público e privado e pela doutrina das esferas separadas e naturezas de gênero desiguais, expressas na ideologia, nas políticas e legislação. Contudo, a própria modernização, ao estimular valores universalistas, igualitários, empurrou as mulheres para o mundo público e abalou a estrutura da estratificação de gênero e o individualismo patriarcal. Saffioti (1976, p. 227) *apud* Vaitsman (1994, p. 60) afirma que, se por um lado, “no nível secundário de estudos, a mulher deve receber educação especial, orientada para a ‘natureza feminina da personalidade’ tendo em vista ‘sua missão no lar’, por outro é este o curso que, sem distinções, pode conduzir a mulher aos bancos das escolas superiores”. Os dados revelam que Saffioti, em 1976, estava certo: hoje grande parte das cadeiras acadêmicas de graduação pertencem às mulheres.

O movimento feminista, que se desenvolveu na década de 70, deu substância social a uma problemática vivida na intimidade por milhares de mulheres. Nos principais centros urbanos do país, a sociedade se pronunciava contra as discriminações de gênero e sexuais, mas não usavam os conhecidos argumentos políticos nem a ação partidária, que eram tão ameaçadores ao regime. A partir de então, além de mulher estudante, o modelo de mulher brasileira era o de cidadã, que lutava por igualdades de oportunidades e direitos, de mulher destemida que saía nas ruas sem medo de ser agredida, disposta a lutar. Mulheres de todos os tipos, tendo reconhecido a desigualdade de suas condições na cultura da sociedade, dispuseram-se a participar de uma jornada pela “liberdade”, questionando padrões antigos de identidade.

Em relação à família e ao casamento nota-se que houve uma expansão da individualidade, o afrouxamento das regras sobre os comportamentos, a pluralidade de situações cotidianas, a multiplicidade de círculos sociais, que impedem a existência de um padrão dominante. Na década de 80, tornou-se evidente que a conquista de um espaço legítimo do mundo público respondia às demandas de igualdade reivindicadas

pelas mulheres, e, ao mesmo tempo, produzia novas indagações, uma vez que era insuficiente para dar conta do problema das diferenças de gênero e individuais, além de não resolver as insatisfações vividas no mundo privado (Vaitsman, 1994).

Badinter (1993) *apud* Rodrigues (2003, p. 75) acredita que, “com o declínio do patriarcado, a paternidade assume um aspecto diferente, porque a imagem paterna do chefe de família, provedor da casa, fica desconstruída devido a mudanças no comportamento esperado dos homens nos anos 90”. Sabe-se ainda, que devido a tantas transformações na estrutura da família, era de se esperar que a cada dia mais mulheres, independentes, mães solteiras ou divorciadas seriam “chefes de família”. E isso aconteceu. Atualmente, são inúmeras as famílias que têm como “cabeça” uma mulher. Segundo pesquisa feita pelo Datafolha com 2038 pessoas entrevistadas em 94 municípios e publicada pela folha de São Paulo em 20/09/1998, o número de lares chefiados por mulheres aumentou consideravelmente nas décadas de 70 e 80, também nos países em desenvolvimento, como o Brasil, apresentando em torno de 11 milhões de famílias chefiadas por mulheres, de um total de 44 milhões (Rodrigues, 2003).

O crescente número de mulheres responsáveis por seus domicílios também é confirmado por pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), conforme tabela que se segue:

Pessoas responsáveis pelos domicílios, por sexo, segundo as Grandes Regiões

Grandes Regiões	Pessoas responsáveis pelos domicílios		
	Total	Sexo	
		Homens	Mulheres
Brasil	44 795 101	33 634 466	11 160 635
Norte	2 809 912	2 167 075	642 837
Nordeste	11 401 385	8 449 390	2 951 995
Sudeste	20 224 269	15 049 401	5 174 868
Sul	7 205 057	5 576 952	1 628 105
Centro-Oeste	3 154 478	2 391 648	762 830

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000.

Nota: Domicílios particulares permanentes

Disponível no site: <http://www.ibge.com.br/> acesso em 02/04/2004 às 10:30h

Vale ressaltar que desempenhar o papel de pai e mãe, pode fazer com que a mulher absorva muitos dos fatores da identidade predominantemente masculina no lar, como responsabilidades quanto a atividades que exijam força como “montar armários” ou “furar paredes”, porém a mulher, não necessariamente, perde as características femininas predominantes da mãe.

Outra informação importante é a de que o aumento do poder da mulher dentro do lar nem sempre é muito bem aceito pelos seus maridos. Uma pesquisa realizada por sociólogos e antropólogos da Universidade de Brasília (UnB) sobre violência conjugal, mostrou que 80% dos homens agressores têm dificuldades em aceitar os novos padrões de comportamento feminino (Campos, 2000).

A identidade, como o casamento e a família, também tornou-se plástica e flexível, mas isto não quer dizer que a mulher tenha anulado sua individualidade. Ela não perdeu sua capacidade de sentir, criar, tão características de sua identidade feminina histórica. Ainda quer algum tipo de segurança e estabilidade, não se deixando, necessariamente, levar pelas correntes caóticas de mudanças. A vida afetiva e sexual não está livre disso.

A globalização pode ser citada como um dos movimentos que mais trouxe alterações nas culturas e, conseqüentemente nas identidades. Kevin Robins (1997) *apud* Woodward (2000 p. 20), por exemplo, argumenta que o fenômeno da globalização envolve uma extraordinária transformação. Segundo ele, as velhas estruturas dos estados e das comunidades nacionais “entraram em colapso, cedendo lugar a um crescente transnacionalização da vida econômica e cultural”. A globalização envolve, então, uma interação entre fatores econômicos e culturais, causando mudanças nos padrões de produção e consumo, as quais, por sua vez, produzem conseqüentemente, identidades novas e globalizadas.

A globalização ocasiona diferentes resultados em termos de identidade. A homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade relativamente à comunidade e à cultura local, de origem. Ou, ao contrário, pode levar a uma resistência que pode fortalecer e reafirmar algumas identidades nacionais e locais ou levar ao surgimento de novas posições de identidade (Woodward, 2000).

Vale ressaltar que a complexidade da vida moderna exige que sejam assumidas diferentes identidades, mas essas diferentes identidades podem estar em conflito. Pode-se viver, na vida pessoal, conflitos entre diferentes papéis, quando aquilo que é exigido por um papel, interfere na realização do outro. Dentre inúmeros desses papéis da mulher moderna, citam-se: mãe, esposa, dona de casa, trabalhadora, estudante, esportista etc. Todos exigindo da mulher: atenção, tempo, prioridade e excelência.

No mercado de trabalho, os homens começaram a vivenciar a diminuição de oportunidades, já que essas passaram a ser disputadas com mulheres em um mundo em que o direito ao emprego escasseia cada vez mais devido a tantas crises econômicas, políticas e sociais. Em 2000, as mulheres representavam 40,8% da população economicamente ativa brasileira, conforme dados do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Em 1979, o índice era de 31,7% (Marcondes, 2002).

Pode-se observar, na tabela que se segue, dados que mostram o crescimento da participação das mulheres no mercado de trabalho executivo:

Cargo	%Mulheres	%Mulheres	%Mulheres	%Mulheres	%Mulheres
	1994/1995	1996/1997	1998/1999	1999/2000	2000/2001
Presidente, executivo principal, gerente geral ou equivalente	8,10	10,39	12,04	13,02	13,88
Vice-presidente	11,10	10,82	12,92	11,54	12,55
Diretor	13,20	11,60	16,01	18,67	19,73
Gerente	12,42	15,61	17,32	18,85	20,43
Supervisor	15,67	20,85	22,95	25,24	24,75
Chefe	20,73	24,76	24,52	28,03	29,50
Encarregado	30,35	36,78	36,42	40,40	41,66
Coordenador	27,40	36,95	34,60	39,63	40,65

Fonte: Jornal Carreira e Sucesso 91 ed. 30/07/2001 <<http://www.catho.com.br/j>> Acesso em 02/04/2004 às 9: 59h

Vale ressaltar, no entanto, que o movimento que projetou a mulher no mercado de trabalho, não a livrou das tarefas adicionais. Para muitas mulheres a parte mais difícil de ingressar no mercado de trabalho é deixar os filhos. Primeiro, vem a dúvida de

com quem e onde deixá-los e, depois, o sentimento inevitável e superável de culpa por "abandoná-los", mesmo que seja para que a qualidade de vida deles melhore. Observa-se hoje, que as jovens preferem estudar e alcançar altos postos de trabalho para depois ter filhos ou se casar, para evitar os conflitos descritos.

A mulher, segundo Silva (2001) enfrenta, ainda, preconceitos e outras dificuldades no mercado de trabalho, dentre elas encontram-se o assédio sexual, os menores salários e as dificuldades para ascensão a cargos maiores (este último vem crescendo, sendo muitas vezes determinado pela cultura da empresa).

Não se pode contestar o poder da mídia na difusão e construção desses novos padrões de vida e conduta. Movimentos como os de liberação das mulheres, dentre outros como dos gays, lésbicas e negros, têm afetado estruturas políticas e culturais formais em muitas partes do mundo, como no Brasil. Exemplos de tais políticas no Brasil são a criação de delegacias de mulheres ou de casas de apoio para mulheres ameaçadas por seus parceiros.

De acordo com Levisky (1998), a velocidade e a intensidade de penetração com que os meios de comunicação atingem as culturas têm sido nos últimos tempos tão intensas que os meios de comunicação distorcem culturas tradicionalmente estáveis, completando a missão da globalização com a tecnologia. Este conjunto de valores torna ainda mais complexa a organização da identidade do indivíduo. Modelos difundidos pela mídia como o de mulheres objeto, em detrimento dos valores sentimentais da "antiga identidade feminina" acabam por muitas vezes fundar a auto-estima em solos arenosos, ou seja, a beleza e o corpo "sarado" tornam-se uma base de identidade e do amor próprio da mulher, o que pode lhes deixar frustradas em um tempo próximo. Estão sendo difundidos, muitas vezes, modelos de identificação muito volúveis e confusos: a beleza "perfeita", por exemplo, acaba ou aparecem "belezas melhores". Conclui-se aí, que as mudanças de padrões de identificação vêm acontecendo muitas vezes de forma radical, o que acaba por menosprezar valores muitas vezes "positivos" em detrimento de outros que trazem somente confusão e não permitem alcançar a realização pessoal.

A constituição da identidade corporal, como se vê, é também altamente influenciada pela sociedade. Prova disso são as anoréxicas, bulímicas, mulheres que usam anabolizantes etc. Suas identidades, constituídas com bases em modelos

magérrimas ou mulheres com músculos definidos, ocasionam tais efeitos. A identidade de gênero fica, então, nesses casos, a mercê da condição física e biológica. Muitas vezes, por talvez não possuir o padrão estabelecido pela sociedade, a mulher pode começar a ter algumas estruturas de sua identidade de gênero questionadas, trazendo-lhe novos conflitos identificatórios.

Para R. Campos e I.V. Trombetta (2001, p.36) a beleza, há muito, deixou de ser só um adjetivo, chegando a ser encarada em muitos casos, como “fator para ascensão social, seja como um instrumento que leva às uniões e ao casamento, seja como ferramenta para a ascensão profissional”.

O mito da beleza e do corpo perfeito faz com que a maioria das mulheres da atualidade não esteja satisfeita com o próprio corpo. Tornam-se cobradas e não sabem se procuram “chamar a atenção” das outras pessoas pelo que são, ou somente pelo seu corpo (Silva, 2001). A preocupação central gira em torno da aparência física e da apresentação do corpo para os outros. A auto-estima parece depender muito mais do tamanho do nariz, da cintura ou das pernas do que da maneira como desenvolvem capacidades de relacionamento com o mundo (Adelman, 2003).

Na atualidade ocorrem, ainda, conflitos freqüentes em mulheres mais velhas, os quais devem-se ao fato de que, desde adolescentes, estas tinham lutado para conquistar lugar em um espaço público, para constituírem-se como indivíduos e cidadãs, profissionalizando-se por necessidade de realização pessoal e como imperativo do sistema de consumo sempre crescente. Aos 40, 50 anos, em meio à diversidade das histórias da vida, esta geração conserva, no entanto, um traço comum na permanente reavaliação das escolhas e possibilidades, ou seja, uma revisão da sua identidade. As respostas, definições de necessidades e decisões continuaram a flexibilizar-se, diversificar-se e individualizar-se e, muitas vezes, tais processos geram arrependimento, depressão, crise identificatória. Como resultado têm-se separações, mudanças radicais de comportamento, dentre outros.

Para R. Campos e I.V. Trombetta (2001, p.37), os modelos de mulher, mãe, esposa e profissional foram desconstruídos após a revolução sexual e o início do movimento feminista e foram criados novos modelos, num primeiro momento caracterizados “pela oposição radical a tudo que representava o antigo”. Para elas, o

que ocorre agora é “uma procura de acomodação desses modelos” e, como resultado, gerou-se um “conflito de valores e padrões”. Ainda segundo as referidas autoras, para essas novas mulheres o desejo de viver alguns aspectos dos antigos modelos podem gerar culpa e “nem todos os aspectos dos modelos atuais as fazem felizes, uma vez que o grau de exigência sobre elas aumentou muito”.

Diante de tantas mudanças na identidade de gênero feminina, hoje em dia os homens têm se cobrado um “masculinismo”, pois a sociedade ainda lhe cobra uma postura de “macho” e de “poderoso”. Como se sabe, dinheiro, poder e virilidade são culturalmente associados à figura masculina (Silva, 2001). Agora, com a competição feminina o homem é obrigado a ser mais forte e demonstrar melhor desempenho para “manter a hegemonia”. Para R. Campos e I.V. Trombetta (2001, p.37) o que se vê hoje são “homens perdidos diante dessa nova mulher”. Essa cobrança muitas vezes o impelirá a agir com preconceito, desrespeito etc. diante da mulher que é o “motivo” disso tudo.

Afinal, será que existe hoje um modelo de identidade feminina atual, que possa descrever bem a mulher moderna no Brasil? Com certeza existem muitas características que podem descrever a maioria como a mulher mãe, trabalhadora, vaidosa, intelectual. Porém, como se pôde perceber, as inserções sociais são importantes para demonstrar que estas características podem variar e, ao mesmo tempo, as inovações da cultura permitem a participação da mulher em grupos culturalmente destinados a homens, sem que estar percam as “feminilidades” a elas ensinadas.

▪ A MULHER E O ESPORTE

Desde a Antigüidade, o acesso da mulher ao esporte foi difícil. Nos jogos Olímpicos da antiga Atenas as mulheres não podiam participar dos jogos nem como espectadoras, ameaçadas de serem jogadas de um penhasco, até que uma corajosa mãe de atleta resolveu assistir a uma disputa de seu filho. Ao ser descoberta, só não foi morta porque seu filho vencera a prova (Romero, 2003). Acredita-se até que os atletas de Atenas competiam quase nus, com trajés sumários, para ficar estampado o sexo dos participantes.

A abertura da possibilidade de competir nos Jogos Olímpicos foi lenta e gradual para as mulheres. Aos poucos estas adquiriram acesso a alguns esportes, sendo o tênis, o ciclismo, o hipismo e a natação as primeiras conquistas, nessa ordem. Obviamente, muitas eram as diferenças entre os gêneros, principalmente quanto às vestimentas. No hipismo, por exemplo, as mulheres tinham que se sentar de lado (sem abrir as pernas), o que lhes rendia muitos acidentes (Lenk, 1997 *apud* Romero, 2003).

Atualmente, o número de participantes do gênero feminino no esporte vem crescendo consideravelmente. Nas Olimpíadas de Sidney, Austrália, em 2000, somente dois esportes não tinham mulheres participando: boxe e luta livre. Segundo informações do Comitê Olímpico Internacional, nas Olimpíadas de Atenas de 2004, todos os esportes deverão ter provas destinadas a homens e mulheres (Mourão, 2003).

Apesar do carente incentivo político ao esporte, o Brasil é um dos países que mais contribui com a participação de mulheres nos Jogos Olímpicos. Segundo Mourão (2003), em Sidney, sua delegação de mulheres era de 46%, um número de 94 mulheres, para 110 homens, superando a média feminina de outros países que era de 38%. Porém, Mourão afirma, ainda, que a falta de suporte das empresas no Brasil, bem como a pouca cobertura dada pela mídia às atletas femininas “reflete e reforça o preconceito contra a mulher nos campos esportivos”.

Vale-se do fato de que a exclusão da mulher do esporte, mesmo em tempos mais modernos, foi na verdade uma tendência de extensão da cultura que a excluiu do mercado de trabalho, das decisões, e que reforçaram características de gênero que a impediam de desenvolver atividades que lhes permitissem alguma identificação maior com o homem e características padrões de seu gênero. A característica de passividade, que deveria ser presente na mulher, talvez tenha sido uma das mais fortes no contraste com a atividade esportiva. A mulher que deveria amamentar seus filhos e cuidar do marido como atividades prioritárias, iria desenvolver atividades físicas, correr, competir? Não, a mulher ideal deveria ser calma, serena, deveria fazer crochê, não fazer questionamentos e sujeitar-se a qualquer decisão tomada sobre ela. Sua família a bastava, não precisava dessas coisas. Com certeza esse não era um paradigma raro e até nos dias atuais não deve ser.

O mundo do esporte constitui um espaço institucional organizado marcado por uma estrutura hierárquica e competitiva. Esse mundo é, muitas vezes, masculinizado por envolver agressividade física. “Tipos de esporte como o futebol são compreendidos como essencialmente masculinos, caracterizados pela masculinidade hegemônica” (Rodrigues, 2003 p. 73).

As mulheres enfrentam, desde a infância, preconceitos que a impedem de participar de esportes tipicamente masculinos: enquanto é elogiada por ser charmosa, criativa e ter dotes manuais e artísticos é criticada por sua competitividade e agressividade, ocorrendo o inverso com os homens. A educação dos homens prepara-os mais para a participação esportiva, com bolas, carrinhos, com a competitividade do que para as mulheres, a quais geralmente são estimuladas a brincar de boneca, casinha e comidinha em contraste com as atividades esportivas. Para serem tratadas como mulheres, as meninas são obrigadas, muitas vezes, a reprimir sua espontaneidade. São proibidas de praticar exercícios violentos porque não podem “agir como menino” (Silva, 2001).

De acordo com Guérios (1974), até os oito anos, aproximadamente, as indicações higiênicas e de atividades físicas ou rítmicas são idênticas; portanto não há razões de se diferenciar a educação física infantil entre ambos os sexos. Mas dos oito aos doze anos, aproximadamente, já as diferenças se salientam e estas continuarão até a maturidade. As diferenças dos gêneros, segundo ela, não são de modo algum superficiais, mesmo com a propagada moda unissex (cabelos compridos e trajes iguais), mas aparecem em todos os sistemas orgânicos e, mais ainda, na forma e no seu conjunto.

Com base no pensamento patriarcalista há a idéia de que o esporte tem um estigma masculino, podendo surgir o temor pela masculinização nas mulheres esportistas. A inserção da mulher no esporte era vista, muitas vezes, como uma tentativa desta de entrar no universo masculino, como uma forma de superar uma inveja do homem. É óbvio que a mulher busca igualdade e superação de tabus do gênero feminino, mas tal pensamento mostra-se muito “Freudiano”, como o “anseio pelo falo” e deveras machista.

Sabe-se que as mulheres aumentaram ainda mais seu interesse pelo esporte com os adventos da globalização. A mídia difundiu, principalmente a partir do século XX, o culto ao corpo e à beleza, tornando a aparência uma condição essencial de identidade principalmente para o gênero feminino. O esporte tornou-se mais um artifício para se alcançar esses objetivos. É verdade, então, que muitas mulheres praticam esportes para alcançarem um padrão de beleza que permita satisfazer os desejos masculinos, mas o número de mulheres que buscam satisfação própria com a prática do esporte cresce estrondosamente, afirma Alonso (2003).

Vale ressaltar que o esporte, de modo geral, se caracteriza por permitir a interação com os outros e consigo mesmo. O esporte moderno caracteriza-se, ainda, como uma forma de ascensão social e de obtenção de *status* (Macedo e Simões, 2003). Além disso, em diversas modalidades, atletas têm tirado seu sustento, e até fortunas com a prática de um esporte. Com a valorização do esporte em todo o mundo a mídia difunde mitos e ídolos, construindo um grande “comércio de atletas” e mercadorias que estão envolvidas com o esporte. Para Carrano (2000, p. 107) “a imagem das estrelas é construída em mercados culturais mundiais. Os símbolos e as finanças assumem formas e conteúdos que se relacionam com as modernas tecnologias de comércio, propaganda, informação e multimídia”. Esta imagem “acalenta sonhos, faz circular mercadorias (materiais e simbólicas), fortalece a auto-estima nacional e robustece o patrimônio de empresas e pessoas a ele associadas”.

Sendo assim, os esportes, com o tempo, deixam de ser passatempos ou artifícios para serem alternativas profissionais, no cotidiano da mulher moderna. Uma atividade esportiva que poderia servir somente para modelar o corpo ou para conquistar um namorado, hoje pode ser sua maior fonte de sustento. Isso reforça a idéia de que a mulher tem realmente um espírito de coletividade e competitividade e não é meramente um “sexo frágil” (Alonso, 2003). O esporte tem permitido recriar a antiga identidade feminina de submissão, para uma identidade que compreende poder, força, resistência, perseverança e agressividade, as quais faziam parte “apenas” do gênero masculino.

O corpo feminino, com o esporte, deixa de ter uma conotação somente procriativa e de atração do homem, para conquistar seu marido e “procriador”. As mulheres antigamente se conformavam com o corpo modificado após a gravidez e

tornavam-se logo, típicas senhoras. Existiam as idéias ainda de que “a melhor definição muscular, o aumento da capacidade de respiração e a diminuição da gordura corporal, afastavam a mulher de seu destino natural – casamento e procriação” como revela Alonso (2003, p. 37).

Segundo Alonso (2003) o esporte permite uma mobilização de energia que provoca descargas hormonais, as quais permitem bem estar, aumento da auto-estima, consciência corporal e dos limites e potencialidades. A pessoa passa a ter, então, uma boa oportunidade de autoconhecimento e, conseqüentemente, ocorrem os questionamentos de valores, visões e representações sociais. Pode-se afirmar, com isso, que o esporte é uma inserção social que, além de causar melhora física, pode ainda ter sua contribuição na cognição, imaginário e na visão crítica de uma pessoa.

Os benefícios à saúde proporcionados pelo esporte devem ser lembrados e, dentre eles, encontram-se: a manutenção da massa muscular, a redução do risco do aparecimento precoce da osteoporose e dos sintomas do estresse (Patrícia Cortez, José Alberto Cortez e Simões, 2003).

Um fator interessante a ser considerado na participação da mulher moderna no esporte é exposto por Mourão (2003): a mulher esportista tem tendência a retardar o casamento e a maternidade, ou tem suas atividades esportivas diminuídas devido à pressão do esporte, dos treinos etc. Isso quer dizer que os diferentes papéis exercidos pelo gênero feminino podem ser difíceis e exigir muito esforço e garra das mulheres. Ela alcançou novos papéis ao se inserir no meio esportivo e tem muitos benefícios com isso, como já foi exposto, mas para isso pode ter de abdicar de alguns outros papéis, ou estabelecer prioridades.

O preconceito contra o gênero feminino no esporte se deve, na maioria das vezes, ao fato de que certos esportes como futebol, basquetebol e handebol, estão associados ao corpo e movimentos masculinos (Mourão, 2003). Os esportes de alto rendimento exigem, de uma forma especial um estigma social de masculinização (Simões, 2003). Muitas vezes as mulheres podem se sentir até na obrigação de expor características de feminilidade, como usar batom, ou bijouterias em um jogo de futebol, mesmo que muitas dessas características não sejam convenientes ou necessárias, para que não sejam tachadas de “mulher-macho”. As próprias definições do corpo,

como músculos mais avantajados, adquiridos pelos exercícios, ou apenas ressaltados, podem lhes dar um aspecto, que diante da sociedade crítica, lhes qualifiquem como “masculinas demais”. As mulheres geralmente são mais aceitas em esportes que mantêm seu corpo de uma forma que seja esteticamente aceitável, dentro do que se considera feminino.

Acusa-se a mulher que pratica esportes tipicamente masculinos de “mulher-macho” muitas vezes pela necessidade de agressividade nestes esportes. Porém, vale lembrar, que agressividade não necessariamente envolve violência. Pode-se ter por agressividade o comportamento de uma pessoa que toma atitudes, age, tem impulsos diante de estímulos de seu meio, um contrário de passividade. A violência necessariamente envolve agressão, ofensa etc., mas não necessariamente a agressividade envolve violência. Culturalmente, a mulher foi “polpada” em sua agressividade, pois foi lhe dada menos oportunidade de encarar conflitos e de ter necessidade de agir. A mulher “não teve, como regra, acesso ao universo duro e freqüentemente violento da ‘terra de Malboro’” (Silva, 2001 p.124).

Pensando-se a agressividade como sinônimo de violência, realmente além de ter essa característica em menor número que no gênero masculino a mulher ainda tem essa definição biológica, já que o hormônio masculino testosterona leva a uma maior tendência à violência, deixando os homens biologicamente mais “agressivos” (Silva, 2001).

Segundo Simões (2003), a mulher esportista, que atua em esporte de alto rendimento, o qual exige mais esforço físico, está sujeita à curiosidade das pessoas, as quais, despertadas por conceitos machistas e pelas notícias da mídia, buscam analisar a realidade que cerca essas mulheres. As pessoas se questionam sobre a feminilidade e outras características de gênero. Muitas vezes elas são chamadas de lésbicas e há toda uma suposição sobre suas vidas pessoais, e preferências sexuais.

Harris (1988) *apud* Simões (2003, p. 22) demonstrou em pesquisa que “94% das atletas não consideravam sua participação no cenário do esporte de alto rendimento como ameaça às suas condições femininas, sendo que 57% delas acreditavam que a sociedade as obriga a optar muitas vezes entre ser mais feminina e ser ‘mulher-atleta.’”

Uma consideração importante é que, muitos fatores estão envolvidos nos estereótipos e valores criados no esporte, como expõe Simões (2003):

o esporte moderno é dotado de significados e é também portador de estruturas de relevância para instituições, grupos e indivíduos – sociologicamente, constrói e propaga símbolos, mitos, crenças e valores promocionais que ratificam o interesse de grandes empresas estatais e privadas (p. 11).

Com influência de uma sociedade controladora, a mulher, mesmo equiparando-se ao homem, no esporte – e também em outras atividades – sofre muitas discriminações da mídia. Além de muitas vezes não ter privilégio nas reportagens em alguns esportes, as atletas ainda têm o corpo utilizado como foco das lentes das câmeras, com muitos closes em partes íntimas e comentários de narradores e comentaristas “homens” sobre sua beleza. É bem verdade que, historicamente, a mulher simboliza sexualidade, com as roupas e formas de se portar e isso se estende ao esporte. Exemplo disso é visto também nas diferenças de uniformes entre equipes masculinas e femininas. Emery (1994) *apud* Knijnik e Vasconcelos (2003, p. 172) enfatiza que os uniformes esportivos femininos têm sofrido uma crescente erotização, que apesar de aumentar o público nos jogos, “presta um desserviço às atletas, pois faz com que elas sejam reconhecidas mais pelos dotes físicos do que pelas proezas atléticas”.

Além disso, a sociedade realiza uma análise da capacidade feminina, aumentando a cobrança de resultados das mulheres: já que quer participar, “ser homem”, deve mostrar resultados. “Por causa dos estereótipos e padrões culturais e educacionais, esperam-se das mulheres diferenças de rendimento, menor atitude agonística e criam-se menores expectativas quanto ao êxito, atitudes, sentimentos, valores, comportamentos e atividades diferentes das dos homens” (Antunez, 2001; Gallo Cadavid e Pareja Castro, 2001 *apud* Brandão e Casal, 2003 p. 158). Porém, elas têm surpreendido.

Se a “inferioridade” física biológica da mulher tivesse sido considerada uma constante, que não pudesse ser “melhorada”, hoje as atletas não estariam onde estão, deveriam se encontrar num *ranking* muito aquém do que estão hoje, mas no nível competitivo e do esforço e de treinos a que estão se submetendo, se superam a cada dia. Se a diferença de força biológica fosse tão determinante assim, por que mulheres

que treinam em um mesmo nível que atletas homens, superam os recordes dos mesmos, em muitos casos? Já se sabe que, mesmo nos esportes que exigem muito esforço físico, há a necessidade de outras características nos atletas como a habilidade, a determinação, a disciplina, e isso vai além do biológico.

Segundo Odroizola (1987) *apud* Simões (2003, p.18), as mulheres apresentam algumas vantagens fisiológicas:

...tendem a ser mais resistentes a certas lesões, tais como tendinites ou distensões musculares, em virtude das inserções dos músculos no esqueleto e nos ligamentos, o que facilita as participações femininas em esportes que exigem maior flexibilidade e elasticidade.

Algo que dificulta a demonstração desse potencial feminino é que as mulheres não têm no mercado muitos treinadores especializados para orientá-las no treinamento diferenciado (Patrícia Cortez, José Alberto Cortez e Simões, 2003).

Torna-se evidente, que os esportes que exigem mais força física podem ser praticados por mulheres. Mesmo com estigmas de gênero masculino, bastam ser feitas adaptações (se é que estas são realmente necessárias) para que a mulher mostre que o seu gênero também inclui determinação, agilidade, força, competitividade, “jogo de cintura” etc.

Como já foi dito, dentre os esportes “essencialmente masculinos” tem-se o futebol. A participação da mulher nesse esporte, seja ele de campo ou de salão, traz discussões interessantes, muitas delas já expostas como os preconceitos e os estereótipos envolvidos e arraigados pela sociedade. O futebol foi considerado, pela sociedade, inadequado para as mulheres, por exigir resistência viril e músculos fortes, e tal preconceito tem perdurado até os dias atuais. O interessante a se refletir é a questão: por que em outros esportes que exigem esforço físico igual ou até superior ao futebol, não se tem tanto preconceito para a inclusão da mulher atleta como no futebol? Em esportes como basquete e judô, dentre outros, não se observa tanto preconceito como no futebol. A cultura parece ser um dos fatores mais determinantes nessa diferenciação, associando-se o esporte futebol ao gênero masculino, usando-se como uma “justificativa” a desigualdade física.

Sabe-se que o futebol é um dos ícones da cultura brasileira, o que pode ser visto com clareza pela expressão: o Brasil é “o país do futebol”. O esporte chegou ao

país por meio da elite jovem brasileira, mas rapidamente alcançou a sua popularização a classes sociais mais baixas. Segundo Daolio (2000), existem várias teorias que tentam explicar o porquê dessa popularização, dentre elas: o alto contingente negro na população nacional e a facilidade desta raça numa modalidade esportiva que exige habilidade com os pés, habilidade esta que seria facilitada pela disponibilidade corporal da raça; e a facilidade da prática do futebol em termos de regras, as quais são de fácil assimilação. Porém, Daolio acredita que tais teorias, por si só, não explicam o crescimento dessa “paixão nacional”. Para ele, o futebol adquiriu um poder simbólico na cultura nacional, adquirindo o poder de um fenômeno nacional.

E as mulheres, como ficaram nessa história? Talvez se não tivesse sido explanada a história de dificuldades vivida pelas mulheres em suas inserções no esporte (e nos demais meios sociais) essa informação, nos dias atuais, poderia parecer incrível: a competição no futebol feminino só foi liberado no Brasil pelo Conselho Nacional de Desportos (CND) em 1979. Antes disso, essa modalidade só podia ser realizada em forma de festivais (Knijnik e Vasconcelos, 2003).

De acordo com Carrano (2000, p. 97), ocorre no Brasil um fenômeno interessante: “a globalização no mundo do futebol faz com que os jovens adotem os seus clubes e ídolos globais”. Sendo assim, o futebol torna-se um dos fatores de identificação para os jovens em seu processo de formação de identidade de uma maneira muito forte na cultura brasileira. Ainda segundo Carrano (2000, p. 97), “a força global do futebol é impulsionada por imagens capazes de criar torcedores de times europeus, em bairros populares do Rio de Janeiro”.

O que faria, então, em um mesmo país, onde ocorre uma paixão tão forte por um esporte, homens e mulheres, não terem “direitos iguais de prática”? Talvez torcer seja permitido até certo ponto para as mulheres, mas a prática sofre constantes preconceitos e empecilhos. Já que o esporte é tão difundido e valorizado, por que as mulheres haveriam de ser excluídas de sua prática? Goellner (2000, p. 81) comenta:

Criado, modificado, praticado, comentado e dirigido por homens, o futebol parece pertencer ao gênero masculino, como parece também ser de seu domínio o julgamento de quem pode/deve praticá-lo ou não. É quase como se à mulher coubesse a necessidade de autorização masculina para tal

O futebol, por se caracterizar pela exigência de intenso esforço físico e pelos movimentos e lances mais agressivos, foi tabu para as mulheres brasileiras (e de outros países) durante muito tempo. Conforme foi descrito sobre a influência cultural patriarcalista nos esportes de alto rendimento, a exigência de atitudes mais femininas tornaram esse esporte masculino demais para elas. A cultura estabelece, então, algo como: futebol é coisa de homem, coisa de mulher é dança.

Deve-se levar em conta que o futebol é um esporte que exige tanto esforço físico como outros esportes ou atividades, mas é na cultura que está o determinante taxativo de sua “proibição” para as mulheres. Goellner (2000, p. 84) lembra-se do fato de que na Marinha, no Exército e na Aeronáutica as mulheres fazem treinamentos com altas exigências do ponto de vista físico, assim como em outras modalidades esportivas, e questiona: “Será que essas situações também não colocam em perigo a saúde da mulher e, conforme as preocupações vigentes, a sua função de procriar?”. Além disso, reforça com o fato de que “se o futebol pode ocasionar danos à saúde da mulher, também pode à saúde dos homens: treinamento excessivo, lesões freqüentes, pressão psicológica etc”.

Preconceitos contra jogadoras de futebol são muito comuns e um dos fatores mais cobrados é a presença de feminilidade nas jogadoras. Segundo Knijnik e Vasconcelos (2003), as jogadoras de futebol feminino, além de jogarem bem, precisam ter seu “visual aprovado”. As que corresponderem às expectativas estéticas terão maiores chances de aparecer na mídia, serem chamadas para entrevistas e, muitas vezes, terem maiores possibilidades de conseguir patrocinadores e alavancarem suas carreiras “esportivas”. É bem verdade que essa valorização da imagem também ocorre no futebol masculino, mas o enfoque no corpo e na sexualidade tem sido mostrada de forma muito forte no futebol feminino como um atrativo de público, vendas e IBOPE, pela mídia. Em outras modalidades também se observa o fato, mas no futebol feminino, talvez por este não ter um público certo, e por sofrer resistência cultural, a valorização do corpo e da beleza seria um “quê” a mais para possibilitar sua transmissão e divulgação.

Outro fator importante a se destacar é a associação constante de jogadoras de futebol com homossexuais, lésbicas, como se a prática do esporte fosse determinante

do comportamento sexual ou fator que promovesse a revelação do mesmo. As comparações de expressões e corpos como predominantemente masculinizados seriam “justificativas” da sociedade para a formação de tal preconceito. Porém sabe-se que não necessariamente as questões de gênero, feminilidade e masculinidade, estão diretamente ligadas a questões de escolha sexual. Portanto, tais justificativas são infundadas e baseiam-se numa óptica preconceituosa.

Apesar dos preconceitos e interesses envolvidos, a modalidade feminina no futebol tem crescido consideravelmente, acompanhando os demais esportes de alto rendimento. Exemplo disso é que, nas Olimpíadas de Sidney, 2000 o futebol de campo brasileiro feminino ficou em 4º lugar (Knijnik e Vasconcelos, 2003).

Outra modalidade que vem ganhando espaço entre as mulheres é o futebol de salão, o futsal. Praticado em ginásios e com regras e estruturas diferentes do campo, o esporte passa pelo mesmo viés de preconceito e tabus que o último. Talvez até de forma mais forte, pois, no Brasil, o futsal masculino também não é muito difundido pela mídia.

De forma geral, vale-se do fato de que a mulher virou assunto no futebol. Talvez, até então, tenha chegado com resistência, não tenha recebido a importância devida, mas chegou. Para Goellner (2000, p. 89), isso é uma verdade:

Felizmente, como as formas de resistência a transgressão ao que está culturalmente instituído existem, as mulheres, há muito, estão presentes no futebol. Vão aos estádios, assistem campeonatos, acompanham o noticiário, praticam o esporte, treinam em times, fazem comentários, divulgam notícias, arbitram jogos, são técnicas, compõem equipes dirigentes etc. Bem, digamos que, ainda muito timidamente, se compararmos à participação masculina. Mas que elas estão presentes no universo do futebol, não há como negar. E são muitas...

METODOLOGIA

Sujeitos

Os sujeitos são 10 pessoas do sexo feminino, entre 19 e 25 anos. Nove das 10 entrevistadas treinam ativamente no time universitário de futsal feminino da Universidade de Brasília do Distrito Federal. A outra jogadora está temporariamente afastada dos jogos do time, mas continua indo aos treinos para assistir.

As mesmas serão denominadas segundo suas iniciais, contendo aqui a idade correspondente a cada uma. RCM (21 anos), MSG (19 anos), PSB (20 anos), TIR (23 anos), PCR (25 anos), MSC (25 anos), PMD (19 anos), TRS (19 anos), TVG (20 anos) e TMG (21 anos).

Das 10 entrevistadas, oito são estudantes universitárias. Sendo seis alunas da Univesidade de Brasília, uma do curso de Psicologia e as demais estudantes de Educação Física. As outras universitárias são alunas do curso de Direito e Educação Física, do UniCEUB e Universidade Católica, respectivamente.

Cinco jogadoras trabalham. As atividades são bombeira, militar da Aeronáutica, atendente da Net, estagiária no TJDF e professora de natação e aulas para terceira idade.

Além dessas atividades, cinco atletas declaram praticar outros esportes, dentre eles duas praticam vôlei, uma faz basquete, uma faz capoeira, ciclismo e corrida e outra faz karatê e jiu-jitsu.

Técnicas e procedimentos utilizados

Foi utilizado um roteiro de entrevista semi-estruturada com uma média de 27 perguntas (vide anexo I). Dentre os temas principais das questões estavam: o preconceito contra as jogadoras; a feminilidade na prática do esporte e a cobrança da mesma; os motivos e objetivos que as mantêm no esporte; como é a participação da mídia na divulgação do esporte; e como encaram o corpo da mulher que joga futebol.

As entrevistas foram realizadas nos dias 05 e 10 de maio de 2004, antes, durante e depois dos treinos, no ginásio do Centro Olímpico da Universidade de Brasília.

Durante as entrevistas foi utilizado, com autorização prévia dos sujeitos, um aparelho gravador de fita K7 a pilhas marca Panasonic, para ajudar a garantir a exatidão das lembranças do conteúdo das respostas das jogadoras. As entrevistas foram, depois, textualmente transcritas (Anexo II).

Para a melhor verificação dos objetivos, as respostas foram agrupadas de acordo com os temas, sendo aferidas ainda, em alguns destes, a quantidade de respostas iguais ou semelhantes. Com base nos grupos de respostas de cada tema foi relacionada, então, a teoria estudada para construir-se a análise dos dados obtidos. Vale ressaltar que a seqüência em que as informações foram colocadas pelas atletas foi menos importante do que a pertinência do conteúdo apresentado, isso quer dizer que, independente do dado ter sido colocado diante de uma pergunta que não questionava tal informação, a última pode ter sido aproveitada para a aferição de outro objetivo.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

É importante destacar de início algumas informações interessantes sobre o cotidiano das atletas entrevistadas. Das 10 jogadoras, seis são estudantes de Educação Física. Um conhecimento aprofundado pelo esporte deve-se possivelmente a esse fato, conhecimento esse que ficou claro em algumas afirmações com fundamentações bem técnicas que as mesmas fizeram. Este fato é compatível com a opinião de Puni (1970), a qual estabelece que na alta fase de motivação para o esporte, aparecem motivos para transmitir os conhecimentos esportivos para outros. Também é coerente com a afirmação de Valdés (1984), que assinala como sujeitos idôneos para o ingresso nos Institutos de Cultura Física, sujeitos vinculados ao esporte de rendimento.

A maioria das referidas jogadoras teve como experiência primeira o futebol de campo, tendo acesso ao futsal mais na faculdade, onde tiveram a possibilidade de entrar no time do qual fazem parte hoje.

Outro fato interessante é que três das cinco jogadoras que trabalham, atuam com atividades que exigem esforço físico: uma é bombeira de busca salvamento, outra militar da Aeronáutica e outra professora de natação. O gostar de esforço físico parece já estar bem arraigado na identidade dessas mulheres. O padrão de identificação das mesmas com o esporte pode se dever ao fato de terem preferência por atividades mais dinâmicas e físicas. A idéia de que a motivação para a prática de um esporte seja pelo “gostar” é relatada em diferentes estudos. Palaima *apud* Valdés (1996), por exemplo, afirmou que os principais motivos da prática do esporte consistem na atração emocional imediata.

Cinco jogadoras relataram praticar outras atividades físicas: vôlei, basquete, capoeira, ciclismo, corrida, karatê, jiu-jitsu e natação. Algumas atletas praticam outras atividades exigidas pela faculdade, no caso das estudantes de Educação Física.

Quando questionadas sobre sua iniciação no esporte revelou-se, em cinco casos, a incidência do colégio como local onde houve o primeiro contato com o futebol. A família vem em seguida, com dois casos. A vizinhança, a faculdade e a igreja foram os outros ambientes citados.

Algo interessante, é que, normalmente, a iniciação, quando feita com idade menor, entre 6 a 8 anos, era feita jogando-se com meninos, como revelam três

entrevistadas. Os meios eram o familiar e a vizinhança, o que mostra que, possivelmente, nas escolas e em outros ambientes, o futebol feminino ainda era tabu. As escolas, pelo menos há 10, 12 anos atrás, de acordo com os relatos, mantinham muito o padrão de gênero feminino nas atividades com crianças, privando as meninas de atividades como o futebol, tipicamente masculinas. MSG revela que até no colégio, com mais idade, tinha essa dificuldade: "... no colégio, alguns sabiam que eu jogava, outros não, porque no colégio não tinha nem a possibilidade da gente jogar futebol, as meninas não jogavam futebol, jogavam vôlei". MSC confirma esse fato com o relato: "Eu já tive oportunidade de estagiar e as meninas de 1ª a 4ª ainda têm isso ainda muito forte. A criança acha que o futebol é do menino, e a boneca (...) você fala assim: 'bola', é homem, ainda não interpreta muito bem. Tá mudando (...) eu vejo meninas de sete, oito anos, de vez em quando aí na rua jogando, mas isso é quando o ambiente dela também, na rua, na quadra, no condomínio ela tem essa vivência. Então, a escola não dá essa brecha...".

As diferentes inserções a que estavam submetidas as entrevistadas demonstraram ter sido, em muito, determinantes para possibilitar a inclusão das mesmas no futebol. Como já foi dito, o contato com os meninos na família ou na vizinhança parecem ter permitido a iniciação de algumas fora do ambiente escolar. RCM deixou clara essa influência: "Comecei a jogar desde pequena. Sou filha única, tinha muitos primos, aí, para brincar com primo tem que ser de bola, tem que ser de pé descalço na rua...". MSG, com sua vizinhança, passou por situação semelhante: "... eu comecei mais ou menos com uns sete anos (...) como eu sempre gostei muito do futebol, o pessoal gostava de jogar e eu me intrometia no meio (...) mais com os meninos, também, porque tinham poucas meninas que jogavam, né?".

Como foi dito, a maioria teve sua inclusão no futebol no colégio, já com uma faixa etária dos 12 aos 17 anos, aproximadamente. No colégio, com exceção de uma jogadora, a iniciação foi com mulheres, em times femininos formados com apoio de professores. Nesses times a questão do gênero talvez já tenha sido amenizada pelo fato da convivência ser de mulheres e de se fazer, talvez, um jogo com enfoque mais feminino. Uma afirmação que pode corroborar essa hipótese pode ser a de MSC: "...tanto que muitas vezes eu só joguei realmente onde tinha um time totalmente

feminino pra evitar certos comentários, porque eu não me sentia bem, então eu joguei.” Isso leva a crer que, talvez, pela própria criação que tiveram em torno do gênero, do “não poderem se misturar com os homens”, em muitos casos, as atletas deveriam se sentir mais a vontade com outras meninas participando do esporte.

Uma questão interessante levantada por uma atleta, foi a de se considerar que haveria uma certa tendência da inserção no futebol pela mulher por apenas uma conseqüência das preferências das brincadeiras da infância, dos tipos de atividades e comportamentos dos quais gostavam. Haveria uma rejeição por parte de muitas de alguns padrões de atividades predominantemente femininos e uma tendência a certas atividades tidas como mais masculinas. A jogadora TIR relatou: “Bom, eu gosto porque eu sempre gostei de esporte. Desde pequenininha eu sempre gostei, e eu acho que vai mesmo de uma tendência. Se você for olhar pelas meninas aqui, nenhuma era muito de gostar de brincar de bonequinha, gostava de atividades mais de correr, de pique esconde, de pique e pega. Então, eu acho que isso é uma coisa que você vai encontrar muito em comum entre a gente, e eu acho que foi isso que me levou hoje a jogar futebol (...) tem que ter muita agilidade, tem que ter (...)são muitas coisas que você tem que ter pra jogar futebol de salão...”.

É importante destacar que o meio em que TIR vivia, foi “favorável” para que isso acontecesse, principalmente porque na época em que começou a jogar, não teve oposição de sua mãe: “...minha mãe nunca falou nada (...) nunca se opôs não”. Isso remete à importância da influência da família, dos pais, na formação da identidade de gênero. Lembrando-se da afirmação de que os pais “ensinam os filhos a que gênero pertencem, que comportamentos e símbolos devem incorporar à sua identidade”, torna-se interessante buscar compreender a influência e os padrões de comportamentos que os pais das jogadoras tiveram quando as mesmas ingressaram no futebol. Apenas três jogadoras declararam incentivos de ambos os pais. Duas sofreram resistência por parte da mãe, sendo que uma delas declarou o apoio do pai, a qual foi MSC: “minha mãe nunca gostou muito (...) ela tem medo de eu me machucar (...), mas meu pai ia no jogo comigo, eu ia ver os jogos dele porque ele jogava também pelada com os amigos”. Duas citaram resistência por parte do pai, como PSB: “No começo meu pai não gostava não. Com medo de eu me machucar, porque eu só jogava no meio de homens... Mas,

quando eu entrei pra jogar, em time mesmo, aí meu pai incentivou”. Uma sofreu resistência de ambos, e relatou ainda sofrer até hoje: “Os dois, até hoje eles ficam me perguntando. Minha mãe fica ‘Ah, você gosta muito de apanhar’. Porque sempre tá roxo, cheia de machucado e tal, aí minha mãe direto: ‘Ah, você gosta muito de apanhar, não sei o quê, você é menina, e essa perna roxa’”. Duas relataram que os pais ficaram indiferentes, nem apoiaram nem proibiram.

É interessante destacar que a maioria das justificativas dos pais, tanto das mães quanto dos pais foram o “medo de machucar”, relatado por cinco jogadoras. Porém, algumas observações podem mostrar a influência da cultura como predominante, sendo talvez tão significativa quanto tal medo. A “perna roxa”, por exemplo, não poder ser de menina demonstra a cultura de gênero de que a mulher é o sexo frágil, que não pode “se machucar” e que deve estar sempre bonita. Outro fator interessante é que o pai, talvez por ser do sexo masculino, teve receio da filha jogar com meninos. Será que era só pra não se machucar? Ou não seria também receio de que sua filha sofresse assédio, ou preconceito? Possivelmente sim. Ainda em relação aos homens, é interessante pensar que pelo fato de gostarem muito do esporte a aceitação pode ter sido mais fácil, como mostra as falas citadas: “quando eu entrei pra jogar, em time mesmo, aí meu pai incentivou” ou “meu pai ia no jogo comigo, eu ia ver os jogos dele porque ele jogava também pelada com os amigos”.

A questão do incentivo ou não dos pais, portanto, mostra que a inserção no esporte pode ser facilitada ou dificultada. De acordo com a cultura dos mesmos, em ceder ou não à pressão da sociedade e aos padrões ditados pela mesma na criação de seus filhos, poderia existir hoje um time diferente para a Unb: se as resistências tivessem sido mais fortes, ou o apoio tivesse sido pouco motivador, muitas delas poderiam ter desistido ou mudado de esporte.

Algo que não pode ser esquecido, ainda, em relação à fala dos pais, é a questão do futebol como um esporte que “pode machucar”. Como foi visto, o futebol pode trazer, talvez, bem menos machucados que o basquete ou o judô. Se tivessem tido filhos homens esses pais fariam a mesma coisa para eles? Ou esses filhos se machucariam menos que as filhas? Com certeza valeram-se do preconceito para não

se fazerem tais questionamentos. Foram levados pela cultura que dizia: cuidado, o futebol é algo “bruto”, cuidado com suas meninas.

De modo geral, os pais dessas jogadoras se mostraram mais permissivos do que punitivos. Isso pode remeter ao fato de que os pais dos anos 80 a 90, aproximadamente, época em que as jogadoras passaram pela infância, tiveram muitas mudanças nos seus comportamentos em relação à postura típica de pais dos anos 60 ou 70, por exemplo. Essa permissão da “liberdade”, principalmente por parte dos homens, possivelmente não teria sido vista em anos anteriores. Por mais que tenham resistido em muitos aspectos, como foi relatado, estes pais mostraram uma certa flexibilidade da postura de autoridade, algo que historicamente deveria ser raro para o gênero masculino. As mudanças culturais, como pôde-se perceber, têm conseqüências muito significativas nas relações sociais. As mudanças de atitude desses pais refletiram na posição que ocupam hoje suas filhas.

As situações acima descritas remetem à questão da identidade como “agente modificador da cultura e que sofre as conseqüências dessas mudanças”. À medida que essas mulheres incorporaram essas características do gênero masculino à sua identidade em sua infância ou adolescência, como prazerosas e suas, puderam modificar um pouco a cultura e, conseqüentemente, foram influenciadas pelas mudanças. Uma das influências que sofreram, em grande maioria, foi o preconceito.

As atletas foram questionadas se sofreram preconceito dos amigos, ou qualquer outro preconceito quanto à prática do futebol. Muitas relataram ter sofrido alguma discriminação, direta ou indiretamente, ou ter sido alvo de boatos. Outras declaram não ter sofrido, mas acham que isso se deveu ao fato de que seu círculo de amizades maior pertencia ao futebol. Outras não caracterizaram o que sofreram como preconceito, mas denominaram como espanto ou surpresa a reação das pessoas. Vale-se de alguns relatos para a melhor compreensão: RCM percebeu que, no meio esportivo, não teve problemas, mas sofreu preconceito de pessoas “de fora”: “eu entrei num grupo no qual era normal (...) lógico que pelo pessoal de fora sim, sempre teve o preconceito, isso aí sempre tem e vai ter até (...) primeiro falavam que eu não sabia jogar bola, que jogar bola não era coisa de mulher e até mesmo preconceito na questão da sexualidade, né? Enfim... essas coisas de lésbica ou algo do tipo, né? (...) Inventam

boatos. Ainda mais quando a gente é mais novo, é adolescente, coisa assim, que a gente se preocupa, que a gente escuta muito o que os outros falam. Eu ficava muito chateada, antigamente. Agora, hoje em dia, eu não fico mais. Mas, por várias vezes... Até hoje o pessoal comenta, boatos, mas...". MSG, semelhantemente, relatou que, do meio em que praticava o futebol, não surgiram problemas, sendo as "pessoas desconhecidas" as responsáveis pelo preconceito: "O pessoal do bloco, assim, da quadra, mais próximo, era tranqüilo. Sempre incentivava, queria que jogasse junto porque: 'Ah não, você joga bem...'. Ou então: 'Vamos equilibrar'. Mas, tinham pessoas desconhecidas, que tinham aquele preconceito, viam a gente jogando e: 'Ah, não, futebol é coisa de homem, sai daí', e tal. Ou até mesmo: 'Ah, você é muito frágil, vai machucar, é mulher'. Ou então a questão mesmo que eles chamavam: 'Ah, não é sapatão... é lésbica, que não sei o quê', 'Isso não é coisa de mulher...". TIR relatou que em muitas ocasiões sentia um preconceito indireto: "Você percebe no jeito da pessoa, né: 'Ah, é meio macho... é, parece homem', ainda mais eu que tenho cabelo curto. Aí sempre vêm aqueles comentários. Às vezes eles não falam pra você, mas você sente que tão comentando por perto". A mesma jogadora passou ainda pela seguinte situação: "Já sofri preconceito aqui, num campeonato que teve, que era o masculino e o garoto que tava apitando ele apitou errado, né? Ele errou na hora de apitar, aí eu fui falar pra ele: 'Não, no futsal a regra não permite fazer isso', aí ele ficou indignado: 'Você é Maria homem, Maria machadão, tá achando que sabe tudo é? Você não sabe nada não!'. Ah, falou um monte de coisa... ". Situações de espantos foram descritas, como no caso de PMD: "Só surpresa quando você diz que faz, 'ah, que é que você tem agora?' 'Futebol'. 'Ah, você faz futebol?' Faz uma cara de espanto, principalmente os homens, eles estranham: 'ah, você joga?' E não que você faz balé, ou coisa assim... ". Por fim, uma colocação interessante foi de PCR, hoje com 25 anos, que acredita não ter sofrido preconceito pelo fato de ter começado a jogar tarde, com meninas, com 16 para 17 anos: "Não, eu acho até que eu comecei a jogar relativamente tarde (...) as meninas da minha idade, que começaram mais cedo tiveram um contato maior pra jogar com os meninos, então, eu acho assim, que, até mesmo inconsciente eu acho que deve pegar algum tipo de, sei lá gritar igual os meninos, entendeu? Algum estilo de jogo igual. Agora, eu não cheguei a jogar com os meninos, eu comecei jogando com meninas,

quando eu comecei a jogar que eu era mais velha eu já comecei a jogar com um grupo de meninas, então eu acho que ainda não tive isso...”.

De forma sutil, ou de forma clara o preconceito, as críticas e demais comportamentos movidos por estereótipos ficaram claros na vida das atletas. Isso confirma o fato de que, o futebol, tido pela sociedade como um esporte tipicamente masculino, não é encarado com naturalidade, como algo normal para uma mulher, seja ela criança ou jovem. O mais agravante é que grande parte dos depoimentos revelam fatos recentes de preconceito ou discriminação. É bem verdade, porém, que muitas não sentiram o preconceito diretamente, e isso é um bom motivo para se ter uma esperança de que o esporte esteja caminhando para uma maior abertura ao feminino. Não se pode esquecer que a própria mudança na postura proibitiva e preconceituosa, para uma maior flexibilidade e aceitação que os pais das novas gerações vêm sofrendo é um fator muito importante para o crescimento da participação da mulher no esporte.

Para corroborar melhor os dados sobre preconceito, algumas informações foram colhidas sobre a existência ou não do mesmo contra a jogadora de futebol feminino, independente de ter ocorrido com elas ou não, e, caso a resposta fosse afirmativa, de quem partia mais o preconceito. Notou-se que mesmo algumas das jogadoras que não sofreram o preconceito, concordaram que ele existe. Outras acreditam que ele existe, mas diminuiu. Outro dado é o de que acreditam partir mais de homens do que de mulheres. Alguns relatos poderão exemplificar bem as opiniões expostas: MSG afirmou “Eu vejo mais dos homens, que eu veja. Não sei, eu vejo mais os homens comentando. Mas, não é exclusivo. Tem mulher também que continua com esse pensamento de que: ‘Não, isso é coisa de homem, sai daí’. Eu vejo mais dos homens, na minha convivência”. Já MSC, relatou: “Olha, a crítica mais dura eu acho que são das mulheres. Só que, assim, como o homem acompanha mais o futebol, né, porque se a mulher ela não gosta ela nem vai ver o jogo, então ela não vai perder tempo em ficar criticando, ela nem vai ver o jogo (...) os homens, eles admiram a qualidade técnica: ‘caramba, aquela ali joga muito, não sei o quê, e tal’. Mas, assim, se tiver que se relacionar com você: ‘ah não, joga bem, mas eu não teria coragem com uma garota...’.

Como pôde-se perceber, mais uma vez ficou clara a discriminação com as jogadoras, e agora com um “vilão” a mais: o homem. Como ficou claro em alguns relatos, mesmo sendo um admirador da técnica do futebol, o homem não aceita com facilidade uma mulher “invadir seu universo masculino”. Reforçando a idéia cultural de que a mulher seria o sexo frágil e não deveria participar de um esporte de alto rendimento como esse. Não pode ser esquecido o relato de que as “mulheres têm as críticas mais duras”, podendo ser isso resultado da cultura que receberam da sociedade de que deveriam ser femininas, delicadas, e que ter comportamentos mais “brutos” era inaceitável e “coisa de homem”.

De modo geral, em relação ao preconceito, ficou clara ainda a “confusão social” sobre a sexualidade das jogadoras de futebol. Em alguns depoimentos relatou-se que realmente existe homossexualismo no futebol feminino, mas, tal fato, não dá argumentos suficientes à sociedade para taxar uma mulher de lésbica somente pelo fato de praticar um esporte de alto rendimento. Como se sabe, culturalmente tende-se a confundir gênero com sexo. No entanto, não é porque um esporte é historicamente masculino que quem praticá-lo fará uso de tipicidades sexuais masculinas. Não se pode esquecer, ainda, que o lesbianismo existe também em outros esportes, como foi lembrado por algumas jogadoras, e em muitas outras facções e grupos sociais, como no meio artístico.

Explorou-se ainda alguns aspectos presentes nos relacionamentos sociais que poderiam estar ocorrendo com essas jogadoras. Para que fossem colhidas mais informações sobre a aceitação da sociedade, foi questionado às mesmas se elas achavam que o futebol dava status ou trazia benefícios com relacionamentos com os homens, na sexualidade. Em relação a status as respostas foram interessantes. Entre as jogadoras estudantes de Educação Física, quatro responderam que na faculdade acontece um pouco, ou visivelmente, esse fenômeno com as jogadoras que se destacam, ocorrendo, porém, situações opostas, em que o status dá lugar ao “preconceito” ou ao “achar estranho”. Algumas falas poderão deixar mais clara a exposição: TIR trouxe sua experiência na faculdade: “pelo menos, os amigos, eles se aproximaram mais de mim por causa do futebol, aí viram jogar aí: ‘ah, a T joga, e tal, legal’. Inclusive eu jogo até com eles, então, assim, aqui na faculdade me deu ajuda,

me deu mais facilidade de me aproximar das outras pessoas...”. MSG afirmou: “Dependendo do local, sim. Aqui na faculdade eu acho que tem um pouco disso sim, porque são poucas meninas que jogam, então se você joga e se destaca um pouquinho, não precisa ser a mais craque do mundo, mas se destaca um pouquinho, aí ficam: ‘Óh, sabe jogar’ e tal (...) mas às vezes botam pra baixo (...)aí aparece uma menina que joga muito bem, aí volta aquela questão do preconceito: ‘lh, aquela ali é homem, olha o jeito, ó não sei quê’, sabe?”. PCR declarou: “dependendo do ambiente, por exemplo, na Ed. Física, como já tem uma tradição de ter o internão, e tal, aí as vezes falam: ‘ah, legal você joga’, e às vezes já falam ‘ah, você joga futebol, já olha assim que, nossa acham estranho”. Os dois últimos relatos, como pôde-se perceber, revelaram uma sociedade dividida, a qual, ao mesmo tempo que “permite” a mulher no mercado de trabalho, no controle da família, ainda tem resistências quanto até mesmo estudantes de Educação Física praticarem um esporte como o futebol, e muitas vezes surgindo comentários justamente sobre as jogadoras destaque. Essa parece ser uma tendência realçada pelo preconceito ou gerada talvez pela tentativa de se frear o crescimento das mulheres por parte dos homens, ou quem sabe por inveja das mulheres do meio esportivo. Esta tentativa dos homens em “frear” as mulheres revela uma busca do homem atual em manter sua masculinidade, sua posição, reforçando o relato de Silva (2001), no qual ele declara que os homens têm buscado ser mais fortes e demonstrar melhor desempenho para manter a “hegemonia”. Tal fenômeno também foi questionado por R. Campos e I. V. Trombetta (2001), que relataram que os “homens ficaram perdidos diante da nova mulher”. Essa confusão e ansiedade do homem atual, possivelmente reforçaria a postura dos mesmos de confrontar e impedir o crescimento da mulher atual.

Observa-se ainda uma peculiaridade do futsal, o fato de ele não ser um esporte muito reconhecido. Isso pode dificultar um destaque social maior, um status, para quem o pratica, como relata MSC: “Olha, eu não vejo muito por esse lado não, principalmente o futsal, ele ainda tá, ele não é um esporte olímpico ainda (...) Então ainda não é uma coisa que te dê um status, não existe competições com prêmios financeiros, então, te dá um status de repente na faculdade (...) eu entrei aqui na Unb ano passado, mas o nosso time ganhou, eu fui a artilheira e, pô, todo mundo me conhece hoje. Então aqui é

legal isso porque isso ajudou a integrar rapidamente, eu falo com gente de tudo quanto é semestre graças ao futsal, mas, pra fora, a vida financeira, eu ainda não vejo nesse sentido”.

Para concluir a questão do *status*, outras colocações foram relevantes. Três atletas acharam que *status* não existia, mas ocorria curiosidade, o “achar diferente” ou “quebra de tabus”. No lugar do *status* ocorreria, então, uma reação diferente, uma atenção especial. RCM declarou: “não é um *status*, mas desperta uma certa curiosidade, o pessoal fica curioso, principalmente os homens, né? ‘Pô, será que joga, será que não joga?’ Aí, quando vê: ‘Pô, realmente joga bem’. Aí já começa a respeitar”. PSB trouxe a idéia: “Todo mundo vê o futebol feminino como uma coisa diferente. Sempre tem isso”. Por fim, TMG declarou: “Só assim, de quebrar tabus, as pessoas vêm como corajosas, porque é tradição só homem jogar”. Nessas declarações torna-se interessante a idéia da curiosidade e do interesse da sociedade e talvez, ainda, um possível apoio da mesma. Isso quer dizer que a mulher, no futebol, mesmo que “sutilmente”, está despertando também bons comentários, talvez pelo próprio fato de jogar bem, como relatou RCM, e por ter sido “corajosa” o suficiente para encarar essa nova inserção social.

Como foi dito, houve ainda a investigação sobre a possível existência do benefício com os homens, nos relacionamentos “amorosos” das mulheres que praticam o futsal. Duas acreditam que o homem pode ter preferências pelas mulheres jogadoras de futebol por causa do corpo bem trabalhado: TMG declarou: “Tem uns que preferem por causa do corpo”. MSG, além disso, declara ainda que pode ocorrer o contrário, uma barreira dos homens pelo preconceito: “O futebol propicia ter um físico legal, então, de repente, atrai mais da atenção, mas eu vejo também a questão do contrário... De repente aqueles que ainda têm a barreira, de repente: ‘Ah, aquela ali tá mais pra lá do que pra cá, não sei quê’ e tal”.

A questão do preconceito também foi citada em outras respostas. RCM acredita que isso vai depender do homem: “eu acho que desperta interesse, é igual eu falei, eles têm curiosidade, né? Assim como muitos têm receio, de: ‘Pô, isso aí é sapatão’, ou algo do tipo. Mas, muitos têm curiosidade, e, hoje em dia, já não é mais tão estereotipado como era”. Além de RCM, MSC também acredita que atualmente, nos relacionamentos,

o preconceito tem diminuído, sendo dependente da maneira como a mulher se apresenta: “há 10 anos atrás sem dúvida você ia ficar sem namorado, eu posso te dizer isso. Se você dissesse que praticasse futebol já era mais ou menos... metade do interesse dele por você já ia acabar, eu posso te dizer, afirmar mesmo. Mas hoje em dia não, tem muito menino que apóia, na faculdade eles vêm torcer, lógico que eles falam: ‘Pô, fulana joga igual homem’ e a menina tem um jeito... também depende muito do jeito que a menina joga, e como ela se apresenta”. Tal postura mostra mais uma vez a mudança no padrão de atitudes da identidade do gênero masculino. Os mesmos, mesmo que forçados pelas circunstâncias, têm demonstrado mais flexibilidade em muitas situações, contrastando com a rigidez e dureza do homem típico. Por fim, algumas acharam que jogar futebol não influencia ou não afasta os homens.

Algo muito interessante no fator relacionamento são as condições observadas: o corpo é atrativo em alguns casos, mas os aspectos masculinos, comportamentos e características podem repelir. A curiosidade pode ser forte, e talvez seja um dos fatores que tem promovido a queda do preconceito nos relacionamentos exposta anteriormente. Mas são interessantes os argumentos do preconceito: ser “sapata” ou “joga igual homem”, fundados no gênero e na sexualidade.

Outro fator relevante acrescentado foi a importância da feminilidade para a quebra desses tabus, como relatou MSC: “depende muito do jeito que a menina joga, e como ela se apresenta”. Isso dá a idéia de que a mulher, para quebrar as barreiras do preconceito, precisaria ser feminina, manter características do seu gênero para mostrar ser mulher. Elas precisam “fazer gênero”, mostrar seu lado feminino, se não quiserem ser tachadas de “mulher-macho”.

Essa questão da feminilidade foi explorada a fundo na pesquisa. As entrevistadas foram questionadas quanto à importância, utilização e cobrança de comportamentos e aspectos tipicamente femininos na prática do esporte. Nas respostas muitas deixaram claro que essa questão da importância e utilização é algo que vai de pessoa para pessoa, que é uma coisa que deve ser respeitada, que vai de cada um, como é o caso de TRS: “Eu acho que cada um é cada um. Tem meninas que são mais vaidosas, se arrumam mais, colocam uma coisinha no cabelo, tem outras que não estão nem aí. Eu acho que vai de cada um mesmo”.

Duas atletas acreditam que a mulher deve ser feminina, não precisa usar roupas de homem, mas não para mostrar para a sociedade. MSG relatou: “eu acho que independe de desmistificar ou não, a pessoa tem que se sentir bem, do jeito que gosta (...) Então, acho importante tar cuidando sim, dessa questão da vaidade, mas sempre procurando se sentir bem, não porque vão achar que eu vou ser mais feminina ou não, mas procurando se sentir bem, se aquilo ali te faz ficar legal, se sentir bem”. PMD afirmou: “Não acho que precise (mostrar para a sociedade), mas acho também que a mulher pode continuar a roupa que ela usa no dia a dia, não precisa usar um traje de homem pra jogar futebol, não precisa colocar o short largo, uma blusa gigante, ela pode tanto vestir essa roupa quanto uma roupa de mulher, uma calça mais justa”. Tais colocações demonstram uma certa despreocupação com o preconceito da sociedade, mas ao mesmo tempo uma postura de buscar manter a feminilidade que, para elas, parece ser agradável.

Duas jogadoras acham que não é importante utilizar-se de comportamentos e características femininas no futebol. TMG afirmou: “Não, eu não acho. (...) Eu, por exemplo, não preciso passar batom, nem pentear o cabelo pra jogar, pra mostrar que eu sou mulher, que eu não sou sapata, nem nada disso...” Essa afirmação revela que a identidade de gênero muitas vezes está diferenciada e flexível nos dias atuais. Mesmo já tendo sofrido preconceito, TMG não considera importante desmistificar os estereótipos com a utilização de símbolos e comportamentos de feminilidade.

Três jogadoras relataram ainda que é importante ser feminina. PSB afirmou: “Eu acho que, manter mesmo, porque senão, se eles falam que é masculino, né? Então a gente tem que quebrar isso, mostrando que a gente é feminina”. PCR também opinou: “por mais que jogue bem tem um jeito de jogar que não precisa ser tão masculino. Então, assim eu acho que é importante não deixar de ser feminina mesmo jogando futebol”. Por fim, MSC coloca: “...acho até ruim para contribuir como estereótipo quando a menina se porta como homem dentro de uma quadra. Através do vocabulário... às vezes não tem necessidade de xingar, fazer gestos, eu acho que isso contribui muito pra manter essas características. Então, eu rebato quando vejo uma menina se comportando desse jeito. Mas, aquilo também, se você já era assim antes de praticar, você não vai ficar feminina só pra mostra que é (...)Eu acho que a mulher não

é igual ao homem, ela é mulher e o homem é o homem, então não tem que ser igual. Igualdade não é ao pé da letra assim, eu acho que você pode ter um esporte feminino sendo futebol”.

As declarações descritas no parágrafo anterior mostram claramente como as próprias jogadoras se colocam quanto à questão do combate à masculinidade como uma forma de combater os estereótipos. Atitudes como xingar, usar “shortão”, tipicamente masculinos, para elas, não são necessários, e podem ser evitados. É possível, portanto que o futebol, mesmo com sua intensidade física e “agressividade” tenha uma “cara feminina”, como foi visto no depoimento das atletas.

Outra colocação que deve ser relevada quanto à importância da feminilidade foi a de TIR. Para ela não é importante mostrar características de feminilidade, porque acredita ser uma questão intrínseca das mulheres que jogam futebol não ligar muito pra isso. Com os relatos já vistos sabe-se que ela não teve muita concordância, já que muitas deram valor à feminilidade. Porém, sua declaração foi muito interessante: “quando você coloca a mulher no futebol você já vê um biotipo diferente, é aquela mulher que é menos vaidosa, ela gosta mais de andar meio largada, como os homens, e talvez, por isso exista essa associação de ‘ah, mulher macho’, mas eu acho que a relação da mulher e da maneira que ela se veste dentro do futebol vem mais do que o esporte atrai essas pessoas assim... porque eu não tô hoje assim de camiseta e short bem à vontade, porque eu jogo bola, é porque no futebol eu posso estar a vontade, então eu me sinto bem”.

Quanto à utilização de características e comportamentos tipicamente femininos observa-se que quatro das jogadoras afirmam se utilizar com frequência, em alguns casos sendo limitadas a usar menos do que gostariam. PCR declarou: “se eu pudesse, por exemplo, brinco é obrigado a tirar. Se eu pudesse jogava de brinco, né, um exemplo”. MSC acrescenta: “eu, pelo menos (...) tomo meu banho antes, me arrumo, eu gosto. Na parte mesmo dos uniformes, eu acho que se todo time pudesse investir num modelo feminino pra mim eu ia apoiar na hora. Porque eu acho que ia favorecer pra imagem do esporte e desmistificar isso”.

O próprio esporte, suas regras e dinamismo, restringe um pouco a utilização de certos objetos, como o brinco, por exemplo. Em campeonatos ele deve ser retirado ou

coloca-se um esparadrapo na orelha, informação dada por PSB. Mas, como pôde-se perceber, isso não impede que a “feminilidade” e “ vaidade” típicas da mulher sejam mostradas. O interessante ainda é que, mesmo algumas que declararam não ser importante mostrar a feminilidade, afirmaram se utilizar de alguns “símbolos da mulher”, que foi o caso de RCM: “Eu falo que pra mim não tem problema, mas eu faço questão de usar corrente, hoje que eu tirei brinco que da última vez eu me machuquei. Perfume, batom, normalmente eu não uso porque eu esqueço, mas esses comportamentos todos normais a maioria tem (...)quando leva uma bolada: ‘Ai meu Deus, vai me dar varizes’.. ou algo do tipo: ‘Ai meus Deus, tem que fazer... olha só como é que está a unha do meu pé, tá toda detonada!’”.

Três declararam usar, mas não ligarem muito, procurando não estarem muito desarrumadas, por exemplo. MSG colocou: “Claro, você quer estar bem, você não quer ficar toda avacalhada, né? Todo mundo tem sua vaidade (...) em relação à vestimenta mesmo, você procura não estar, sei lá, com um saco de batatas, né? Aquela roupa que parece que você tá de camisola... um short legal”. TRS respondeu: “Não muito, mas também eu procuro não ir bem desleixada, com o cabelo mais presinho, sempre coloco um brinco nem que seja pequenininho, mas bem pouco mesmo”. Uma declarou não ligar nem um pouco e uma falou que só se utiliza de batom e outras coisas do gênero feminino em festas mais “sociais”.

As respostas, como fica claro, tenderam mais para a utilização de símbolos, características, como brincos, batons etc. do que para os comportamentos, mas pôde-se perceber que os comportamentos, mesmo que mais “inconscientes” estão freqüentes na forma de jogar ou de encarar os fatos, como disse RCM na associação da bolada com varizes, e MSC ao falar “tomar banho”. Tais afirmações mostram peculiaridades do comportamento feminino, o que dá a entender que os homens não ligariam muito para essas duas atitudes.

De forma geral percebe-se que a prática do futebol não é sinônimo de perda de feminilidade. Tal afirmação é pertinente com o resultado da pesquisa de E. B. Silva (2000). O mesmo, aplicando uma pesquisa principalmente baseada na observação de adolescentes em diferentes momentos, buscou verificar se o treinamento do futsal modificava as características femininas, comparando-se com o treinamento de

handebol e com meninas que não treinavam, devido ao fato de que ao futsal seria atribuída a masculinização, o que não acontecia nos outros dois grupos. Com a pesquisa de características femininas em comportamentos como caminhar, gesticulação, fala e na utilização de maquiagem e vestuário, observou-se que não havia diferenças significativas de feminilidade das meninas que praticavam o futsal para as outras, o que significava ainda que as primeiras não teriam selecionado o futsal como esporte a partir de necessidades masculinas, havendo ainda um aumento da feminilidade das meninas dos três grupos após o treinamento.

E a cobrança? A feminilidade é cobrada pela sociedade? Oito declararam que sim. Uma atleta ficou na dúvida, acha que cobra, mas ela não liga para isso. A jogadora que declarou que a sociedade não cobra, PMD, acredita que têm meninas que têm o jeito masculino, e não soube declarar que relação tem isso com o futebol, se é o mesmo que determina esses comportamentos ou se o esporte é que atrai pessoas assim. Das nove meninas que afirmaram que a sociedade cobra uma postura feminina das jogadoras de futebol, podem ser transcritos alguns relatos: RCM expôs: “acredito que tenham várias pessoas que se sentem cobradas sim, aí por isso que a menina faz questão de usar um lacinho diferente... Aí ela vem com uma meia cor-de-rosa, ou algo do tipo, então eu acho que, não sei se é pressão, não sei se é pra brincar também, pra satirizar esse tipo de cobrança, mas eu, particularmente eu não ligo pra isso não... Ligava, antigamente eu ligava, hoje em dia eu já chutei o pau da barraca e deixa quieto”.

Ainda em relação à cobrança da sociedade o fator homossexualismo ressurgiu no discurso de algumas meninas. Três entrevistadas que responderam que havia cobrança, colocaram o homossexualismo como um dos fatores que levam a sociedade a cobrar a feminilidade. As três confirmaram haver a presença de homossexuais em times. Os relatos clarificam a exposição: TMG declarou: “Ah, sempre, quem vê de fora sempre tem uma tendência a achar que todo mundo é (homossexual) e quem não é tem que mostrar que não é, entendeu?”. TIR falou da existência do homossexualismo, e que este não é restrito ao futebol: “eu acho que cobra bastante, até porque é verdade que o homossexualismo dentro desse tipo de esporte, do futebol, do basquete, do handebol, principalmente, é bastante freqüente, né? Uma pessoa que vive bem próxima

do meio, ela vai acabar percebendo que existem umas e outras tal, existem umas e outras que convivem bem, as que são e as que não são, convivem bem, mas existe muito e não é só no futebol. Eu já ouvi falar numa pesquisa que no handebol é mais ainda, entendeu? Não sei se de fundamentação científica nenhuma, mas eu sei que não é só no futebol que se forma esse conceito, que só tem esse tipo de opção”.

Algo interessante é que os esportes acima citados são todos esportes coletivos, onde mulheres convivem juntas, em equipes, talvez sendo mais permissivos relacionamentos sexuais, pois as mulheres que gostam de mulheres teriam mais chances de encontrar parceiras em locais que houvessem uma concentração de mulheres, mas não se pode traçar um paralelo direto, pois da mesma forma que no futebol feminino existe homossexualismo, quem garante que o masculino não tenha?

É possível que exista, possivelmente, uma certa busca de emancipação por parte das lésbicas de características femininas, talvez em atividades que sejam tipicamente masculinas, para quebrarem o paradigma. Olhando-se por esse enfoque pode-se traçar uma relação entre homossexualismo e futebol. Mas, se fosse assim, por que o homossexualismo seria freqüente também no basquete, handebol etc que não são esportes tipicamente masculinos? Como se observa, não há uma relação fidedigna que apóie a tese dos preconceituosos, como já foi dito em outra oportunidade. Pode-se remeter, ainda, à colocação de Reis (1999) *apud* E. B. Silva (2000, p. 14) na qual afirma que “para continuar banindo a mulher de uma prática onde sempre foi do homem, então se estabelece este limite: quem joga futebol é homossexual.

Por fim, MSC traz uma informação a mais para essa questão: “as pessoas, elas cobram aquilo que elas vêem, você pode ter o seu jeito todo masculino e dizer que não é homossexual. O pessoal não vai levar isso a sério, porque eles analisam pelo que vê, é aquela coisa do preconceito mesmo, entendeu? (...) a sociedade de repente ela não tá olhando muito isso aí, porque esse é o lado do dia a dia do treino. Ela vai olhar o geral, ‘ah aquela ali parece ser homem aquela ali não é não, mas joga muito bem’, isso é que importa, quer resultado, a sociedade não... e aí baseada no que ela tá vendo ela vai estereotipar ou não”. Com essa colocação, corrobora-se o fato de que há ainda uma necessidade, por parte da mulher jogadora de futsal, de expor a identidade de gênero feminina diante da sociedade, para que não sofra preconceito ou “chacotas” sobre sua

preferência sexual. Isso confirma a informação de que as “mulheres se sentem na obrigação de expor características de feminilidade, mesmo que muitas dessas características não sejam convenientes ou necessárias, para que não sejam tachadas de homossexuais.

E o corpo, será que as jogadoras consideram que o corpo fica mais masculino com a prática do futsal? A resposta unânime foi não. O interessante é que algumas responderam com muita ênfase no não, ou com “de jeito nenhum”, possivelmente por acharem bonito o corpo definido que adquiriram. Por mais que enrijeça bem a musculatura, principalmente das pernas, elas consideram que o corpo não fica masculino, apenas bem definido. Algumas observações interessantes podem ser colocadas: RCM colocou: “... deixar masculino, de jeito nenhum. Só roxo na perna, essas coisas...”. TIR declarou: “é praticamente impossível que a mulher pratique uma modalidade e não desenvolva sua musculatura, é impossível: ela tá correndo, ela tá fazendo exercício, ela tá utilizando força, então é praticamente inevitável que ela desenvolva o músculo das pernas, ou dependendo do esporte, nos braços. Então, aí eu não sei, se é falar que é masculino porque eu acho que isso é um bem, tá fazendo um bem pra sua saúde”.

Duas consideram que se o esporte for levado ao extremo o corpo pode até ficar parecido com o masculino. TMG afirmou: “Não, acho que quem leva esse esporte muito a sério não sei... exige um pouco de força e você acaba ficando meio, mas não chega a ser algo masculino, mas fica bem forte”. MSG declarou: “de repente, se for levado ao extremo, né? O trabalho for levado ao extremo, adquire alguma característica que é considerada mais típica dos homens, mas eu acho que não necessariamente”. As colocações são interessantes porque mais uma vez remetem ao que a cultura define como masculino. Músculos muito definidos são considerados masculinos, como se vê na afirmação de MSG: “adquire uma característica que é considerada típica dos homens”. Como se sabe, porém, principalmente com a globalização, “a identidade corporal das mulheres tem mudado muito”, sendo o culto ao corpo e os padrões musculosos cada vez mais valorizados no corpo feminino. Portanto, esse fator vem para corroborar as opiniões das jogadoras: por mais que as pernas estejam grossas,

ainda fazem parte da identidade de gênero feminina em muitas culturas, inclusive no Brasil.

A postura da mídia diante do futebol feminino e de suas atletas também foi questionada. Dentre as principais queixas das entrevistadas quanto à atuação da mídia nos dias atuais, no Brasil, principalmente, são: falta de divulgação e apoio, tanto do futebol de campo quanto do futsal; desigualdade com a divulgação e valorização do futebol masculino; preocupação com o IBOPE e lucro; enfoque somente nas jogadoras bonitas, em uma supervalorização da aparência; e preconceito, dentre outros. No entanto, muitas consideram, que, comparada a tempos atrás, a participação da mídia tem crescido e melhorado.

Algumas colocações podem expor com clareza a questão da falta de divulgação e desigualdade com o masculino, preconceito e a preocupação com o IBOPE: RCM colocou: “vai demorar mais uns cem anos ainda, para equilibrar com o dos homens, até pelo nível de profissionalismo, a gente sabe que tem campeonatos profissionais aí. Até porque, no Brasil, o futebol é muito desenvolvido (...) é paixão nacional, esporte nacional (...) Vai demorar ainda pra chegar o feminino a esse nível... Mas tá melhorando, já melhorou muito de uns tempos pra cá, né?”. MSG comentou: “No Brasil, que é país do futebol, o futebol feminino não tem espaço na mídia, é muito raro existir até mesmo reportagem. Às vezes está disputando o campeonato mundial, um campeonato qualquer que seja, que se fosse o time masculino, de diversas categorias, taria aparecendo, taria transmitindo, e o feminino já não tem esse destaque, né?”. PSB especificou a situação de Brasília: “aqui em Brasília a gente não tem apoio nenhum. Agora, já em São Paulo, Rio e Rio Grande do Sul é totalmente diferente”. TIR declarou: “futebol masculino na televisão tem todo dia, toda quarta-feira tem jogo, do feminino você não escuta falar, nem do campeonato brasiliense, nem do campo, nem no campo, nem no salão, nem fora daqui. Eu não sei se você tem conhecimento, mas o time universitário do Brasil ele foi campeão do Brasil ele foi campeão lá na China. Quem sabe disso? as atletas que viajaram (...) acho assim, porque não dá IBOPE, né? Assim, ninguém vai ao Estádio assistir o jogo de futebol feminino, muito difícil, já é da própria cultura: ‘Ah mulher não sabe nem jogar, vou pagar pra entrar e ver um jogo feminino, ver aquela pelada, eu não’... Então a mídia também não vai investir numa coisa que

culturalmente já não traz nenhum benefício pra ela, começa aquela ‘pelada’ e o pessoal já vai e desliga a televisão”. PCR opinou: “acho que falta um certo apoio, e não só apoio da seleção, mas mostrar mais as mulheres praticando o esporte, porque hoje em dia tem muita mulher que pratica o futebol, mas não é mostrado, por isso que eu acho que o preconceito ainda existe. Eu acho que a mídia faz a cabeça das pessoas, principalmente a televisão ela coloca as coisas do jeito que ela quer. Infelizmente ou felizmente ela consegue isso, então eu acho que se ela passasse o futebol feminino, sei lá, pra ser olhado de um outro prisma eu acho que seria melhor, porque ainda é colocado muito: ‘Óh, mulher jogando futebol’ e, na realidade, hoje em dia não é mais tão espantoso assim, né?”. Por fim, vale mostrar a realidade brasileira com a expressão de MSC: “Eu acho que falta muito apoio, até hoje que eu saiba só teve acompanhamento do futebol de campo paulista (...) Tanto que muitas meninas estão jogando no exterior, porque o Brasil não tá dando nenhum ao esporte feminino, isso o futebol de campo. O futsal, então, estamos anos luz... nem o futebol masculino, que a seleção brasileira eu acho que é hexacampeã, que já ganhou todo mundo várias vezes, o pessoal ainda não dá um apoio especial a eles, imagina o feminino. Então ainda está engatinhando mesmo, essa parte ainda... e isso também contribui pra que não popularize ainda mais, né?”

As colocações das atletas foram muito ricas de informações, mostrando a realidade sobre um prisma de quem realmente percebe e sente “na pele” a influência da mídia. A questão da supervalorização do futebol masculino no Brasil e o detrimento do feminino, deve-se muito ao fato de que, historicamente, o futebol, a “paixão nacional”, como bem lembrou RCM, está sendo, há anos, de atuação praticamente exclusiva masculina. Isso remete à colocação de Goellner, em que os homens que faziam o jogo agora querem ditar as regras, e, dentre elas, mulher deve estar fora. A “carta de alforria” da mulher para a prática do futebol profissional, “outorgada” somente em 1979, com certeza também contribuiu muito com isso. A mulher chegou relativamente tarde e o que se vê hoje é muito consequência desse atraso. Como TIR colocou, as pessoas não pagam para ver futebol feminino, a mídia, então, não terá lucro, por isso, não divulga.

A questão do IBOPE e do lucro como fator “motivador” da mídia é algo inerente à globalização, do capitalismo, e o interessante é que muitas jogadoras buscaram

entender esse lado da mídia. Mas, como foi bem lembrado por PCR, a mídia como formadora de opinião deveria se atentar mais para o futebol feminino, para que ele fosse menos estereotipado.

A presença do preconceito, mais uma vez, é presente na sociedade, e dessa vez, apoiado pela mídia. Somente o fato dela não divulgar ou divulgar de forma amadora, como lembrou RCM, já mostra uma certa tendência a não superação de algumas culturas preconceituosas. Em uma de suas colocações, MSC trouxe a questão: “à medida que vai praticando e a quantidade de pessoas aumenta, a tendência com isso é o esporte se tornar olímpico e com isso popularizar, como está sendo a ginástica olímpica agora com o exemplo da Daiane”. Apegando-se ao fato de que é a mídia a responsável pela divulgação do sucesso de Daiane e, conseqüentemente, contribuinte para o crescimento da Ginástica Olímpica no Brasil, pode-se afirmar que ela poderia agir da mesma forma com o futebol e ajudar a quebrar tabus. A mídia, como foi visto, “não pode ser contestada em seu poder de difusão e construção de novos padrões de vida e conduta”.

Outra questão interessante é a questão da valorização da aparência. Como se sabe, além de muitas vezes não ter privilégio nas reportagens em alguns esportes, as atletas ainda têm o corpo utilizado como “foco das lentes das câmeras, com muitos closes em partes íntimas e comentários de narradores e comentaristas ‘homens’ sobre sua beleza”. Além disso, como foi trazido por Knijnik e Vasconcelos (2003), as que correspondem às expectativas estéticas têm maiores chances de aparecer na mídia, serem chamadas para entrevistas e, muitas vezes, terem maiores possibilidades de conseguir patrocinadores e alavancarem suas carreiras “esportivas”. Isso foi comprovado com as colocações das jogadoras, e tornou-se até queixa em algumas colocações: RCM colocou: “a organização é um amadorismo muito grande, por exemplo: quando a mídia vai fazer uma reportagem elas pegam sempre as meninhas mais bonitinhas, mais ajeitadinhas, a gente sabe que não são todas assim, geralmente ele pega uma reserva lá do... que é massagista do time pra dizer que é jogadora, ou algo do tipo”. Já MSG vê um lado positivo nessa postura: “Bom, ultimamente, às vezes eu tenho visto na TV, eles colocaram algumas atrizes, que de repente, praticam o futebol (...) Eu vejo que eles colocam as mais bonitinhas, as que vão agradar mais. Pelo

menos, todas as vezes que eu assisto na televisão eu acho que eu vejo isso... Por um lado eles estão, obviamente, querendo o lado deles, de IBOPE, claro (...)O fato de já estar passando, mesmo que sejam só as bonitinhas, já é um avanço, porque não passava nada. Era totalmente desconsiderado, e isso foi motivo assim pra mim, de, nossa, eu ficava muito brava”. MSC fez uma colocação muito interessante: “eu não lembro o ano exatamente, que foi o time do Fluminense do Rio de Janeiro feminino, em que fizeram um time só de modelos, então colocaram as brutinhas, as pobres, as do morro que jogavam bem... no começo pra tirar as fotos era as modelos, o time titular (...) inclusive a Suzana Werner era a garota propaganda do time. Então como ela tinham várias meninas nessa situação, bonitas, modelos, que faziam a estampa do time, mas que na hora do vamos ver do campeonato botava a pretinha lá, ou a pobrezinha”.

Como se vê, a percepção da mulher como símbolo sexual aonde quer que esteja, ainda é muito forte e isso é agravado quando a platéia é masculina. Confirma-se ainda, novamente, a busca da mídia por IBOPE e ídolos que lhe ajudem com marketing e, conseqüentemente, renda.

Às jogadoras da Unb foi solicitado ainda que informassem as maiores dificuldades que a mulher sofria na prática desse esporte. Quatro citaram a parte física. Alguns relatos explicam o fato: RCM declarou: “é um esporte que exige muita agilidade, explosão muscular, então isso aí, às vezes, é mais difícil pra mulher adquirir, mas, fora isso, fisicamente, eu não vejo nenhuma dificuldade”. MSG afirmou: “A gente vê que é realidade, é uma diferença em relação ao desenvolvimento do corpo, em relação ao homem. Então, principalmente pra início assim, sente muito, porque exige muito do corpo. Então, você acaba sentindo no outro dia como você tá arrebetada, como em vários esportes, né?”. Como se percebe, a disparidade física entre homem e mulher existem, mas não há fundamentos para não se permitir a prática da mulher no futebol, e não serem levantadas tais questões na prática de outros esportes, como MSG mesma lembrou “como em vários esportes”. Dantas (1998) *apud* E. B. Silva (2000) relata que “em geral a mulher é mais flexível que o homem, que por centímetro quadrado de seção transversal, o homem e a mulher têm aproximadamente a mesma capacidade de gerar força, mas o homem tem maior volume muscular e em média 20% mais força que a

mulher”. Porém, como se sabe, mesmo com estigmas de gênero masculino, bastam ser feitas adaptações para que a mulher mostre que o seu gênero também inclui determinação, agilidade, força, competitividade etc., o que lhe permitirá não só a prática do futebol, mas também a de outras atividades do “universo masculino”.

Duas atletas declararam como dificuldades a falta de incentivo e apoio. O começar a jogar tarde, o não jogar desde pequena e o não oferecimento da disciplina nas escolas também foram citados. MSG descreveu a dificuldade da seguinte forma: “espaço pra treinar, pra jogar. A gente não vê, por exemplo, escolinha de futebol feminino (...) Eu sempre procurei, e pouquíssimas, foram raras as vezes que eu consegui um lugar, e durou duas semanas, três semanas e acabou por falta de meninas (...) eu acho que falta incentivo, espaço pra tar praticando, isso vejo como uma dificuldade, inclusive como uma dificuldade pra mim”. PCR colocou: “Se eu pudesse eu teria começado mais cedo, porque eu vejo assim, que ficou muito naquela de jogar, sem técnica, e hoje, pra pegar a técnica e colocar em cima de um jogo, dum jeito que já acostumou a jogar é mais difícil e hoje em dia é muito difícil achar escolinha, esse tipo de coisa pra gente mais velha, é só pra criança mesmo, no máximo adolescente. Então, mais essa dificuldade...”. PMD relatou: “Eu acho que a vantagem que o homem tem sobre a mulher no futebol é que desde pequeno ele já joga, a mulher, a maioria das mulheres não, vêm jogar depois de mais velha. Por isso que eles jogam melhor do que as mulheres. Eu acho que é a única razão, eu acho que não é por características físicas que façam que eles estejam em vantagem. Com um ano ele já está com a bola no pé, a mulher com a boneca”. Com as colocações expostas, pôde-se perceber novamente a cultura e a questão da diferenciação do gênero na criação influenciando na vida e na escolha de atividades para crianças.

O preconceito novamente apareceu, foi citado por três jogadoras. Outras colocações referiram-se à falta de local e também falta de horário para quem tem outras atividades. Quanto à falta de local é interessante observar a colocação de TIR: “a questão de lugar mesmo. Porque campo é mais fácil, campo você tem campos em vários clubes, agora um ginásio, uma estrutura como essa daqui não é todo lugar que tem, então a estrutura é importante, o material não é tanto: bola cone e colete você já

faz um treino de futsal assim, perfeito, mas tem que ter um ginásio, tem que ter uma estrutura. E eu acho que isso é a maior dificuldade”.

O mais interessante em algumas respostas sobre as dificuldades é que as mesmas parecem ser interdependentes, e ficam claras raízes históricas e culturais. Exemplo disso é pensar-se que as dificuldades técnicas citadas por PCR, podem dever-se ao fato da atleta não ter tido a disciplina oferecida em sua escola, por exemplo. Ou, a dificuldade física, citada por algumas meninas, talvez pudesse ter sido mais superada, também com essa disponibilidade desde pequenas, para que a resistência fosse desenvolvida. Essa última situação amenizaria a disparidade com os homens colocada por PMD. A questão do local também não deixa de ser cultural, avançando ainda para a área política, e isso vai além do futebol feminino. Essa colocação remete ao carente incentivo político ao esporte no Brasil, principalmente aqueles que não são rentáveis, como é o caso do futsal.

Até agora foram vistas muitas dificuldades, preconceitos e barreiras que as mulheres enfrentam na inserção do esporte futebol. Porém, mesmo com tantos empecilhos elas se mantêm no futsal. Quais seriam, então, os motivos, benefícios e objetivos que as manteriam no esporte, na prática do mesmo? Como motivos e benefícios, 10 jogadoras citaram o entretenimento, o prazer e divertimento que a prática proporciona. Algumas declarações podem ilustrar bem o fato: RCM, com muita ênfase, colocou: “o cara que teve a idéia do futebol, ele foi o cara mais genial do mundo (...) É o esporte que mais me atrai (...) Eu gosto de futebol porque ele é completo”. MSG falou: “é uma coisa que me dá prazer, é uma válvula de escape mesmo”. TMG declarou: “É lazer, é diversão, eu me divirto muito, muito e muito (...) desestressa bastante”. Tais declarações comprovam o fato descrito por Alonso (2003), de que o número de mulheres que buscam satisfação própria com a prática do esporte tem crescido estrondosamente. Valdés (1996, p. 90) afirmou, ainda, que o homem necessita do movimento, não só para desenvolver-se e manter seu corpo biológico, senão também para seu desenvolvimento e estabilidade cognitiva, revelando que o bem estar psicológico também é muito determinante na prática de um esporte.

O fato do prazer ser um dos principais fatores motivacionais, senão o maior, remete à pesquisa de Valdés (1996) em Cuba. Foram submetidos a pesquisa 48

atletas, com nível de idade médio de 23 anos, alunos do 5º ano de licenciatura em Ed. Física, ativos no esporte, desde categorias baixas até equipes nacionais, portanto, todos esportistas de muito alto rendimento. Foi indagado aos mesmos quais seriam os cinco motivos, razões e aspirações que os mantinham no esporte em ordem de importância decrescente. As respostas que surgiram com maior força foi a satisfação com a competência e o treinamento, o prazer da prática e o amor pelo esporte. Alguns relataram até o esporte como um vício.

Outro motivo muito colocado pelas jogadoras foi a socialização: seis jogadoras citaram o perder a timidez, fazer amigas, ou o “estar com elas” importante. MSC declarou: “eu era muito introvertida e o esporte ajudou isso demais, a socialização foi muito grande, hoje se eu tiver que falar com qualquer um...”. Semelhantemente, TRS declarou: “eu era bem tímida antes, aí quando eu comecei a jogar eu comecei a conversar mais com as pessoas, eu fiquei mais extrovertida mesmo, porque eu senti que eu ganhei jogando futebol”. MSG fala da questão das amizades: “socialização, tar com o pessoal que eu gosto, gostam das mesmas coisas que eu...”. Como se pode perceber, corrobora-se o fato de que o esporte é um meio que permite a interação com os outros e consigo mesmo. Há, ainda, o fator identificação: MSG citou que é bom estar com as pessoas que gostam das mesmas coisas que ela e isso mostra que esse laço pode fazer com que muitas pessoas façam amigas no esporte, por identificação. Ou, o contrário, mulheres podem entrar no esporte por buscar identificar-se com alguém que admira.

O cuidado com a saúde, com o corpo e o preparo físico também foram citados por seis atletas. Para elas o futebol é um ótimo esporte para proporcionar esses fatores. Com alguns relatos fica fácil exemplificar: MSG declarou: “pra saúde, pra desenvolvimento de força mesmo, de capacidade aeróbia mesmo, anaeróbia, porque tem muitos tiros”. MSC traz ainda a questão estética: “ele usa essa coisa da resistência, do arranque, e essa parte muscular, estética em si porque você enrijece sua musculatura, e, às vezes vale a pena pra quem não gosta muito de academia, por ser um pouco mais repetitivo, consegue de repente assim, exercícios musculares e com mais dinamismo”. Os relatos comprovam que os benefícios para a saúde e o corpo são motivos importantes que mantêm essas mulheres no futebol. Confirmam que a

participação da mulher no esporte em geral, historicamente, deveu-se também ao fato de buscarem melhoras para saúde e para sua estética. A necessidade de cuidados difundidos pela modernidade tirou realmente muitas mulheres da casa para as academias, campos e quadras.

A competição e o incentivo da faculdade de Educação Física também foram citados. É interessante a questão da competição: como foi visto, no gênero feminino não era muito aceita a questão da competição, de atitudes mais agressivas, esperando-se da mulher atitudes mais passivas. Porém, sabe-se que a inserção da mulher no esporte desmistificou muito essa questão e o relato de duas dessas atletas comprovam que isso é algo que ocorre no meio do futsal. MSC afirmou: “eu gosto de praticar qualquer coisa pra competir, mesmo que não tivesse eu até praticaria, mas o que mais move é essa coisa do jogo, então você sente vontade de vir treinar (...) Mas o que move, realmente, no meu caso é o prazer e as competições”. PCR informou: “acho bom jogar, acho bom competição, independente se é em nível assim, por exemplo, se é de DF ou se é interno aqui da Ed. Física”.

É interessante observar-se a semelhança dos motivos colocados pelas jogadoras com os relatos de Weiss e Chaumeton (1990) *apud* Valdés (1996), os quais, em estudos feitos com adolescentes e jovens entre 1983 e 1990, detectaram três aspectos comuns dentre os motivos que levavam os mesmos a praticarem esporte: desejo de aprender e aperfeiçoar-se esportivamente, a manutenção e o desenvolvimento da forma física.

E os objetivos? Não foram percebidas muitas aspirações quanto à profissionalização no esporte. Em alguns casos, porém, ficou claro que essa seria a vontade de algumas atletas, mas a realidade, a inviabilidade financeira do esporte, não permite isso, o que as fez mudar de idéia. RCM declarou: “Atualmente minhas metas mudaram. A idéia que eu queria, o que eu gostaria de fazer, era ganhar a vida jogando bola, mas a gente sabe que não é assim, principalmente aqui no Brasil, se ainda fosse em outro país que é mais desenvolvido... A minha meta hoje é conseguir jogar bola até ficar velhinha, pra pelo menos me divertir”. MSC, semelhantemente, afirmou: “se eu pudesse mesmo eu iria me dedicar a isso (...) trabalhar, ser atleta profissional (...) Mas, infelizmente a gente tem que trabalhar, porque tem o lado financeiro (...) infelizmente a

gente termina ficando limitada, porque no Brasil ainda vai levar um tempo pra consolidar como uma fonte de renda (...) eu não tô realmente visando ganhar dinheiro com isso pelo fator limitante mesmo da situação, não por... se depender da minha disciplina em treinar, eu viria com prazer, meu prazer de estar praticando já atenderia tudo isso, mas aqui no nosso país ainda realmente é um sonho, ainda de repente quem sabe minha filha no futuro, vou dar todo o apoio. Mas, pra gente termina ficando fora da realidade, ou partir de repente para o futebol de campo aí fora em outro país. Aí sim, o futebol feminino aí fora é muito bem, até mais que o masculino no caso do futebol nos Estados Unidos, por exemplo, o feminino é potência, então a não ser uma coisa assim, mas aqui a nível de Brasil eu não tenho... Infelizmente não dá pra ter grandes aspirações financeiras não”. Tais afirmações mostraram que, pelo menos no futsal, sonhar com a profissão ainda é uma utopia no Brasil. Como foi dito por MSC, talvez o futebol que atualmente esteja dando uma boa renda para a mulher seja o de campo nos Estados Unidos. De acordo com reportagem do Correio Braziliense, de 22 de maio de 2004, verifica-se ainda que, nos EUA, aproximadamente 10 milhões de mulheres praticam o futebol, sendo a escola um dos maiores incentivadores à prática do esporte. Algo interessante colocado, ainda, foi a informação de que a sociedade americana também tem preconceitos contra as mulheres no esporte. Porém, ao invés de terem resistência contra a mulher no futebol (o *soccer* americano), o preconceito recai sobre as jogadoras de futebol americano ou de beisebol, esportes tipicamente masculinos na cultura do país. Tal fato mostra mais uma vez a questão cultural como determinante do comportamento dos diferentes grupos sociais.

Vale lembrar, ainda, que nos EUA o incentivo ao esporte deve-se muito ao fato de que homens e mulheres que se destacam no esporte têm mais chance de ingressar em uma universidade. Devido ao alto custo dos estudos nas últimas, muitos jovens dão tudo de si, em sua grande maioria com cobrança dos pais, pois se destacando podem chamar a atenção de técnicos de times universitários, podendo ser convidados a participar do time em troca de uma bolsa de estudos na tão sonhada e inacessível faculdade. O bom rendimento tem como “primeiras intenções” o ingresso em uma boa universidade.

No Brasil, o futebol de campo também está crescendo bastante. Como se sabe, o time brasileiro de campo ficou em quarto lugar em Sidney, mas no futsal a realidade parece ser bem desanimadora. Como algumas entrevistadas relataram, nem o masculino é divulgado, até mesmo nas Olimpíadas não existe o futsal. Falta, portanto, incentivo para que a profissão “jogadora de futsal” comece realmente a fazer parte do mercado de trabalho.

Algumas alunas de Ed. Física querem fazer do esporte, no futuro, seu sustento, de uma forma diferente: dando aulas. MSG, por exemplo, pretende abrir uma escolinha de futebol feminino. PCR também pensa em talvez dar aula de futsal, ser treinadora.

Por fim, TVG ainda tem algumas pretensões de participar de campeonatos, mais regionais. O restante das jogadoras falou que não quer se profissionalizar, preferem ficar jogando por prazer somente.

CONCLUSÃO

Com base nos dados qualitativos obtidos puderam ser verificadas questões muito interessantes para o alcance dos objetivos.

Foi possível averiguar que a grande maioria das entrevistadas já sofreu algum tipo de preconceito, seja este de amigos, pais ou desconhecidos, desde insinuações, fofocas, até agressões verbais. A incidência deste mostrou-se significativa na infância e adolescência, principalmente quando o futebol é praticado com meninos e com um padrão de comportamentos e símbolos considerados masculinos (cabelo curto, roupas largas, xingamentos, atitudes agressivas etc.).

Por parte dos pais, os preconceitos relatados denotaram a idéia de que estes consideram (ou consideravam) o esporte muito “masculino”, surgindo o medo de que as filhas se machucassem. Essa idéia trouxe reforço à questão do preconceito de gênero, e aos estereótipos formados desde a infância com a inserção na família. Os pais tiveram “empate” nas atitudes preconceituosas das mães, porém sobre os primeiros foi relatado que, pelo fato de gostarem do esporte, muitos se acostumaram e até passaram a ser torcedores das filhas. Tal fato insinua, portanto, que mesmo ainda existindo preconceitos, parecem ter ocorrido mudanças significativas na concepção de masculinidade dos homens.

Os maiores “vilões” dos preconceitos, porém, foram as pessoas desconhecidas, “de fora” do esporte, sendo elas, segundo a maioria das jogadoras, as principais realizadoras de julgamentos e comentários. Os homens também foram considerados muito preconceituosos, tanto que muitos, segundo elas, têm resistência em manter relacionamentos afetivos e sexuais com jogadoras.

Um dos preconceitos mais observados foi o preconceito sexual, declarado pela maioria das jogadoras, as quais relataram que a classificação da sociedade das jogadoras como lésbicas ainda existe, e com algumas jogadoras já aconteceu muitas vezes este tipo de tratamento.

Vale ressaltar, porém, que o preconceito tem diminuído bastante, pois, segundo as atletas, em muitas situações também são aceitas, elogiadas e até obtém *status*.

Com base nas informações obtidas verificou-se que muitas jogadoras, apesar de não considerarem importante mostrar para a sociedade sua feminilidade, se utilizam

da mesma em seus comportamentos. Sete jogadoras declaram fazer uso de símbolos femininos (batom, brinco etc.), principalmente nos treinos, apesar de algumas dessas não “ligarem muito”. Pôde-se perceber que o não uso, em muitos casos, deve-se à própria proibição do esporte, como é o caso do brinco e outros acessórios femininos, que não são permitidos nos jogos por poderem levar a machucar tanto a jogadora quanto a adversária.

Mesmo algumas daquelas que declararam não ligar para a feminilidade ou não se utilizar de tais comportamentos acreditam que a sociedade cobra essa postura por parte das jogadoras, principalmente por ocasião dos estereótipos criados sobre o esporte. Algumas jogadoras, de certa forma, concordam com a sociedade, declarando ser ruim a postura masculina de algumas jogadoras.

Ficou claro, porém, que nos relatos foram enfocados mais os símbolos (brinco, batom, roupa) do que atitudes como xingar, agredir etc., podendo-se inferir que muitas das jogadoras que relataram não se utilizar de símbolos não necessariamente têm tido atitudes e outros comportamentos masculinos nas quadras.

Com base na investigação que foi feita quanto o considerar masculino o corpo da mulher jogadora de futebol, concluiu-se que músculos desenvolvidos e pernas grossas não são sinônimos de “masculino” ou “homem”. Resposta unânime foi o fato de que ter seus músculos e corpo definidos não as deixa mais masculina, sendo tais características até consideradas estéticas para deixar uma mulher mais bonita ou desejada. O exagero na prática do esporte foi relatado por duas atletas como um fator que pode, no entanto, modificar esse conceito. Vale ressaltar que, devido às próprias diferenças hormonais, para que uma mulher fique realmente com o corpo “masculino” será necessariamente obrigatória a utilização de anabolisantes, o que mostra que o futebol, por si só, não tem esse poder.

Quanto à influência da mídia na divulgação do futebol feminino e de suas jogadoras, observou-se um grande peso da cultura preconceituosa nas informações fornecidas pela primeira, bem como uma grande busca por lucro em detrimento da divulgação do esporte feminino, entre outras coisas. O fato de “futebol não ser coisa de mulher” no Brasil e não dar dinheiro, leva a mídia a abafar muitos campeonatos

femininos, e ser responsável, em grande parte, como um veículo formador de opinião, da resistência ainda encontrada na prática ou respeito pela modalidade.

A supervalorização da sensualidade da mulher, também verificada em outros esportes, ficou clara na participação da mídia. As lentes focadas principalmente nas “bonitinhas” foi uma das queixas das jogadoras.

Ficou clara, ainda, a disparidade com o valor dado ao futebol masculino no Brasil, sendo o futebol feminino de campo pouco divulgado em relação ao masculino, principalmente pelo fato do último já ser “paixão nacional”. Percebeu-se ainda que o futsal, independente do sexo de quem o pratica, é naturalmente um esporte pouco divulgado no Brasil e no mundo, surgindo a hipótese de que isso se deva ao fato de não ser um esporte olímpico.

Pode-se afirmar, no entanto, que apesar de ter falhas na divulgação, até a participação da mídia, mesmo que tímida, vem crescendo no esporte. Valendo-se do fato de que, nas Olimpíadas de Atenas de 2004, somente o time feminino Brasileiro de campo irá participar, possivelmente os “olhos” da mídia só serão voltados para ele. Conclui-se, portanto, que a divulgação deste esporte possivelmente poderá ser maior nos próximos anos, talvez podendo ser estendida ao futsal.

Com a pesquisa feita sobre as dificuldades encontradas pelas jogadoras no futsal notou-se que, atualmente, a dificuldade física, a falta de apoio com local e ensino e o preconceito, principalmente, são as mais freqüentes. Concluiu-se que a postura cobrada pela identidade de gênero da cultura em muito tem participação nestas dificuldades. A questão física, mesmo sendo em muito fisiológica, tem suas dificuldades agravadas quando as meninas não treinam o futebol desde crianças, como os meninos. Isso está diretamente ligado à não implantação do esporte nas escolas e à falta de apoio da prática do mesmo. Apesar dessa questão estar melhorando, a necessidade de mais apoio político ao futsal, principalmente, ainda tem tido força nas barreiras encontradas pela mulher que o pratica.

Por fim, pôde-se verificar, que os motivos e benefícios principais que mantém a mulher na prática do futsal são o prazer pelo esporte, os benefícios para a saúde e o corpo, a socialização que ele permite, a competição e o incentivo da faculdade de Ed. Física.

Como objetivos não foram observados muitos planos profissionais, porém, isso demonstrou em alguns casos dever-se justamente às dificuldades financeiras que poderiam acontecer com a prática profissional do mesmo, já que o futsal feminino ainda não é muito reconhecido no Brasil, nem no mundo. A maioria destacou como objetivo continuar jogando por prazer e algumas pretender participar de campeonatos mais regionais ou até nacionais.

De forma geral, tornou-se evidente que a mulher está a cada dia mais disposta a praticar o esporte futsal. O amor pelo esporte ou outros motivos, fazem com que a mesma tenha se sujeitado a muitos desafios e barreiras para realizar o que gosta. Isso é fato, e, aos poucos, a sociedade tem recebido ou se conformado com isso. Seja por parte da mídia, da família ou dos amigos, as mulheres, de forma cada vez maior, têm conquistado espaço e estendido suas fronteiras.

O presente trabalho ajudou a desmistificar a mulher jogadora de futebol e com isso trazer contribuições para que se possa entender melhor as questões, principalmente sociais, que a norteiam. Vale ressaltar que, para a Psicologia Social e do Esporte tais informações são importantes, ainda, para o estudo de outros casos e situações semelhantes de identidade de gênero.

Por fim, pode-se afirmar que o estudo da identidade de gênero da mulher no esporte futsal permitiu a compreensão da importância da cultura, dos relacionamentos e da sociedade, de modo geral, na formação de grupos e da individualidade de cada um, permitindo abrir-se um leque de informações pertinentes para a compreensão da realidade da mulher atual e de seus anseios e dificuldades na inserção futsal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADELMAN, Míriam. “Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina”. *Revista Estudos Feministas*. [online]. jul./dez. 2003, vol.11, no.2 [citado 02 Abril 2004], p.445-465. Disponível no site: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2003000200006&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0104-026X. Acesso em 02/04/2004 às 10:00.

ALONSO, Luiza Klein. “Mulher, corpo e mitos no esporte”. In: SIMÕES, Antônio Carlos. (Org.). *Mulher e Esporte – Mitos e Verdades*. São Paulo: Manole, 2003.

BRANDÃO, M. R. F^a. & CASAL, H. V. “Mulheres-atletas e o esporte de rendimento: a questão do gênero”. In: SIMÕES, Antônio Carlos. (Org.). *Mulher e Esporte – Mitos e Verdades*. São Paulo: Manole, 2003.

CAMPOS, R. & TROMBETTA, I. V. “O estímulo da beleza”. *Revista Viver Psicologia*. Ano VIII. nº 94. p. 36-37/Novembro 2001.

CAMPOS, Rose. “A nova fórmula do casamento”. *Revista Viver Psicologia*. Ano VII. nº 87. p. 20/Abril 2000.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. “Ronaldinho, ídolo esportivo ou mercadoria global?”. In: CARRANO, Paulo César Rodrigues. (Org.). *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro, RJ: De Paulo, 2000.

COIMBRA, Alda Maria. “Histórias contadas em sala de aula: a construção da identidade social de gênero da mulher”. In: LOPES, Luiz Paulo da Moita. (Org.) *Discursos de Identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

CORTEZ, P. H. P.; CORTEZ, J. A. A. & SIMÕES, A. C. “Mulher e exercício físico”. In: SIMÕES, Antônio Carlos. (Org.). *Mulher e Esporte – Mitos e Verdades*. São Paulo: Manole, 2003.

GOELLNER, Silvana Vilodre. “Pode a mulher praticar o futebol?”. In: CARRANO, Paulo César Rodrigues. (Org) *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro, RJ: De Paulo, 2000.

FORBES, Jorge. “A mulher e o analista fora da civilização”. *Revista Viver Psicologia*. Ano VII. nº 85. p. 32/Fev. 2000.

GUÉRIOS, Stella F. M. *Educação Física Feminina*. 2 ed. São Paulo: Edgard Blücher, 1974.

IBGE. **Censo Demográfico 2000: Domicílios Particulares Permanentes**. Disponível no site: <http://www.ibge.com.br>. Acesso em 02/04/2004 às 10:30h.

KNIJNIK, J. D. & VASCONCELOS, E. G. “Mulheres na área no país do futebol: perigo de gol”. In: SIMÕES, Antônio Carlos. (Org.). **Mulher e Esporte – Mitos e Verdades**. São Paulo: Manole, 2003.

LEVISKY, David Léo. **Adolescência – Reflexões Psicanalíticas**. 2 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

LOPES, Luiz Paulo da Moita. “Socioconstrucionismo: Discurso e Identidades Sociais”. In: LOPES, Luiz Paulo da Moita.(Org). **Discursos de Identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

MACEDO, L. L. & SIMÕES. A. C. “A mulher atleta e o esporte de rendimento: análise do comportamento agressivo em equipes esportivas”. In: SIMÕES, Antônio Carlos. (Org.). **Mulher e Esporte – Mitos e Verdades**. São Paulo: Manole, 2003.

MARCONDES, Luíza Helena. “Sucesso e Maternidade Lado a Lado”. **Jornal Carreira e Sucesso**. 119 ed. 04/Mar/2002. Disponível em: <<http://www.catho.com.br/j>> Acesso em 02/04/2004 às 9:50

MENINAS no Gramado. **Jornal Correio Braziliense**. Brasília, 22 de maio de 2004. Caderno Super. p 4 e 5.

MOURÃO, Ludmila. “Exclusão e inserção da mulher brasileira em atividades físicas e esportivas”. In: SIMÕES, Antônio Carlos. (Org.). **Mulher e Esporte – Mitos e Verdades**. São Paulo: Manole, 2003.

MULHERES ampliam espaço no mercado de trabalho executivo **Jornal Carreira e Sucesso**. 91 ed. 30/07/2001. Disponível em: <<http://www.catho.com.br/j>> Acesso em 02/04/2004 às 9:59h.

PUNI, A. Z. **Ensayos de Psicología del Deporte**. La Havana: INDER, 1970.

RODRIGUES, A; ASSMAR, E. M. L; & JABLONSKI, B. **Psicologia Social**. 19 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

RODRIGUES, Renata Lopes de Almeida. “A arte de construir um menino e contar histórias em família”. In: LOPES, Luiz Paulo da Moita. (Org.) **Discursos de Identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

ROLAND, Beatriz. “A adolescência homoerótica no contexto escolar: uma história de vida”. In: LOPES, Luiz Paulo da Moita. (Org.) **Discursos de Identidades: discurso**

como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

ROMERO, Elaine. “Essas mulheres maravilhosas: nadadoras e ginastas.” In: SIMÕES, Antônio Carlos. (Org.). **Mulher e Esporte – Mitos e Verdades.** São Paulo: Manole, 2003.

SILVA, Eduardo Bernardes da. **Treinamento no futsal e sua influência nas características femininas.** 27 f. Monografia de Especialização. Universidade de Brasília, 2000.

SILVA, Marco Aurélio Dias da. **Todo poder às mulheres - Esperança de equilíbrio para o mundo.** 3 ed. São Paulo: Best Seller, 2001.

SILVA, Tomaz T. da. “A Produção Social da Identidade e da Diferença”. In: SILVA, Tomaz T. da (Org) **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SIMÕES, Antônio Carlos. “A mulher em busca de seus limites no esporte moderno.” In: SIMÕES, Antônio Carlos (Org.). **Mulher e Esporte – Mitos e Verdades.** São Paulo: Manole, 2003.

VAITSMAN, Jeni. **Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós modernas.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

VALDÉS, Hiram Mario. **Particularidad de la motivación y la orientación profesional hacia las especialidades de Cultura Física.** 241 f. Tese de Doutorado. Universidad de La Havana, 1984.

_____. **Personalidad, actividad física y deporte – Avances imprescindibles para el educador físico y el entrenador.** 1 ed. Armenia, Colômbia: Revista Kinesis, 1996.

WOODWARD, Kathryn. “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual”. In: SILVA, Tomaz.T. da (Org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

ANEXO I

Entrevista Semi-estruturada

- 1) Quantos anos você tem?
- 2) Além do esporte, o que mais você faz?
 - Qual a sua profissão?
 - Você pratica outros esportes além do futebol?
- 3) Fale-me da tua história no futebol desde que começou até agora:
 - Como você começou a praticar futebol?
 - Com quantos anos começou?
 - Por quê entrou?
 - Você teve incentivo dos pais quando entrou? E hoje, eles apóiam?
 - Seus amigos, o que falam sobre sua prática no futebol?
 - Por quais motivos, atualmente, você pratica futebol?
 - Você tem algum (a) atleta que te inspira ou na qual se espelhou quando se decidiu pelo esporte?
- 4) O que você acha que ganha com a prática desse esporte?
 - Você acha que obtém mais *status* por ser atleta? Por quê?
 - O que te dá mais prazer no esporte, de um modo geral?
 - Você acha que o esporte trabalha bem o físico e a saúde?
 - Você acha que a prática do esporte futebol te proporciona benefícios com os homens, ou seja, te dá maiores possibilidades de conquista? Por quê?
- 5) Culturalmente, fala-se que o futebol é um esporte tipicamente masculino. O que você acha disso?
 - Você acha importante ser feminina na prática do futebol? Por quê?
 - Que características e comportamentos, os quais você julga femininos, você se utiliza nos treinos e jogos (exemplos: maquiagem, jóias, sensibilidade etc.)?
 - Você se sente pressionada a se utilizar de símbolos e comportamentos femininos na prática do esporte? Caso afirmativo, o que acha disso?
 - Você já foi tachada de masculina, “mulher-macho” ou foi motivo de outras chacotas do tipo por jogar futebol?
 - Como você se sente em relação ao seu corpo? Você acha que ele fica mais “masculino” com a prática do futebol?
- 6) Como você acha que a mídia atua hoje em relação à mulher jogadora de futebol?
- 7) Quais são as maiores dificuldades na prática desse esporte (podem ser físicas, sociais etc.)? Como tem feito para superá-las?
- 8) Quais são seus objetivos e aspirações com a prática do futebol?

ANEXO II

Entrevista 1 – RCM 21 anos

Além do esporte, o quê mais você faz?

Eu trabalho no Corpo de Bombeiros há 4 anos, que já exige uma certa capacitação física, um local que já é bem estereotipado, um ambiente bem masculinizado. Trabalho há 4 anos na área ocupacional. No batalhão da Vila Planalto, com busca e salvamento.

Faz faculdade, estuda?

Atualmente não faço faculdade, só estou fazendo especialização dentro do corpo de bombeiros, nos cursos operacionais da área.

E você pratica outros esportes?

O que tiver de esporte eu faço, lógico que não há tanto tempo como eu faço o futsal ou futebol, mas eu gosto de todos os tipos de esporte. Pratico todos, como vôlei. Mas, não como o futsal que é o de treino.

Me fala um pouquinho da tua história no futebol, desde quando você entrou.

Aqui na Unb há mais ou menos um ano e 9 meses, algo do tipo. Comecei a jogar desde pequena. Sou filha única, tinha muitos primos, aí, para brincar com primo tem que ser de bola, tem que ser de pé descalço na rua, então desde pequena meus pais nunca botaram nenhum empecilho nem nada, pelo contrário, meu pai sempre me incentivou, minha mãe também, então, desde pequena a gente vai começando a mexer com bola, brincar com bola... mas é igual eu falei, todos os tipos eles incentivaram desde atletismo, corrida, salto, enfim, até chegar no futsal que foi o que eu mais gostei.

Suas amigas da escola não achavam estranho você jogar futebol?

Foi até engraçado que quando eu comecei a jogar futebol mesmo, a gente formou um grupo muito bom no Colégio Militar, muitas meninas... nosso time ganhou os jogos escolares, no GDF, para mim foi um tanto quanto normal, porque eu entrei num grupo no qual era normal, todo mundo tinha suas amizades fora e tudo, mas a gente formou um grupo muito bom dentro do futsal, então eu não tive muito essa estranheza, lógico que pelo pessoal de fora sim, sempre teve o preconceito, isso aí sempre tem e vai ter até....

O que eles falavam?

Ah, primeiro falavam que eu não sabia jogar bola, que jogar bola não era coisa de mulher e até mesmo preconceito na questão da sexualidade, né? Enfim... essas coisas de lésbica ou algo do tipo, né?

Então você teve incentivo dos seus pais, mas seus amigos, alguns....

É, o circo do futsal, do futebol não tem problema, mas de fora sempre teve, né? Sempre tem esse estereótipo que eles colocam, né?

E hoje, atualmente o que é que te prende no futebol? Por qual motivo você gosta mais de praticar o futebol? Porque você disse que gosta de tudo...

Eu pratico o que tiver, mas eu gosto mais de futebol, pois eu acho que o cara que teve a idéia do futebol ele foi o cara mais genial do mundo.... É o esporte que mais me atrai, vôlei eu acho um esporte muito parado, por exemplo, handebol também não me atrai... Eu gosto de futebol porque ele é completo, ele tem a corrida, ele tem que ter resistência, a pessoa tem que ter velocidade, tem que ter agilidade, tem que ter raciocínio rápido... então, eu desde pequena eu gostei, não sei porque, acredito que seja porque junta tudo isso, né? Velocidade, agilidade, que foi algo que eu me dei bem também na parte do atletismo. Eu acho que foi por isso que eu acabei enveredando por aí, mas eu gosto muito de futebol. Eu jogo porque eu gosto, não é porque me pagam, não é por nada não...

Quantos anos mais ou menos...

Ah, uns seis anos mais ou menos, quando a gente começa a brincar com primo, com familiar, com pai, com tio... ah, essas coisas assim, de criança, nada sério....

Eu queria saber o que é que você acha que você tem de benefício, que você ganha com o esporte.

Primeiro de tudo é a socialização, eu acho que a gente consegue fazer muitas amizades, de vários tipos, assim... e o esporte te mantém fora de coisas que hoje em dia prejudicam pra caramba como drogas, marginalização, eu costumo dizer que sempre quem teve acesso a esporte ou à música uma vez na vida...

Não combina, né?

É, não combina, tem muita gente aqui que pega, bebe um pouquinho, o pessoal vai... Mas isso tudo são casos e casos, também não dá para generalizar, mas eu acho que, particularmente, quem tem acesso a esporte e à música é muito difícil de procurar fuga em drogas ou algo do tipo. Então, eu acho que a socialização em primeiro lugar, a gente faz muitas amizades, a própria qualidade de vida da gente melhora pra caramba, só por já tá praticando um esporte, por mais que não seja todos os dias, não seja algo corriqueiro, ele já te dá um preparo físico melhor, você já está mais preparada para as atividades diárias, principalmente eu que trabalho no Corpo de Bombeiros, né?... Então, o que eu acho: socialização, preparo físico e divertimento, eu faço por prazer, assim, lazer, acho que no lazer não tem melhor que esporte, eu vou pra essas três coisas.

Status, você acha que você ganha com o futebol, especificamente?

Eu acho bacana porque.. não digo *status*, assim... mas a gente causa aquela curiosidade nos homens, o pessoal do quartel, o pessoal quando tem alguma brincadeira com o futebol: “Não, vamos chamar ela pra jogar também...”

Devem ficar até com medo de tomar um coro, também...

É. Então, tem aquela coisa que o pessoal fica “sacaneando” e tudo. Eu diria assim: não é um *status*, mas desperta uma certa curiosidade, o pessoal fica curioso, principalmente os homens, né? “Pô, será que joga, será que não joga?” Aí, quando vê: “Pô, realmente joga bem”. Aí já começa a respeitar. Mas eu não diria assim um *status*, eu acho que é mais uma curiosidade, uma estranheza, assim, né? Curiosidade por parte deles.

Você acha que te traz benefícios com os homens, relacionamentos, você acha que é uma atrativo a mais? O que você acha?

Eu acho que isso aí, acho que depende muito dos homens em si. Mas, meu último namorado eu conheci jogando bola, ele veio com a irmã dele, que jogava aqui conosco, ele jogava no gol, aí

eu o conheci, a gente namorou durante cinco meses, até que ele teve que ir embora. Então, pra mim foi vantagem... despertou a curiosidade, ele: “Pôxa, você joga bola”. Aí já quer conversar, aí: “Pôxa, que legal, você é a mais receptiva, e tal...” Aí começou... aí, pra mim, eu acho que desperta interesse, é igual eu falei, eles têm curiosidade, né? Assim como muitos têm receio, de “Pô, isso aí é sapatão”, ou algo do tipo, mas muitos têm curiosidade, e, hoje em dia, já não é mais tão estereotipado como era. Ainda é, mas eu acho que o pessoal tem curiosidade e procura saber: “Ah, vamos ver como é que é, se ela joga”, “pô, joga bola, tua namorada”. Pra mim, assim, despertou curiosidade, tanto que meu último namorado eu até o conheci jogando bola, aqui, na Unb.

E você acha importante, por causa dessa questão? Porque a gente sabe que, culturalmente, o futebol é um esporte tipicamente masculino. E você acha que é importante você se mostrar feminina, quando você está praticando o futebol?

Olha, isso aí é igual eu falei... como eu falei anteriormente, assim como depende muito dos homens essa questão do interesse, depende muito da mulher em si que tiver jogando.

Mas você, particularmente, você acha importante?

Eu? Eu não, eu não acho importante. Mas é porque a gente tá jogando num meio onde só tem meninas, então, ninguém mais olha, aqui tanto faz como tanto fez.

Em campeonatos....

No campeonato eu acho que isso aí é o de menos, pra mim não é importante. Mas, assim, pra várias outras pode ser que seja, pra mim não é importante não.

Mais que coisas assim que você acha... algumas características e comportamentos que você acha que, que você julga femininos você se utiliza?

Que utiliza?

É, porque tem coisas que algumas mulheres não abrem mão: batom, maquiagem...

Não, com certeza, quando leva uma bolada: “Ai meu Deus, vai me dar varizes”.. ou algo do tipo: “Ai meus Deus, tem que fazer... olha só como é que está a unha do meu pé, tá toda detonada!” As meninas aqui, todas usam brinco, batom, perfume, todo mundo, assim.. Eu falo que pra mim não tem problema, mas eu faço questão de usar corrente, hoje que eu tirei brinco que da última vez eu me machuquei. Perfume, batom normalmente eu não uso porque eu esqueço, mas esses comportamentos todos normais a maioria tem.

Você se sente pressionada a se utilizar desse tipo de coisa, a ter comportamentos femininos, pela sociedade? Você falou que quase não tem pessoas assistindo, e tal, mas você se sente cobrada em relação a isso? “Ah, você joga futebol, mas tem que usar brinco...” Qual o sentido da cobrança, como você vê? Se tem essa cobrança mesmo, se não tem...

Assim, no meio do futsal feminino o pessoal pouco liga, mas assim, eu particularmente eu não ligo, também porque, é igual eu falei, tô no meio e não tenho esse problema, mas eu acredito que tenham várias pessoas que se sentem cobradas sim, aí por isso que a menina faz questão de usar um lacinho diferente... Aí ela vem com uma meia cor-de-rosa, ou algo do tipo, então eu acho que, não sei se é pressão, não sei se é pra brincar também, pra satirizar esse tipo de cobrança, mas eu, particularmente eu não ligo pra isso não... Ligava, antigamente eu ligava, hoje em dia eu já chutei o pau da barraca e deixa quieto.

Você já foi... você falou que algumas pessoas já tiveram preconceito. Mas, já chegaram assim, muito forte com você a te tachar de qualquer coisa, te chamar de masculina, outras chacotas?

Já, já, várias vezes. Inventam boatos. Ainda mais quando a gente é mais novo, é adolescente, coisa assim, que a gente se preocupa, que a gente escuta muito o que os outros falam. Eu ficava muito chateada, antigamente. Agora, hoje em dia, eu não fico mais. Mas, por várias vezes... Até hoje o pessoal comenta, boatos, mas...

Parte mais de homens ou de outras mulheres?

Olha, parte tanto de dentro quanto de fora. Eu diria que atualmente é mais de fora, mas parte tanto de dentro quanto de fora, de dentro do time, quanto de fora, eu acho que atualmente é mais de fora, no meu caso. Não sei nos outros...

E como você está se sentindo em relação ao seu corpo? Você acha que ele tá feminino? O que você acha com relação ao seu corpo?

Com o meu corpo eu tô satisfeita, eu só não tô mais satisfeita porque eu tô um pouco acima do peso, mas é porque a minha constituição física já não é tão... eu já sou um pouco mais cheinha, com um pouco mais de curva. Então, pra mim, isso não foi tanto problema, porque eu sempre tive perna grossa, cintura fina... Então, pra mim, não é problema, eu estou satisfeita, eu só preciso emagrecer um pouco só, mas aí só é jogando muito só que resolve, mas pra mim tá tranquilo.

E você acha que o futebol deixa o corpo da mulher masculino?

Não, de jeito nenhum, de jeito nenhum! A gente não faz nada com os braços aqui, com as costas, nada e, pelo contrário, eu acho que só pras mulheres engrossa a perna, endurece bunda... que eu acho mentira, que até hoje a minha não deu jeito. Mas o deixar o corpo masculino, de jeito nenhum. A não ser que a pessoa faça algo fora, alguma complementação fora. Agora, deixar masculino, de jeito nenhum. Só roxo na perna, essas coisas assim, mas, fora isso, não.

Como você acha que a mídia ela tá atuando em relação ao futebol feminino? Como você acha? Você acha que ela é benéfica? Como é que você acha que ela trata a mulher do futebol feminino?

Eu acho que eles tratam ainda com um certo receio, até pra mostrar, porque a gente sabe que no meio tem... tem casos de homossexualismo, que o que mais deturpa é essa questão, eu acho, né? E o que mais dá, provoca receio, em mídia, e tudo, é mostrar isso, que realmente a gente sabe que tem. E, então, eu acho que eles tratam com um pouco de receio. Acho que eles tratam como devem tratar, eles não podem querer dar muito crédito também, porque a gente vê coisas como briga, rixinha, coisas que isso aí é que causam os problemas. Então, acho que eles tratam com uma certa estranheza ainda, mas eles não têm como tratar melhor, porque é um meio muito fechado ainda, e que geralmente tem brigas internas ou coisas dentro dele que não permitem que ele se mostre melhor, ou que ele se mostre mais bonito, ou que ele se mostre, sei lá, do jeito que a mídia quer mostrar. Então, eu acho que ela mostra do jeito que ela pode mostrar, com certo receio, porque tem certas coisas que chocariam, ou algo do tipo, né?

Sei, mas você acha que ela divulga bem os jogos?

Não.

Está equilibrado com o dos homens?

Não! Mas isso aí vai demorar acho que mais uns cem anos ainda, para equilibrar com o dos homens, até pelo nível de profissionalismo, a gente sabe que tem campeonatos profissionais aí. Mas, assim, profissionais entre aspas, que a organização é um amadorismo muito grande, por exemplo: quando a mídia vai fazer uma reportagem elas pegam sempre as meninhas mais bonitinhas, mais ajeitadinhas, a gente sabe que não são todas assim, geralmente ele pega uma reserva lá do... que é massagista do time pra dizer que é jogadora, ou algo do tipo... Mas isso é igual eu falei, eu acho que isso é uma coisa normal, porque ainda causa muito estranheza, então, não adianta eles mostrarem algo que eles não vão ter receptividade por parte do público, mas eu acho que ainda vai demorar muito ainda pra chegar no nível... Até porque, no Brasil, o futebol é muito desenvolvido, então, pra chegar no nível do masculino, vai demorar uns cem anos ainda.

Entendi, você acha que pelo fato do masculino já estar tão “pilhado”...

É, é paixão nacional, esporte nacional, não vai... Vai demorar ainda pra chegar o feminino a esse nível... Mas tá melhorando, já melhorou muito de uns tempos pra cá, né?

E quais que você acha que são as maiores dificuldades nesse esporte, pra mulher em específico, o quê que é mais difícil nesse esporte? É física, social?

Ah, eu acho que, pra mim, o mais difícil é a resistência, e eu acho que a mulher sempre vai ter essa certa disparidade com o homem, né? Eu acho que a gente nunca vai se igualar, nunca vai ter um time misto, por exemplo, que tenha essa disparidade. E é um esporte que exige muita agilidade, explosão muscular, então isso aí, às vezes, é mais difícil pra mulher adquirir, mas, fora isso, fisicamente, eu não vejo nenhuma dificuldade. Agora, o resto, é a questão da situação mesmo, é de pegar e mostrar: “Olha, eu jogo bola, mas eu sou uma pessoa normal, sou uma menina normal, uma mulher normal.” Acho que mais é isso, assim.

Quais são os seus maiores objetivos? Você já falou que gosta, né, do esporte. Mas você tem algum objetivo, alguma meta no futebol?

Atualmente minhas metas mudaram. A idéia que eu queria, o que eu gostaria de fazer, era ganhar a vida jogando bola, mas a gente sabe que não é assim, principalmente aqui no Brasil, se ainda fosse em outro país que é mais desenvolvido... A minha meta hoje é conseguir jogar bola até ficar velhinha, pra pelo menos me divertir, porque eu já tenho minha profissão, enfim... Então, enquanto eu puder jogar pra o meu lazer, porque é algo que me dá muito prazer, aí eu vou fazer. Então, o meu objetivo é poder fazer o meu lazer até ficar velhinha, até não conseguir andar mais.

Você tem alguma pessoa que te inspira no esporte? Alguma atleta ou atleta homem, não tem problema, que você: “Pôxa, essa é minha meta, eu quero ser igual fulano.” Ou assim, que te inspira, que você acha legal o trabalho.

Eu sempre admirei muito, sempre assisti também quando eu era menor. Acompanhava todos os recortes de jornal, todas as revistas, tudo, todas as informações sobre o Ayrton Senna, porque eu achava ele uma pessoa muito obstinada, muito determinada nos objetivos dele. Às vezes, eu achava interessante, que ele tinha os objetivos dele, e não importa o tão tosco ele tivesse que ser, às vezes ele brigava, às vezes ele apagava. Então, ele é, até hoje, pra mim, depois de dez anos de morte... Mas ele, pela obstinação dele, ele era um cara que se preparava por fora, ele se dedicava cem por cento a isso. Então, pela questão da determinação, eu sempre gostei muito do Ayrton

Senna, apesar de não ser do futebol nem nada, porque eu acho, que hoje em dia, no futebol, ninguém inspira não, só tem....

O pessoal quer muito dinheiro, né?

É, agora já ficou comercial demais o negócio, e eu não vivi há tempos atrás onde era realmente pro futebol, amor ao futebol, então eu não sei dizer. Não vi Pelé, não vi esse pessoal, então o futebol, pra mim, não tem ninguém mesmo não.

Entrevista 2 - MSGFC 19 anos

Além do futsal você faz mais alguma outra coisa?

De atividade física? Assim, não treinando, mas eu jogo com o pessoal em casa, ou mesmo na faculdade... Eu faço Ed. Física, então tem sempre as aulas práticas, né? E, também, às vezes, quando a gente junta pra jogar todo mundo junto, sempre....

E outra coisa, música....

Já fiz um tempo, mas atualmente não. Atualmente eu estou praticamente em função da faculdade.

É integral né?

É, praticamente. Esse semestre eu estou o dia inteiro na faculdade.

Me fala um pouquinho da tua história no futebol. Como é que você entrou? Como é que foi essa experiência?

Bom, que eu me lembre, eu comecei mais ou menos com uns sete anos, jogando mesmo, na quadra, debaixo de bloco, com o pessoal, os amigos, né? E meu pai e minha mãe sempre incentivaram, todos os esportes, sempre. E, como eu sempre gostei muito do futebol, o pessoal gostava de jogar e eu me intrometia no meio, então eles incentivaram mais ainda o futebol, né? Então, pra vir treinar, treinar mesmo, só a partir da 7ª série, que eu comecei a treinar. Até lá era mais de brincadeira, na rua com os colegas, e mais um lazer. Mas, era o dia inteiro, todos os dias, né? Mais com os meninos também, porque tinham poucas meninas que jogavam, né? Que se dispunham a jogar...

Sei. E seus amigos, incentivavam também ou tinha algum preconceito, alguma coisa?

O pessoal do bloco, assim, da quadra, mais próximo, era tranquilo. Sempre incentivava, queria que jogasse junto porque “Ah não, você joga bem...” ou então, “Vamos equilibrar”. Então, sempre querendo jogar todo mundo junto. No colégio, alguns sabiam que eu jogava, outros não, porque no colégio não tinha nem a possibilidade da gente jogar futebol, as meninas não jogavam futebol, jogavam vôlei. Então, só mais pra frente mesmo que eu comecei a jogar, e aí o pessoal também apoiou, sem problemas. Mas tinham pessoas desconhecidas, que tinham aquele preconceito, viam a gente jogando e: “Ah, não, futebol é coisa de homem, sai daí”, e tal. Ou até mesmo: “Ah, você é muito frágil, vai machucar, é mulher” ou então a questão mesmo que eles chamavam “Ah, não é sapatão... é lésbica, que não sei o quê”, “Isso não é coisa de mulher”... Então, sempre esse aspecto assim, mas as pessoas mais próximas sempre apoiaram, incentivaram “Ah, não, você tem que treinar, tem que treinar”, aí incentivavam a continuar...

E hoje, ainda tem esse preconceito?

Eu acho que diminuiu bastante, mas ainda existe, e a gente vê até mesmo pela mídia, né? O que passa na TV por exemplo é o futebol masculino. No Brasil, que é país do futebol, o futebol feminino não tem espaço na mídia, é muito raro existir até mesmo reportagem. Às vezes está disputando o campeonato mundial, um campeonato qualquer que seja, que se fosse o time masculino, de diversas categorias, taria aparecendo, taria transmitindo, e o feminino já não tem esse destaque, né? Agora vamos ver na Olimpíada, que só foi o feminino, não foi o masculino, de repente, tem um incentivosinho.

Eu acho que na última ficou em quinto ou sexto lugar...

Feminino? É, o quinto ou quarto, uma coisa assim. E tem melhorado a qualidade dos jogos. Eu acho que melhorou assim, em relação ao preconceito, mas ainda tem o preconceito.

Você atualmente pratica o esporte mais por quê? O que é que te reforça nesse esporte? O que é que te mantém?

Eu gosto muito, sempre gostei desde pirralha, de pequena, e a faculdade também tá me impulsionando a estar em contato, né? Na faculdade mesmo, a gente tem um campeonato da gente, que tem os times femininos...

E tem que direcionar para um esporte, como é que é?

Não, não. A gente faz várias modalidades, que aí no caso a Unb é licenciatura, é mais pra escola, mesmo, então a gente conhece várias. Então, e aí, o pessoal gosta de jogar, então eu voltei a treinar. Eu estava um tempo sem treinar por causa do tempo mesmo, mas voltei porque é uma coisa que me dá prazer, é uma válvula de escape mesmo, socialização, tar com o pessoal que eu gosto, gostam das mesmas coisas que eu, então eu continuo aí...

E você acha que te dá status jogar futebol?

Dependendo do local, sim. Aqui na faculdade eu acho que tem um pouco disso sim, porque são poucas meninas que jogam, então se você joga e se destaca um pouquinho, não precisa ser a mais craque do mundo, mas se destaca um pouquinho, aí ficam: “Óh, sabe jogar” e tal. Então, eu acho que tem um pouco disso, mas às vezes botam pra baixo, ainda, né? Mesmo aqui, a gente vê algumas vezes o pessoal comentando, e as meninas jogando, aí aparece uma menina que joga muito bem, aí volta aquela questão do preconceito “Ih, aquela ali é homem, olha o jeito, ó não sei quê” sabe?

Então você acha que o preconceito ele está mais das mulheres ou dos homens? Quais que ficam mais...

Eu vejo mais dos homens, que eu veja. Não sei, eu vejo mais os homens comentando. Mas, não é exclusivo. Tem mulher também que continua com esse pensamento de que: “Não, isso é coisa de homem, sai daí”. Eu vejo mais dos homens, na minha convivência.

E você acha que trabalha bem o físico? Esse esporte é um esporte legal pra quem quer ficar com a saúde legal. O quê que você acha que trabalha melhor, assim...

Bom, eu acho que o esporte, de uma forma geral, a atividade física, de uma forma geral, é importante, né? É essencial.

Você é suspeita também, né?

É, eu sou suspeita pra falar, mas é importante. E, o futebol, tá dentro dessas modalidades, das atividades físicas. Pô, pra saúde, pra desenvolvimento de força mesmo, de capacidade aeróbia mesmo, anaeróbia, porque tem muitos tiros. A socialização, que é interessante dos esportes coletivos de uma forma geral, que vai depender muito também da forma que é trabalhado. Pode ser uma forma extremamente competitiva, ou não. Então, eu acho que trabalha várias valências, acho bem legal.

Você acha que te dá mais chances com os homens? Como é que é essa questão: “Ah, eu jogo futebol, fica mais fácil”. Como é que é essa questão da sexualidade, em relação ao esporte? Você acha que te traz benefício?

Assim, diretamente nunca teve isso comigo não. Namoro que eu tive não tinha nada a ver pelo fato de eu estar jogando futebol, mas eu vejo algumas vezes acontecendo com outras pessoas, né? Sei lá, se destaca, o pessoal fala mais. O futebol propicia ter um físico legal, então, de repente, atrai mais da atenção, mas eu vejo também a questão do contrário... De repente aqueles que ainda têm a barreira, de repente: “Ah, aquela ali tá mais pra lá do que pra cá, não sei quê” e tal. Mas, comigo, diretamente, nunca aconteceu não, de favorecer ou prejudicar.

Culturalmente, como a gente já está conversando, fala-se que o futebol é um esporte tipicamente masculino, pela cultura, e tal, mas você acha importante ser feminina quando você tá praticando o esporte? Como você acha isso? Você acha importante estar mostrando isso: “Não, eu vou usar um brinco”. Você acha importante isso pra tá desmistificando um pouco, ou você acha que não precisa?

Não, eu acho que independente de desmistificar ou não a pessoa tem que se sentir bem, do jeito que ela gosta. Eu me coloco, por exemplo, que eu tenho a minha vaidade, mas por exemplo a questão de brinco, eu não uso brinco...

É só um exemplo, tá?

Mas, porque era questão do meu pai ter as coisas dele e não furou quando criança, então eu não vi necessidade depois, entendeu? Mas, por exemplo, eu tenho as minhas... os meus cuidados, entendeu? Claro, você quer tar bem, você não quer ficar toda avacalhada, né? Todo mundo tem sua vaidade... Eu acho importante sim, o homem tem suas especificidades, a mulher tem suas características, têm que ser mantidas, né? Acho, então, legal sim, para não descaracterizar, justamente pra não ficar aquela imagem tipo: “Não, parece homem jogando, em quadra, fora de quadra, tudo igual, é homem...” Então, acho importante tar cuidando sim, dessa questão da vaidade, mas sempre procurando se sentir bem, não porque vão achar que eu vou ser mais feminina ou não, mas procurando se sentir bem, se aquilo ali te faz ficar legal, se sentir bem, beleza.

E você, em um campeonato, por exemplo, você usa batom, brinco essas coisas, como é que é?

Eu não costumo usar muito não, mas assim, deixa eu pensar... Por exemplo, em relação à vestimenta mesmo, você procura não estar, sei lá, com um saco de batatas, né? Aquela roupa que parece que você tá de camisola, um short legal e tal, mas em relação assim, aos produtos, batom, brinco, sei mais o quê...

É uma coisa mais sua, né?

É uma coisa pessoal minha mesma, tipo costume, eu uso mais em ocasiões tipo festas, coisas assim. No dia a dia mesmo eu não me empolgo, então como não é uma coisa do dia a dia, acaba não sendo também uma coisa do futebol.

Conseqüentemente, né? E como é que você se sente em relação ao seu corpo, você acha que ficou masculinizado por causa do futebol? Como é que você está se sentindo em relação ao seu corpo?

Acho que não, eu me sinto bem, do jeito que eu sou, às vezes algumas pessoas já chegaram a comentar algo do tipo “Ah, não, as meninas que jogam futebol andam tudo do mesmo jeito, meio marrentas, assim, não sei quê”. Mas eu não acho não, eu acho que cada uma tem uma forma de ser. Eu gosto do jeito que eu sou, do meu corpo e tal, eu acho que o futebol contribui para a forma física, e tal.

Você não acha que fica masculino?

Não, acho que não, acho que não. Eu acho que, de repente, se for levado ao extremo, né? O trabalho for levado ao extremo, adquire alguma característica que é considerada mais típica dos homens, mas eu acho que não necessariamente, uma conseqüência, sabe, uma coisa conseqüência da outra.

Só, assim, voltando a falar um pouco sobre isso, você já até comentou um pouquinho sobre a questão da mídia, né? Mas como é que você acha que a mídia tá atuando hoje? Você falou que, geralmente, não mostra tanto o futebol feminino, mas assim, até na questão desse estereótipo, dessa questão feminina, algumas pessoas comentam até coisas interessantes: “Ah, sempre chamam a mais bonitinha pra dar entrevista”, e tal. O quê que você acha disso? Você acha que a mídia realmente faz esse...

Bom, ultimamente, às vezes eu tenho visto na TV, eles colocaram algumas atrizes, que de repente, praticam o futebol. Esse final de semana passado, teve uma artista que tá fazendo futvôlei, aí eles colocam. Eu vejo que eles colocam as mais bonitinhas, as que vão agradar mais. Pelo menos, todas as vezes que eu assisto na televisão eu acho que eu vejo isso... Por um lado eles estão, obviamente, querendo o lado deles, de IBOPE, claro. A gente não pode querer também desconsiderar isso, cada um tem que ir pelo que vai ser melhor pra sua empresa e tal, mas eu vejo isso assim... Mas eu vejo isso assim. Agora, em relação ao antes e depois, é o que eu te falei, melhorou, sabe? O fato de já estar passando, mesmo que sejam só as bonitinhas, já é um avanço, porque não passava nada. Era totalmente desconsiderado, e isso foi motivo assim pra mim, de, nossa, eu ficava muito brava, eu mandava e-mail, ia no não sei o quê, ia atrás... Nunca ninguém me respondeu, nem deu satisfação, mas eu sei que até hoje... Há um tempo atrás eu mandei um e-mail reclamando, nem que seja uma reportagem passando sabe, esse tipo de coisa assim... Já melhorou, mas eu vejo assim, que há a intenção de colocar as mais bonitas pra chamar atenção.

E quais são as maiores dificuldades que você vê no esporte, nesse esporte, no futebol feminino, no futsal especificamente...

Dificuldades em relação...

Qualquer dificuldade: social, física, o que é que você acha que pesa mais, assim.

Deixa eu ver... Bom, eu acho que, de repente, em relação à prática mesmo. As meninas, às vezes, não tem desenvolvimento físico ainda. Que nem o povo fala. A gente vê que é realidade, é

uma diferença em relação ao desenvolvimento do corpo, em relação ao homem. Então, principalmente pra início assim, sente muito, porque exige muito do corpo. Então, você acaba sentindo no outro dia como você tá arrebetada, como em vários esportes, né? Então, às vezes, as meninas que estão começando, deixam de continuar. Acham meio ruim pelo fato de: “Ah, não! Tô muito cansada! Eu to destruída!”, e tal. Às vezes: “Ah, o pé não fica legal... fica destruído”, esse tipo de coisa mesmo afasta um pouquinho. Espaço, eu acho que espaço pra treinar pra jogar. A gente não vê, por exemplo, escolinha de futebol feminino, é muito... É até uma pretensão minha, abrir uma escolinha de futebol feminino, mas a gente não vê. Eu sempre procurei, e pouquíssimas, foram raras as vezes que eu consegui um lugar, e durou duas semanas, três semanas e acabou por falta de meninas. Então, espaço para as meninas estarem correndo atrás, jogando, porque às vezes não dá pra... Sem motivação, vergonha, os pais não gostam que elas estejam jogando no meio dos meninos, esse tipo de coisa, então eu acho que falta incentivo, espaço pra tar praticando, isso vejo como uma dificuldade, inclusive como uma dificuldade pra mim.

Quais são os objetivos, as suas aspirações? Você tem alguma meta com o futebol: “Ah, eu quero um dia ser uma jogadora olímpica.” Quais são os seus objetivos mesmo, assim, em relação ao futebol?

Quando eu era mais nova eu ficava viajando, né? Sonhando que um dia eu ia jogar num time, que eu sempre gostei muito. Que eu ia jogar num time, talvez chegar, jogar numa seleção, aquela coisa de sonho de criança mesmo. Mas, hoje em dia, eu não tenho mais essa pretensão não, de jogar em time oficial, esse tipo de coisa. A minha intenção mesmo, é estar praticando mais como um lazer. É um local onde eu conheço as pessoas, convivo com as pessoas, pra qualidade de vida minha mesmo, pra me manter sempre em atividade física, mas não com o intuito de profissionalização... Inclusive, quando a coisa começa a ficar extremamente competitiva, hoje em dia, eu já começo a me afastar um pouco. Eu já não curto mais esse lance da competitividade mesmo, então já perdeu esse sonho de querer disputar, né? É mais de lazer, que nem eu te falei, eu pretendo, de repente, dar aula depois. Com a prática, eu tô pegando conhecimento. Além da teoria que eu tô pegando na faculdade eu tô praticando, tô tendo contato com outras possibilidades. O R. mesmo, o técnico, pode estar mostrando, as meninas, e, futuramente, estar ajudando e dando espaço e incentivo para outras meninas que possam tar querendo praticar o futebol. Sejam elas habilidosas ou não, que elas tenham interesse, queiram participar, e tenham mais fácil do que a gente da geração atual teve, pra tar desenvolvendo isso.

Você tem alguma pessoa que você se espelha, alguma atleta?

Cara, de jogadora assim, do jogo masculino... Eu torço pro São Paulo, então teve uma época que tinha o que chamam atualmente de Juninho Paulista, que ele atualmente joga na Inglaterra, então eu tenho ele muito como espelho, assim de esforço, de correr atrás....

É um branquinho?

É, baixinho, branquinho. E, do feminino, tem uma jogadora que hoje em dia nem aparece mais, das poucas vezes que aparece na TV, que é a Sissi que jogou no São Paulo também um tempo, foi pra fora do país, além de Pretinha, Roseli, algumas que jogam atualmente nos Estados Unidos, né? Porque nos Estados Unidos o incentivo é muito maior, o futebol masculino é menos popular do que o feminino, entendeu? O feminino enche o estádio, o masculino não, então, nos Estados Unidos tem um incentivo bem legal, então as jogadoras que vêm do Brasil tem muito

talento, essa parte do futebol, desde criança tá praticando, e tal.... As jogadoras que se destacam aqui são levadas pra lá, pra Itália, inclusive acho que a Milene Domingues joga na Itália também. Então, eu tenho essas jogadoras aí, mais.... Até mesmo são aquelas que a gente conhece, porque são aquelas que poucas vezes apareceram na mídia, que a gente teve acesso. Tantas outras estavam aí jogando e a gente não sabe, né? De repente tem uma craque por aí e a gente não conhece.

Entrevista 3 – PSB 20 anos

Além do futsal você faz mais o quê? Estuda?

Eu estava fazendo fisioterapia, mas agora tranquei. E, agora, por enquanto, não estou fazendo nada, só estou procurando emprego.

Você pratica outros esportes além do futsal?

Não.

Me fala um pouquinho da tua história no futebol. Como é que você entrou, se você teve incentivo. Quem que te apoiou, quem te...

Comecei a jogar com 7 anos com meu primo. Aí, quando foi em 2000, eu entrei no CFZ, para jogar campo, aí joguei 2 anos. Aí, em 2002, eu entrei na Seleção Brasileira, em 2003 também. Em 2002, eu fui para o Rio de Janeiro, fui para a Granja Comari. E 2003 eu fui para São Paulo. E aí, depois, eu parei de jogar campo e agora eu estou só jogando em Brasília, jogando futsal.

E você teve incentivo dos seus pais? Como é que foi isso?

No começo meu pai não gostava não. Mas, todo mundo, meu tio, todo mundo me incentivava. Mas, quando eu entrei para jogar, em time mesmo, aí meu pai me incentivou.

E ele justificava, porque que ele não gostava?

Com medo de eu me machucar, porque eu só jogava no meio de homens.

E seus amigos, não tinha nenhum preconceito?

Não, todos me apoiavam, eram...

E hoje, quais são os maiores motivos que te fazem permanecer no futsal? O que te mantém? O que você faz atualmente?

Pra eu estar jogando mesmo, só por gostar.

Você tem algum objetivo com isso: “Ah, quero treinar, quero ser profissional no futsal.”? Você tem alguma meta? Algum objetivo?

Não, não tenho

O futebol é meio que culturalmente masculino, meio estereotipado e tal. Você acha que você precisa ser feminina para praticar futebol? Você acha importante manter as características femininas no jogo, pra quebrar um pouco esse estereótipo? O que você acha?

Não. Eu acho que, manter mesmo, porque senão, se eles falam que é masculino, né? Então a gente tem que quebrar isso, mostrando que a gente é feminina.

Você usa... O que você usa, assim, tipicamente feminino no jogo?

Primeiro que a gente não pode usar brinco em jogo. A gente não pode usar anel, cordão, a gente não pode usar nada, entendeu? Mas, assim, pentear o cabelo, arrumar o cabelo, é a única coisa que dá, porque uniforme...

Brinco, nem pequenininho, não pode?

Não. Ou a gente tira, ou põe esparadrapo na orelha. Anel também não pode, nem cordão.

Mas você sente que a sociedade pressiona a ser feminina: “Ah, eu preciso ser...”. Uma coisa é você achar importante, outra coisa é você achar que realmente eles pressionam a ser assim.

Não. Assim, tem muita pressão mesmo. Mas, vai de cada um querer ser feminina ou não. Então, assim, rola muito preconceito em relação à mulher jogar futebol, porque nos outros esportes não rola nenhum preconceito: vôlei, basquete, não têm. É só no futebol.

E você já sofreu preconceito? Já brincaram com você, já te acusaram: “Ah, não sei o quê, isso é coisa de homem...”

Não.

E como você acha em relação ao corpo? Você acha que deixa mais masculino? Ou você acha que não tem nada a ver?

Eu acho que não tem nada a ver não. Só que as pernas definem mais, os músculos, só isso, para mim.

E, assim, além do porte físico, do preparo físico, o que você acha mais que o futebol proporciona? Você acha que dá status, alguma coisa assim? Porque uma das coisas que ele proporciona é um preparo físico legal, né? Só que assim, como é uma coisa diferente, você não acha que dá status jogar futebol? As pessoas te vêem diferente?

Todo mundo vê o futebol feminino como uma coisa diferente. Sempre tem isso. Quando fala assim: “Ah, eu jogo futebol”, o povo fala assim: “Nossa, mas você joga?” Já fica todo assustado.

Você acha que dá mais chance com os homens?

Não, acho normal, acho que não tem nada.

E a mídia... Você acha que a mídia apoia? Você acha que a mídia tacha muito as mulheres? Só pega as bonitinhas pra fazer reportagem? O que você acha? Como que a mídia trata o futebol feminino na sua opinião?

Primeiro que eu acho que, tipo assim, aqui em Brasília a gente não tem apoio nenhum. Agora, já em São Paulo, Rio e Rio Grande do Sul é totalmente diferente. Agora, eles sempre procuram, tipo assim, as mais bonitinhas, as que se destacam mais, as que fazem mais gols, entendeu? Então, é assim que eles tratam. Aqui em Brasília é muito difícil você ter hoje um apoio.

E o quê que você acha que são as maiores dificuldades no esporte em si? Hoje, além dessa questão da falta de incentivo, o quê que você acha? É a questão física? É a questão social? Quais são as maiores dificuldades no futebol feminino, na sua opinião?

Ah, eu acho que a sociedade, que tem o preconceito que não tem com nenhum outro esporte.

Entrevista 4 – TIR 23 anos

Além do futsal, você faz mais alguma coisa?

É, além de jogar futsal eu estudo aqui na UnB. Eu faço Ed. Física e eu trabalho. Eu dô aula de natação e aula pra terceira idade.

Me fala um pouquinho da sua história no futsal. Como é que você entrou no futsal.

É. Eu conheci o futsal quando eu passei aqui no vestibular da Unb. Na verdade, eu jogava futebol de campo lá no Colégio Militar, por iniciativa do comandante lá. Ele montou um time de futebol feminino e aí foram convidadas várias estudantes lá que quisessem participar, aí eu me interessei. Foi uma coisa diferente. Eu nunca tinha jogado futebol. Eu tinha na época 17 anos, e aí eu me interessei e fui. Só que aí eu me formei lá no colégio e passei aqui na Unb. E quando eu vim pra cá, eu fiquei sabendo que tinham umas meninas que jogavam, mas não era campo era salão. Aí eu vim aqui pra conhecer e comecei.

Você tinha quantos anos mesmo?

Quando eu comecei aqui eu tinha 18...

Mas lá foi mais cedo.

É um pouco mais cedo. Só que não era salão, era campo.

E seus pais apoiaram? Como é que foi? Seus amigos?

Ah, minha mãe ela nunca falou nada não, mas nunca foi assistir os jogos também. Mas, ela também nunca se opôs não. Sempre eu também antes de eu jogar futebol eu jogava basquete, né? Então ela já é acostumada assim que eu gosto né, de esporte. Aí isso aí ela sempre apoiou, pode jogar o que você quiser, faz o que você gostar.

Você teve algum preconceito de alguns amigos seus, quando você começou a jogar futebol?

Assim, de falar mesmo não, mas só que você percebe no jeito da pessoa, né: “Ah, é meio macho... é, parece homem”, ainda mais eu que tenho cabelo curto. Aí sempre vêm aqueles comentários. Às vezes eles não falam pra você, mas você sente que tão comentando por perto.

Quais são os motivos que te fazem jogar futsal? O que você tem de benefícios? Por que você faz?

Bom, eu gosto porque eu sempre gostei de esporte. Desde pequenininha eu sempre gostei, e eu acho que vai mesmo de uma tendência. Se você for olhar pelas meninas aqui, nenhuma era muito de gostar de brincar de bonequinha, gostava de atividades mais de correr, de pique esconde, de pique e pega. Então, eu acho que isso é uma coisa que você vai encontrar muito em comum entre a gente, e eu acho que foi isso que me levou hoje a jogar futebol, é uma coisa que... bem.. Assim, tem que ter muita agilidade, tem que ter... são muitas coisas que você tem que ter pra jogar futebol de salão, e uma coisa que é mais interessante ainda é que tem que ter agilidade

com o pé, que geralmente... Ah, vôlei, é tudo com a mão, mas o futsal, não, é tudo com o pé. Então, é uma coisa muito diferente, eu acho bem interessante.

E você tem um objetivo, alguma meta com o esporte? Sei lá, de fazer, de competir?

Não. Assim, o objetivo pra que seja assim algo de que eu possa viver, não. Porque aqui no Brasil, o esporte é muito difícil em si, e o futebol mais ainda. O futebol, no Brasil, não é nada valorizado, nada. Inclusive eu já participei de vários campeonatos aqui em Brasília, fora de Brasília, campeonatos universitários, e tudo, mas eu não vejo assim, que isso seja um meio de viver, sua renda e tudo. Então, eu não tenho esse tipo de pretensão, estou aqui mais porque eu gosto de jogar e participar de campeonatos. E muito bom porque você treinar sem ter um campeonato pra participar é ruim, desmotivada.

E é sua área também, né?

É minha área de atuação, Ed. Física, embora eu não vá atuar nessa área.

E você acha que tem outros benefícios, sei lá? Por que, às vezes, gira um negócio de status em torno do esporte. E você acha que com o futebol feminino você tem algum status, sei lá? É mais fácil arrumar um namorado? Como é que é essa coisa?

Bom, eu acho que, pelo menos, meus amigos aqui, está tendo o campeonato Internão da Ed. Física. As meninas tão jogando, né, se você tiver oportunidade de vir aqui na terça e na quinta no horário do almoço, meio dia, se você vier vai ver que tem vários times femininos e a gente começou com pouquíssimos times e hoje, times femininos têm 6, 7. E, pelo menos, os amigos, eles se aproximaram mais de mim por causa do futebol, aí viram jogar aí: “Ah, a T joga, e tal, legal”. Inclusive eu jogo até com eles, então, assim, aqui na faculdade me deu ajuda, me deu mais facilidade de me aproximar das outras pessoas.

Culturalmente, o futebol, ele é meio tachado de um esporte masculino. Você acha que é importante você manter características mais femininas na prática do esporte? Sei lá, batom, brinco, sei lá, alguma coisa que você acha que venha desmistificar um pouco essa questão, o que você acha?

Bem, na verdade, é o futebol... Quando você coloca a mulher no futebol você já vê um biotipo diferente, é aquela mulher que é menos vaidosa, ela gosta mais de andar meio largada, como os homens e, talvez, por isso, exista essa associação de “Ah, mulher macho”. Mas, eu acho que a relação da mulher e da maneira que ela se veste dentro do futebol vem mais do que o esporte atrai essas pessoas assim, porque eu não tô hoje assim de camiseta e short bem à vontade porque eu jogo bola, é porque no futebol eu posso estar à vontade, então eu me sinto bem. Eu posso ir lá treinar de camiseta e tal, e quando eu saio daqui, se a gente combina alguma coisa: “Ah, vamos pro barzinho”, sei lá, alguma coisa, é desse jeito que a gente vai, e eu me sinto à vontade porque eu nunca fui de ser muito vaidosa, e tudo. Eu me arrumo quando tem uma festinha mais social, mais uma formatura, mas, pra sair mesmo... Então eu não gosto muito. Então, aqui, nesse ambiente aqui, as pessoas são parecidas comigo, então eu me adaptei e eu acho que essa é a relação que existe.

Acaba atraindo, né?

É.

E você usa batom, brinco, essas coisas nos jogos?

Não, nos jogos não. Nos jogos eu não uso nada, tem que tirar o brinco, inclusive, nos jogos. No treino não, mas nos jogos mesmo, tem que tirar o brinco. A arbitragem manda, porque pode machucar, pode acontecer alguma coisa. É, no cabelo, só esse tipo de prendedor aí, para as meninas que tem o cabelo grande não pode ser... pode machucar, tudo questão de segurança.

E você já sofreu preconceito, assim, de falarem alguma coisa pra você, e tudo?

Já sofri preconceito aqui, num campeonato que teve, que era o masculino e o garoto que tava apitando ele apitou errado, né? Ele errou na hora de apitar, aí eu fui falar pra ele: “Não, no futsal a regra não permite fazer isso”, aí ele ficou indignado: “Você é Maria homem, Maria machadão, tá achando que sabe tudo é? Você não sabe nada não!”. Ah, falou um monte de coisa... mas aí o pessoal que tava aqui já foi intermediando: “Não, péra aí, péra aí, ela só tá te falando” e tal.

Você acha que é mais de homem ou de mulher o preconceito, vem mais de quem?

Eu acho assim, de ambos, não tem tanta diferença assim não. Só que a única diferença é quando você não conhece a pessoa, e quando você já conhece, porque eu percebo, entendeu? A maneira de tratar. Aí, às vezes eu tô aqui treinando e as meninas estudam comigo, aí as vezes eu falo: “faz isso”, “toca a bola assim”, “passa pra um espaço vazio que é melhor e tal”, aí elas já começam a falar comigo, já começa a mudar o seu conceito, “Ah, a T é legal né, até que é gente boa...” Aí, às vezes, eu saio daqui e a pessoa quer carona, “Te levo lá na Rodoviária”, aí começa aquela parte social aí acaba mudando o seu conceito...

Mas você acha que a galera cobra? A sociedade cobra uma postura mais feminina? Como é que você acha que é a cobrança da sociedade?

Eu acho que cobra bastante, até porque é verdade que o homossexualismo dentro desse tipo de esporte, do futebol, do basquete, do handebol, principalmente, é bastante freqüente, né? Uma pessoa que vive bem próxima do meio, ela vai acabar percebendo que existem umas e outras, tal. Existem umas e outras que convivem bem, as que são e as que não são, convivem bem, mas existe muito e não é só no futebol. Eu já ouvi falar numa pesquisa que no handebol é mais ainda, entendeu? Não sei de fundamentação científica nenhuma, mas eu sei que não é só no futebol que se forma esse conceito, que só tem esse tipo de opção.

Como é que você está se sentindo em relação ao seu corpo? Você acha que fica mais masculino? O que você acha?

Mais masculino? É porque as pessoas vêm... Antigamente a mulher era o quê? Era aquela coisinha, a bonequinha de porcelana, corpinho violão, e tudo. Hoje em dia a sociedade tem evoluído bastante, a mulher já tem tomado um papel diferente na sociedade, ela tem saído pra trabalhar. Então, a mulher tem crescido muito, no esporte ela tem crescido muito, e é praticamente impossível que a mulher pratique uma modalidade e não desenvolva sua musculatura, é impossível: ela tá correndo, ela tá fazendo exercício, ela tá utilizando força, então é praticamente inevitável que ela desenvolva o músculo das pernas ou, dependendo do esporte, nos braços. Então, aí eu não sei, se é falar que é masculino, porque eu acho que isso é um bem, tá fazendo um bem pra sua saúde, desenvolver a musculatura, reduzir o percentual de gordura, não é? Eu acho que tá fazendo bem, então não sei se é masculinizado.

E a mídia? Como é que você acha que a mídia tá tratando o futebol feminino? Como é que tá tratando as jogadoras? O que é que você acha?

Acho que, assim, ela, às vezes, falha bastante. Muitas vezes falha bastante nisso, porque muitas vezes não divulga. Futebol masculino na televisão tem todo dia, toda quarta-feira tem jogo. Do feminino você não escuta falar, nem do campeonato brasileiro, nem do campo, nem no campo, nem no salão, nem fora daqui. Eu não sei se você tem conhecimento, mas o time universitário do Brasil, ele foi campeão lá na China. Quem sabe disso? As atletas que viajaram. Ninguém mais sabe, ou seja... Eu acho assim, porque não dá IBOPE, né? Assim, ninguém vai ao Estádio assistir o jogo de futebol feminino, muito difícil, já é da própria cultura: “Ah! Mulher não sabe nem jogar, vou pagar pra entrar e ver um jogo feminino? Ver aquela pelada? Eu não!” Então, a mídia também não vai investir numa coisa que culturalmente já não traz nenhum benefício pra ela, começa aquela “pelada” e o pessoal já vai e desliga a televisão.

Quais você.. que são as maiores dificuldades, assim, na prática desse esporte, hoje? É o quê? É o preconceito? É a questão social? É o preparo físico? O que é que você acha que mais pega? Dde todas as coisas, o que você acha que é mais difícil no esporte?

É, aí eu encontro vários pontos nas dificuldades, por exemplo, da gente que tá aqui. A gente tá treinando nesse horário porque trabalha, estuda, já tá cansada, mas tem que treinar a noite, porque não tem outro horário, e gosta de jogar, então acaba indo. Agora, pras outras pessoas eu acho mais assim, a questão de lugar mesmo. Porque campo é mais fácil, campo você tem campos em vários clubes. Agora, um ginásio, uma estrutura como essa daqui, não é todo lugar que tem, então a estrutura é importante, o material não é tanto: bola, cone e colete você já faz um treino de futsal assim, perfeito, mas tem que ter um ginásio, tem que ter uma estrutura. E eu acho que isso é a maior dificuldade.

Tem alguma atleta que te inspira hoje?

Não.

Entrevista 5 – PCR 25 anos

Você faz alguma coisa além do futsal? Você estuda? Você pratica outros esportes?

Estou fazendo faculdade de Educação Física e... É, por enquanto só, não tô fazendo outros esportes não.

Você trabalha?

Trabalho, assim... Estou afastada pelo INSS, mas eu tava trabalhando no atendimento pessoal da NET.

Me conta um pouquinho da tua história no futebol. Com quantos anos você começou? Como é que você entrou?

Ah, eu devia ter uns 16 pra 17, eu não me lembro muito bem. A gente tinha uma quadra na Igreja, e tinha uma galera que queria jogar e ninguém sabia, né? Aí começou todo mundo junto. Aí começaram a ter uns campeonatos, de igreja contra igreja, juntaram algumas igrejas pra jogar contra, e depois disso eu comecei a jogar regularmente. Mas, assim, nada de treino, só joguinho mesmo. E aí, depois que eu entrei pra faculdade que eu comecei a jogar mesmo. Jogar assim, como treino.

E você teve apoio dos seus pais, dos seus amigos, como é que é? Teve algum preconceito tipo “Ah, nada a ver, futebol é de homem...”

Não, não tive, porque assim, na realidade quando eu comecei a jogar minhas amigas que eram mais próximas, da igreja, começaram junto também. E, meus pais também, eles apoiaram, eles trabalhavam com os jovens lá da igreja e deram o maior apoio aí tinham campeonato eles iam, levavam aí eu não tive nenhum problema quanto a apoio não, nem contra preconceito não, nada disso.

E você atualmente permanece... o que é que te leva a jogar, o que é que tá te motivando, porque é que você joga, assim...

Prazer do esporte mesmo. Eu acho bom jogar, acho bom competição, independente se é em nível assim, por exemplo, se é de DF ou se é interno aqui da Ed. Física, pelo prazer de jogar mesmo

Você acha que você ganha status, você sente se rola um status de “ah, eu jogo futebol, as pessoas me procuram”. Você acha que rola isso?

Mais ou menos, as vezes, dependendo do ambiente, por exemplo, na Ed. Física, como eu já tem uma tradição de ter o internão, e tal aí as vezes falam “ah, legal você joga”, e às vezes já falam “ah, você joga futebol, já olha assim que, nossa acham estranho, principalmente assim, fora aqui da quadra tem gente que me acha meio patricinha e falam “você joga futebol, nada a ver, mas tirando isso não tem esse preconceito não.

Você acha que tem alguma coisa que influi na sexualidade, atrai os homens...sei lá. Você acha que tem alguma coisa ver?

Não hoje em dia acho que não. Assim, acho que sim, de repente uma admiração porque é algo diferente, mulher jogar futebol, não é tão divulgado, mas apesar de já ter melhorado bastante. Mas assim, eu não acho que atrai não. Normal. Mas eu também não acho que piore a situação, que eles se afastem por causa disso

Culturalmente, é um esporte bem tipicamente masculino, pela cultura, bem estereotipado. E você acha que importante você ser feminina no futebol, buscar mostrar a feminilidade, o que é que você acha disso?

Eu acho, assim, hoje em dia por exemplo, pras meninas que estão entrando na adolescência ou até mesmo as crianças, hoje em dia eu não acho tanto porque, o que é que acontece? Hoje em dia elas já jogam no meio de mulheres. Porque há alguns anos atrás, as meninas que queriam jogar elas geralmente jogavam com os homens. Hoje as meninas que assim... cara, jogam muito...Então o que que acontece? O pessoal meio que compara “Ah, joga igual homem”, por mais que jogue bem tem um jeito de jogar que não precisa ser tão masculino. Então, assim eu acho que é importante não deixar de ser feminina mesmo jogando futebol.

E você usa de comportamentos, de características, batom, essas coisas nos jogos, você dá valor pra isso, como é que é?

Não, no jogo em si não. Se eu pudesse, por exemplo, brinco é obrigado a tirar. Se eu pudesse eu jogava de brinco, né, um exemplo. Mas assim, é porque pro jogo mesmo a gente não tem, mas assim, eu digo fora do jogo, as atitudes fora, e até mesmo assim, na hora, de sei lá, se tiver que

gritar no jogo, na comunicação, eu acho que pode ser feito isso sem ter aquele ar masculino. Eu acho que não precisa gritar igual homem. Pode ter um jogo rápido, bonito, que não tenha aquela “emboleira”, mas sem ter aquela brutalidade

Você acha que a sociedade cobra isso, assim, cobra essa questão de ser feminina, crítica. Como é que você acha que as pessoas cobram isso?

Eu acho que ainda há um certo preconceito assim, se a mulher não tem o jeito, entra em quadra, mas ainda tem aquele jeito meio masculino de jogar eu acho que ainda rola um preconceito, mesmo que ela não tenha o jeito, só o jeito de jogar mesmo, eu acho que ainda tem um certo preconceito, falam assim “ah, joga igual homem, parece um homem”.

Você já sofreu preconceito?

Não, eu acho até que eu comecei a jogar relativamente tarde....

Então você acha que tem preconceito é quando a pessoa tá mais nova?

Hoje em dia não, mas as meninas da minha idade que começaram mais cedo elas tiveram um contato maior pra jogar com os meninos, então, eu acho assim, que, até mesmo inconsciente eu acho que deve pegar algum tipo de, sei lá gritar igual os meninos, entendeu? Algum estilo de jogo igual. Agora, eu não cheguei a jogar com os meninos, eu comecei jogando com meninas, quando eu comecei a jogar que eu era mais velha eu já comecei a jogar com um grupo de meninas, então eu acho que ainda não tive isso,

Não chegou a sentir isso...

Não, não senti

Como é que você está se sentindo em relação ao seu corpo? Você acha que tem alguma influência, no sentido de ficar mais masculino, o que você acha disso?

Não, eu não acho que deixa não, mais masculino. Eu acho assim, um pouco as pernas, né? Mas assim, não acho que seja masculino não.

E como é que você acha que a mídia está tratando o futebol feminino, está tratando as jogadoras do futebol feminino, apóiam?

Eu acho que falta apoio, acho que falta apoio assim, falta falar mais. Na realidade mostra resultado, de vez em quando, acho que falta um certo apoio, e não só apoio da seleção, mas mostrar mais as mulheres praticando o esporte, porque hoje em dia tem muita mulher que pratica o futebol, mas não é mostrado, por isso que eu acho que o preconceito ainda existe. Eu acho que a mídia faz a cabeça das pessoas, principalmente a televisão ela coloca as coisas do jeito que ela quer. Infelizmente ou felizmente ela consegue isso, então eu acho que se ela passasse o futebol feminino, sei lá, pra ser olhado de um outro prisma eu acho que seria melhor, porque ainda é colocado muito “Óh, mulher jogando futebol” e na realidade hoje em dia não é mais tão espantoso assim, né? hoje em dia tem escolinha de futebol pra mulher, né? Você vai no SESC tem muitas meninas fazendo escolinha de futebol e isso não é passado, então eu acho que poderia mostrar melhor, poderia divulgar mais.

Quais são as maiores dificuldades nesse esporte hoje? O que você acha que é mais difícil hoje, no futsal?

Em termos técnicos?

Não assim, de todos, é a questão social, é a questão física, o que você acha que mais pega assim, se você for por numa balança...

Pouco tempo, também. Se eu pudesse eu teria começado mais cedo, porque eu vejo assim, que ficou muito naquela de jogar, sem técnica, e hoje, pra pegar a técnica e colocar em cima de um jogo, dum jeito que já acostudou a jogar é mais difícil e hoje em dia é muito difícil achar escolinha, esse tipo de coisa pra gente mais velha, é só pra criança mesmo, no máximo adolescente. Então, mais essa dificuldade e, assim, o tempo né, porque depois a gente começa a trabalhar, estudar, acaba diminuindo um pouco o tempo. Eu tenho eu acho que é uma felicidade de poder fazer Ed. Física, então, assim, sempre estar em contato com isso, mas tirando isso eu não vejo essa dificuldade, até mesmo assim, porque hoje em dia eu não vejo, eu não tenho, assim, uma perspectiva profissional, né? Seria mais pra lazer, e até pra profissão mesmo, de repente trabalhar com isso, mas treinando, não jogando como atleta, então, hoje em dia eu não vejo tanta dificuldade assim não.

E você tem alguma atleta que te inspira, alguém que você gosta?

Não, até mesmo porque, assim... é mal divulgado, mas é até uma falha minha, eu nunca procurei saber de mulheres que jogam futebol, e eu não vi ainda, não sei se existe jogo profissional de futebol de salão, porque eu não gosto de futebol de campo, eu gosto de assistir na televisão, mas não gosto de jogar futebol de campo, e confesso que eu nunca vi na televisão jogo de futebol de salão feminino, é só alguns mesmo daqui de times de Brasília, então não tem ninguém assim, que me inspire.

Entrevista 6 – MSC 25 anos

Além do futebol, o que é mais que você faz?

De esporte que você fala?

De esporte, faculdade, trabalho... só pra saber um pouquinho como é que é seu cotidiano...

Olha, eu curso Ed. Física aqui na UnB e, além do futsal eu pratico basquete também aqui e trabalho, sou militar da Aeronáutica. Mas toda a minha infância e adolescência foi voltada pro esporte, correr, atletismo, sempre fiz alguma coisa e futebol de campo, inclusive. Então, à medida que o tempo foi passando eu fui decidindo mais pelo futsal, hoje praticamente está sendo somente o esporte que eu estou praticando, mas eu gosto de tudo.

Foi até interessante você tocar nesse assunto, eu queria também saber como você começou, quantos anos você tinha, se você teve incentivo, contar um pouquinho da tua história no futsal.

Eu comecei com 12 anos o futebol de campo na minha cidade, eu sou de Cabo Frio, no Rio de Janeiro, e lá não tinha futsal feminino, então era muito raro, era um tabu danado o futebol de campo, quando já via assim já achava que você era mulher homem, que não sei o quê. Tanto que muitas vezes eu só joguei realmente onde tinha um time totalmente feminino pra evitar certos comentários, porque eu não me sentia bem, então eu joguei. Aí o time acabou, aí eu já tava com 14 anos fui pro basquete e até aí nada de futsal, realmente lá na minha cidade chegou muito depois, eu só tive contato com o futsal no colégio, 2º grau. Que aí eu já tava..

Tinha time de mulheres no colégio?

Tinha. Aí lá é que eu tive apoio, porque professores de Ed. Física, já era um trabalho já, eles separavam entre homens e mulheres, era mais brincadeira, não era nem treino, começou assim, só que aí sempre tem um grupo que se identifica com o esporte e o professor incentivou pra gente começar a treinar pra participar das olimpíadas entre as escolas técnicas, que eu fiz escola técnica. Aí, foi assim que surgiu o futsal na minha vida, eu lembro que eu não gostava, eu estava com 16 aí, eu lembro que eu não gostava porque eu achava a quadra muito pequena e me dava raiva porque a bola saía toda hora, e assim, acaba rapidinho, né, e o futebol de campo era aquela imensidão então dos 16 até hoje aí eu comecei a gostar, e praticamente há 10 anos quase já jogando.

E você teve incentivo dos seus pais? Como é que foi?

Meus pais... minha mãe nunca gostou muito não só do futebol, ela tem medo de eu me machucar em qualquer esporte, então ela realmente ela tinha medo, mas meu pai ia no jogo comigo, eu ia ver os jogos dele porque ele jogava também pelada com os amigos e eu ia lá no campo, e tudo, então o apoio dele eu sempre tive.

Dos amigos, houve algum preconceito? Os amigos apoiaram?

Eu evitava algumas situações, por exemplo, às vezes eu via vários meninos jogando na rua, nas quadras, eu doida pra ir, mas eu não ia se eu fosse a única mulher. Porque eu não queria que ficassem os comentários, então eu mesma já evitava algumas situações. Mas, assim, quando sabiam que eu jogava e às vezes não tava com outras meninas ficavam “Pô, você joga futebol, caramba! Não tem medo?”. O pessoal falava isso, mas aí com o feminino eu sempre joguei, agora eu realmente eu ficava com vergonha de jogar só eu com os homens.

Atualmente o quê que te mantém no futsal. Porque você continua jogando? Você falou que você gosta muito, que você se identifica, até hoje você não parou, mas assim, o que mais te mantém no futsal hoje, tem algum motivo especial?

Olha, se eu pudesse mesmo eu iria me dedicar a isso, né, trabalhar, ser atleta profissional, se eu pudesse eu iria fazer isso. Mas, infelizmente a gente tem que trabalhar, porque tem o lado financeiro. Então, assim, eu gosto de praticar qualquer coisa pra competir, mesmo que não tivesse eu até praticaria, mas o que mais move é essa coisa do jogo, então você sente vontade de vir treinar, principalmente assim, num horário que as vezes você já saiu da faculdade ou dum trabalho, vem a noite. Mas o que move, realmente, no meu caso é o prazer e as competições. Se eu puder participar de todas eu pretendo.

Você tem alguma atleta, ou algum atleta no futebol que te inspira, que você fala “pôxa, eu quero jogar assim, eu quero aprender esses dribles”

Olha, tem vários sentidos pra isso, porque no futebol de campo, na época eu gostava do Dunga pela garra dele. O Dunga foi realmente pra mim um exemplo de garra, mas assim, o meu estilo de jogar não tem nada a ver com o dele, então eu admiro isso aí...

Qual é a sua posição?

Eu jogo mais na frente. Sou pivô, então eu já gosto do Ronaldinho o fenômeno, Ronaldinho gaúcho pela alegria dele, então, tem vários aspectos que eu procuro, mas eu não sou assim de

ficar fazendo drible, eu gosto de partir e fazer o gol, meu negócio é mais isso, então eu admiro. Porque você falou assim, você se inspirar pra tentar jogar parecido

É só um exemplo...

Eu não sei se eu levaria pra esse lado, mas eu tento jogar bem mais despreocupadamente, pra também o clima ficar legal como um todo, e ao mesmo tempo a eficiência de fazer os gols. Tem o Filipe do Flamengo que tem uns dribles maravilhosos, se eu pudesse... só que na verdade eu sou muito objetiva, é pra fazer o gol é pra fazer o gol, eu não fico muito pensando muita coisa... então é disparar e fazer o gol.

E o que você acha que você ganha com o futsal? Sei lá, é o prazer... Quais são os benefícios maiores que você tem com o futsal?

Olha, particularmente, em relação ao esporte de um modo geral, não só o futebol, eu mudei muito meu jeito de ser, porque eu era muito introvertida e o esporte ajudou isso demais, a socialização foi muito grande, hoje se eu tiver que falar com qualquer um, lógico também que a gente vai amadurecendo na idade, mas que foi um impulso muito grande foi o lado da socialização, você saber respeitar as pessoas, saber ganhar e saber perder, todo o esporte eu acho que passa isso, não só o futebol. E saber que pôxa, está mudando esse lado feminino de o pessoal ver esse lado como algo que era mais, acho que atualmente a tendência é o preconceito ir ficando... e aí encarando como algo normal, porque essa coisa do homossexualismo, as pessoas falam muito mas se você tiver que ser praticando ou não o esporte você vai ser, e eu tenho o exemplo disso que eu conheço colegas que nunca pisaram na quadra e são como tem outras... eu pratico e não sou e.. eu acho legal, mas você convive com isso sabendo respeitar então eu achei que também que foi uma coisa que... da primeira vez que eu tive contato com o homossexualismo de perto foi através do futebol e nem por isso eu passei a ser e deixei de falar com as meninas. Então eu acho que saber lidar com essas diferenças ele ajudou bastante, hoje você já vê meninas, crianças, garotas com 6 anos jogando, no colégio, que quando eu tinha 6 anos era um tabu então são coisas que eu acho que evoluiu bastante no esporte e você aprende a lidar na prática com essas situações, e o restante é o lado da competição em si, o esporte em si, ganhar, perder, saber ganhar sem destruir o adversário, valores assim que a gente aprende pra vida, não é só pro jogo não. então pra mim realmente foi muito importante, eu considero que eu mudei assim, pôxa 360° na minha vida, que eu não falava, eu era igual um bichinho do mato. E você se expõe, porque a partir do momento que você tá numa quadra, você tem as pessoas te vendo, então você aprende a lidar melhor com... então eu achei que isso pra mim realmente foi um ganho que o esporte me trouxe, então foi isso.

Você acha que o futebol dá status? Você acha que traz algum status, as pessoas procuram te conhecer, te traz alguma coisa no meio social, o que você acha?

Olha, eu não vejo muito por esse lado não, principalmente o futsal, ele ainda tá, ele não é um esporte olímpico ainda, que é uma coisa que eu nem consigo entender muito bem, porque parece ter tanta gente praticando, mas se ele não é olímpico é porque no mundo ele não é tão praticado assim, porque o pré-requisito é esse. Então, assim, com isso termina as pessoas procurando volei, um outro esporte que esteja mais difundido aqui no Brasil, principalmente as mulheres, e que ainda, apesar de estar mudando muito esse quadro do preconceito, mas ainda existe muito forte. Então ainda não é uma coisa que te dê um *status*, não existe competições com prêmios financeiros, então, te dá um *status* de repente na faculdade. Porque por exemplo, aqui tem os

jogos do Internão, que é o jogo aqui da Ed. Física entre os semestres, pôxa, eu fui, eu entrei aqui na Unb ano passado, mas o nosso time ganhou, eu fui a artilheira e, pô, todo mundo me conhece hoje. Então aqui é legal isso porque isso ajudou a integrar rapidamente, eu falo com gente de tudo quanto é semestre graças ao futsal, mas, pra fora, a vida financeira, eu ainda não vejo nesse sentido você... tem esporte aí... até o atletismo hoje, está tendo muito essas competições de rua, tão dando prêmios financeiros, então as pessoas terminam pulando pra outros esportes, só que a tendência eu acho que é mudar isso, entendeu? Porque, à medida que vai praticando e a quantidade de pessoas aumenta, a tendência com isso é o esporte se tornar olímpico e com isso popularizar, como está sendo a ginástica olímpica agora com o exemplo da Daiane que é mais ou menos isso aí. Então, nas escolas a gente ainda vê, as meninas têm vergonha de praticar, tá mudando aos pouquinhos, mas ainda tem, então vai melhorar, mas ainda eu não vejo nesse sentido não.

Você acha, e a questão do físico, o que você acha que o futsal influi no físico da mulher? você que traz benefícios, pra saúde, ao corpo?

Ah, pra mim, sem dúvida, traz muitos benefícios porque é um esporte anaeróbico, ele tem muita essa coisa do arranque, da corrida, então a parte respiratória é trabalhada bastante e como você treinando... porque a gente também quando fala assim é a nível de treinamento, você não vai jogar uma vez e ficar, não é assim... mas pôxa, potência de perna ... você fica mais ágil, sabe, eu acho que é mais a parte respiratória mesmo porque ele usa essa coisa da resistência, do arranque, e essa parte muscular, estética em si porque você enrijesse sua musculatura, e as vezes vale a pena pra quem não gosta muito de academia, por ser um pouco mais repetitivo, consegue de repente assim, exercícios musculares e com mais dinamismo, que é o meu caso... eu não gosto de esportes da malhação da parte do fitness, então pra mim eu posso adquirir o meu corpo ideal que eu considero pra mim através do esporte, então o futsal ajuda muito isso, mas lógico, praticado regularmente.

Em relação à sexualidade você acha que tem influência. Porque ainda tem aquele preconceito né, dos homens, mas você acha que traz benefícios entre aspas com os homens, você acha que influi nos relacionamentos a prática desse esporte, o que você acha disso?

Eu acho que hoje já praticamente eu não vejo muito por esse lado de influência não. eu acho que hoje os homens já encaram normalmente, lógico que tem ainda uma parte que não encara. Eu posso dizer porque eu já tenho um tempo que pratico em relação há dez anos atrás sem dúvida você ia ficar sem namorado, eu posso te dizer isso. Se você dissesse que praticasse futebol já era mais ou menos metade do interesse dele por você já ia acabar, eu posso te dizer, afirmar mesmo. Mas hoje em dia não, tem muito menino que apóia, na faculdade eles vêm torcer, lógico que eles falam “Pô, fulana joga igual homem” e a menina tem um jeito... também depende muito do jeito que a menina joga, e como ela se apresenta pra aquele jogo, porque não é o futebol em si, tem todo um contexto, às vezes a menina cabelo curtinho igual homem, um shortão, não usa um brinco, não usa um batom, não faz não sei o quê, aí contribui pra quê... aí o futebol é o estopim... mas na verdade tem muita menina feminina jogando e os homens conseguem, eu acho que hoje em dia conseguem separar muito bem isso aí. Lógico que ainda existe, comparando a outros esportes ainda tem bastante preconceito, mas em relação ao futebol antes e agora, eu acho que isso aí já não tão sendo mais um fator de separação entre os sexos, entre relacionamentos amorosos, eu acho que não pesa muito não.

Você tocou num assunto interessante, que eu ia estar entrando agora, que é a questão da feminilidade. É o que a gente estava conversando, o futsal, culturalmente, é um esporte tipicamente masculino, e o que é que você acha disso, você acha que é importante a mulher manter o seu jeito feminino, essa questão que você falou, as características próprias do gênero feminino? Você acha importante ou acha que não tem nada a ver, que não precisa?

Olha, eu respeito cada um do jeito que acha melhor. Mas, eu por exemplo, procuro manter e acho até ruim para contribuir como estereótipo quando a menina se porta como homem dentro de uma quadra. Através do vocabulário...às vezes não tem necessidade de xingar, fazer gestos, eu acho que isso contribui muito pra manter essas características que tá. Então, eu rebato quando vejo uma menina se comportando desse jeito. Mas, aquilo também, se você já era assim antes de praticar você não vai ficar feminina só pra mostra que é. Eu acho que cada um tem que ser do jeito que é, mas, assim, eu acho que o ideal seria a pessoa... ah, é um esporte qualquer, você não vai mudar, deixar de ser mulher só porque tá jogando, eu pelo menos eu gosto, eu manter... tomo meu banho antes, me arrumo, eu gosto. Na parte mesmo dos uniformes, eu acho que se todo time pudesse investir num modelo feminino pra mim eu ia apoiar na hora. porque eu acho que ia favorecer pra imagem do esporte e desmistificar isso, entendeu? Agora sempre sabendo que em qualquer esporte vai encontrar esse tipo de coisa, comportamentos desfavoráveis, mas eu acho que é o ideal, eu acho que é muito importante... Eu acho que a mulher não é igual ao homem, ela é mulher e o homem é o homem, então não tem que ser igual. Igualdade não é ao pé da letra assim, eu acho que você pode ter um esporte feminino sendo futebol.

É até interessante porque às vezes a sociedade pressiona um pouco nesse tipo de cobrança. Você acha que a sociedade pressiona em relação na cobrança desses símbolos, do brinco... o brinco eu já sei que no campeonato não pode usar...

É, porque muita coisa, por exemplo, é bom você falar, muita coisa é contra o regulamento até por fatores de segurança e saúde, essa parte de transmissão de doenças, né? Sangramento, essas coisas, e o brinco é um fator que traz uma falta de segurança para o atleta, então aí tudo bem. Mas, assim, você vê quando a menina ela já tem um jeito masculinizado, eu citei o brinco mas isso aí não tem nada a ver, eu to falando assim, o jeito de se portar, de se vestir. É lógico que isso aí faz parte, ele tá fora do uniforme, como tá o colar, como tá o anel, o relógio, unhas muito grandes, né quando é uma competição realmente mais séria o pessoal avalia isso tudo, porque são coisas que trazem prejuízos físicos e saúde. Então, tem isso aí, mas você vê quando a menina tem um jeito masculino sem ela tá jogando futebol ou jogando, isso aí é independente. Então, isso aí da padronização eu acho que seria pra ajudar sim, eu só acho que ia ser muito legal, a menina com o short um pouco mais justinho, não custava nada, não precisa ser aquele shortão

Mas você acha que as pessoas cobram isso “ah, ela tem que usar, um batom”...

Não, os técnicos...

Não, eu não digo só os técnicos, mas a torcida, as pessoas que tão percebendo...

Não, as pessoas elas cobram aquilo que elas vêem, você pode ter o seu jeito todo masculino e dizer que não é homossexual. O pessoal não vai levar isso a sério, porque eles analisam pelo que vê, é aquela coisa do preconceito mesmo, entendeu? Então, é isso que eu to falando, apesar de não ter devendo satisfação pra ninguém. Mas, como a pessoa vê o lado externo, ela não conhece, de repente, mas ela viu aquele jeito seu rude, grosseiro. Eu mesma uma vez fui chamada pra um time, e quando eu fui lá pra ver o treino, sondar da técnica às reservas todas eram homossexuais.

E aí o time excelente, se eu fosse ver pela questão do esporte em si, do rendimento eu já tava lá, mas eu analiso muito essa questão do ambiente, e lá não rolava o respeito, principalmente com quem não compartilhava com isso. Então, eu prefiro estar num time muito pior, mas num ambiente familiar, um ambiente de amizade, do que de repente ir pra uma seleção em que ninguém me respeita como eu sou. Então tem isso, a sociedade de repente ela não tá olhando muito isso aí, porque esse é o lado do dia a dia do treino. Ela vai olhar o geral, “ah aquela ali parece ser homem aquela ali não é não, mas joga muito bem, isso é que importa, quer resultado, a sociedade não... e aí baseada no que ela tá vendo ela vai estereotipar ou não.

Você já sofreu algum preconceito, alguma vez já te falaram alguma coisa em relação ao futebol, nesse sentido de crítica, de estereótipo, de preconceito.

Olha, diretamente não. Mas a partir do momento que a pessoa se espanta quando você fala que joga futebol eu já encaro isso aí com uma certa ressalva. Como eu evitei muitas situações então o que que aconteceu... eu evitei, naturalmente muitas críticas, porque quando eu jogo é só com as mulheres, então se for me criticar vai criticar todo mundo, é diferente de você estar sozinha num campo só com os homens. Então, muitas coisas eu já evitava. No caso a crítica maior que eu já interpretei foi essa questão assim: “Pôxa, mas futebol, você não quis um volei, não quis um basquete... então, pelo tom da coisa você vê que não foi muito aprovado. Mas, nada disso vai fazer eu mudar. Então eu acho bobagem.

Você acha que o preconceito vai mais dos homens ou das próprias mulheres, ou você acha que é equilibrado...

Olha, a crítica mais dura eu acho que são das mulheres. Só que assim, como o homem acompanha mais o futebol, né, porque se a mulher ela não gosta ela nem vai ver o jogo, então ela não vai perder tempo em ficar criticando, ela nem vai ver o jogo. Mas, os homens, eles admiram a qualidade técnica “caramba, aquela ali joga muito, não sei o quê, e tal”, mas assim, se tiver que se relacionar com você “ah não, joga bem mas eu não teria coragem com uma garota...”. Então tem esse lado ainda quando eles vão ver essa coisa da beleza... aí é que entra aquele fator que eu falei: se a menina joga mas mostra um lado todo feminino ao sair do jogo. Acabou o jogo, acabou. Não está toda largadona, toda com um jeito rude, ajuda muito a separar as coisas. Mas, se ela é uma pessoa que o natural dela já é uma pessoa grosseira aí o futebol ainda reforça.

Como você acha que a mídia hoje tá atuando em relação à mulher que joga o futebol, como é que você acha que a mídia influencia nessa questão?

Eu acho que falta muito apoio, até hoje que eu saiba só teve acompanhamento do futebol de campo paulista. São Paulo pode ver a potência entre aspas do futebol feminino no Brasil e São Paulo pra mim. Tanto que muitas meninas estão jogando no exterior, porque o Brasil não tá dando nenhum ao esporte feminino, isso o futebol de campo. O futsal, então estamos anos luz... nem o futebol masculino, que a seleção brasileira eu acho que é hexacampeã, que já ganhou todo mundo várias vezes, o pessoal ainda não dá um apoio especial a eles, imagina o feminino. Então ainda está engatinhando mesmo, essa parte ainda... e isso também contribui pra que não popularize ainda mais, né?

E você acha que rola alguma coisa, por parte da mídia, dessa questão do preconceito também, eu já ouvi falar muito que a mídia enfoca as bonitinhas, por exemplo, entendeu, o que é que você acha?

Acho, aconteceu um exemplo disso eu não lembro o ano exatamente, que foi o time do Fluminense do Rio de Janeiro feminino, em que fizeram um time só de modelos, então colocaram as brutinhas, as pobres, as do morro que jogavam bem... no começo pra tirar as fotos era as modelos, o time titular, então era só... inclusive a ... aquela modelo que namorou o que é esposa do Júlio César, o goleiro do Flamengo...atriz...

Suzana Werner?

Isso, ela mesma era a garota propaganda do time. Então como ela tinham várias meninas nessa situação, bonitas, modelos, que faziam a estampa do time, mas que na hora do vamos ver do campeonato botava a pretinha lá, ou a pobrezinha, que não tinha.. então, acontecia muito isso, só que lógico, um esporte voltado para o rendimento aí a coisa já é diferente.

E quais que você acha que são as maiores dificuldades nesse esporte, pra mulher.

Acabar com essa visão. Primeira coisa: no dia que conseguir mostrar que isso aí é independente, a questão sexual é independente, a questão sexual é independente de prática ou não de esporte isso já vai dar um bum impressionante na prática. Difundir nas escolas desde o comecinho. Eu já tive oportunidade de estagiar e as meninas de 1^a a 4^a ainda têm isso ainda muito forte. A criança ela acha que o futebol é do menino, e a boneca... então da 1^a a 4^a o esporte ainda não tá muito... você fala assim “bola”, é homem, ainda não interpreta muito bem. Tá mudando, como eu falei, eu vejo meninas de 7, 8 anos de vez em quando aí na rua jogando, mas isso é quando o ambiente dela também, na rua, na quadra, no condomínio ela tem essa vivência. Então, a escola não dá essa brecha, então é um fator que eu acho que no dia que encarar que homem e mulher podem jogar independente de opção sexual ou não eu acho que vai colaborar muito pra isso, e aí com isso na mídia..

Então é mais a dificuldade nas escolas, né...

É, vai colaborar muito

Você tem um objetivo maior alguma aspiração com esse esporte?

É como eu falei, se eu pudesse o meu trabalho ia ser esse: jogar. Só que é aquilo que eu falei, eu quero infelizmente a gente termina ficando limitada, porque no Brasil ainda vai levar um tempo pra consolidar como uma fonte de renda. Isso aí é meio que uma utopia a gente falar, então no momento a minha satisfação seria participar das competições todas que eu puder participar e viver realmente, intensamente isso aí, mas eu não tô realmente visando ganhar dinheiro com isso pelo fator limitante mesmo da situação, não por... se depender da minha disciplina em treinar, eu viria com prazer, meu prazer de estar praticando já atenderia tudo isso, mas aqui no nosso país ainda realmente é um sonho, ainda de repente quem sabe minha filha no futuro, vou dar todo o apoio. Mas, pra gente termina ficando fora da realidade, ou partir de repente para o futebol de campo aí fora em outro país. Aí sim, o futebol feminino aí fora é muito bem, até mais que o masculino no caso do futebol nos Estados Unidos por exemplo, o feminino é potência, então a não ser uma coisa assim, mas aqui a nível de Brasil eu não tenho... infelizmente não dá pra ter grandes aspirações financeiras não. então eu quero é praticar enquanto eu puder, não vou deixar que nenhum trabalho tire esse tempinho de vir treinar, então é isso.

Entrevista 7 – PMDS 19 anos

Além do futsal o que é mais que você faz da sua vida?

Eu gosto muito de esportes, então, além de futebol eu faço capoeira eu ando de bicicleta eu corro, eu danço, já fiz, tudo quanto é tipo de esportes. Desde a dança do ventre até a capoeira, que é um esporte considerado masculino. Estudo psicologia.

Me fala um pouquinho da tua história no futsal, como é que você entrou, com quantos anos você entrou.

Na verdade eu tô começando agora, eu fiz meu primeiro semestre uma matéria que era futebol, até então eu nunca tinha jogado futebol, a não em educação física de escola realmente. Aí eu fiz PD, que é uma prática desportiva, futebol, gostei, comecei a treinar tem menos de um mês, tem pouco tempo.

E você tem sentido incentivo, tá sentindo alguma resistência dos seus amigos, como é que é?

Só surpresa quando você diz que faz, “ah, que é que você tem agora?” “Futebol”. “Ah, você faz futebol?” Faz uma cara de espanto, principalmente os homens, eles estranham: “ah, você joga?” e não que você faz balé, ou coisa assim...

Você começou agora, mas os seus pais incentivam?

Sim, não é nem incentivo nem, nunca interferiram no esporte que eu queria fazer, sempre permitiram que eu escolhesse.

E o que é que você mais gosta no futebol, o que é que você acha que você ganha com o futebol?

Mais por entretenimento mesmo. Eu não tenho pretensão profissional. É mais pelo entretenimento, pelo esporte, pra saúde, por isso.

Você acha que tem status a mulher que joga futebol, com relacionamentos, em namoro, você acha que tem alguma influência negativa ou positiva?

Talvez mostra um pouco assim, porque são poucas as mulheres que jogam futebol, que gostam. Elas acham, consideram realmente que é um esporte masculino talvez só de você dizer que joga mostra um traço talvez da sua personalidade de ser uma pessoa que não limita atividades pra homens ou pra mulheres.

Você acha que dá status?

Não, *status* não. Como qualquer outro esporte se vier...

Você tem algum que te inspira, alguma pessoa que você admira no futebol?

Não, até pelo que eu busco aqui.

Culturalmente o futebol é um esporte tipicamente masculino, que a sociedade foi principalmente no Brasil uma coisa bem estereotipada, masculinizada. E você acha importante nos jogos, na prática do esporte, mostrar ser feminina, se utilizar de características femininas para desmistificar um pouco isso, o que é que você acha, importante ou que não tem nada a ver?

Não eu não acho que precise, mas acho também que a mulher pode continuar a roupa que ela usa no dia a dia, não precisa usar um traje de homem pra jogar futebol, não precisa colocar o short largo, uma blusa gigante, ela pode tanto vestir essa roupa quanto uma roupa de mulher, uma calça mais justa.

Você acha que a sociedade cobra isso, cobra essa postura mais feminina?

Não, acho que não, mas eu acho que tem umas meninas que têm um jeito mais masculino, eu não sei se têm o jeito porque jogam futebol ou jogam futebol porque têm o jeito.

Você já sofreu algum tipo de preconceito?

Não.

Você acha que o futebol deixa o corpo mais masculino?

Não, de jeito nenhum.

E a mídia, o que é que você acha que a mídia trata a mulher no futebol, você acha que ela apóia, traz alguma influência?

Apóia sim, mas não tanto quanto o masculino, até pela fama que já tem, pelos times que já têm masculinos. Eu não vejo preconceito e apoio eu vejo, mas pequeno.

Qual que você acha que é a maior dificuldade nesse esporte pra mulher, é a social, é a física?

Eu acho que a vantagem que o homem tem sobre a mulher no futebol é que desde pequeno ele já joga, a mulher, a maioria das mulheres não, vêm jogar depois de mais velha. Por isso que eles jogam melhor do que as mulheres. Eu acho que é a única razão, eu acho que não é por características físicas que façam que eles estejam em vantagem. Com um ano ele já está com a bola no pé, a mulher com a boneca.

Então, você já falou que não tem aspirações com o esporte.

A princípio não tenho, quem sabe se eu descobrir que pode ser, porque eu tô no início ainda é difícil dizer “ah, eu quero ser uma profissional”.

Entrevista 8 – TRSBT 19 anos

Além do futsal o que é mais que você faz?

Vôlei.

Você estuda, você trabalha?

Eu faço Ed. Física lá na católica.

Me conta um pouquinho da tua história no futebol.

Eu comecei quando eu estava na 7ª série, 13 anos eu acho, foi no colégio, aí eu comecei a ir nos treinos, tudo. Aí a partir da 7ª sempre eu estou treinando, jogando com as minhas amigas.

E as pessoas te incentivaram? Alguém falou “ah, nada a ver, isso é esporte de homem!” ?

Minha mãe, minha mãe desde o começo ela fala “ah, não você vai ficar toda roxa, machucada”, mas aí ela foi acostumando aí agora ela entende.

E suas amigas, rolou alguma coisa.

Não minhas amigas também jogam...

E atualmente, o que te mantém no futsal? Por que você joga?

Eu jogo porque, pra fazer algum esporte, né? Como agora eu tô estudando e não tenho tempo pra fazer nada aí eu tô vindo treinar aqui, e encontrar com as minhas amigas, é mais um motivo pra encontrar mesmo, pra conversar..

Ah, social também...

É, também.

E o que é que você acha que você ganha mais além da questão social, você acha que dá status, a mulher especificamente que joga futsal você acha que adquire algum status, alguma vantagem?

Não sei, o negócio que eu vejo assim é que é bem divertido, o pessoal é bem alegre. Eu comecei a jogar... eu era bem tímida antes, aí quando eu comecei a jogar eu comecei a conversar mais com as pessoas, eu fiquei mais extrovertida mesmo, porque eu senti que eu ganhei jogando futebol.

A questão cultural do futebol como tipicamente masculino

Quando eu comecei era bem mais assim, as mulheres que jogavam futebol eles falavam “ah, é sapatão, homem”, mas agora tem mais mulheres jogando, então acabou que ficou meio que comum, assim. Em todo lugar agora que você vai tem uma menina jogando.

Você acha que a mulher precisa ser feminina no jogo.

Eu acho que cada um é cada um. Tem meninas que são mais vaidosas, se arrumam mais, colocam uma coisinha no cabelo, tem outras que não estão nem aí. Eu acho que vai de cada um mesmo.

Pra você é importante?

Não muito, mas também eu procuro não ir bem desleixada, com o cabelo mais presinho, sempre coloco um brinco nem que seja pequenininho, mas bem pouco mesmo.

E você acha que a sociedade cobra isso.

Quem é de fora que não joga tem muito preconceito com as meninas que jogam... mas

Você já sofreu algum preconceito?

Não.

E em relação ao corpo, você acha que deixa mais masculino?

Não sei, eu acho que também vai do tipo de físico da pessoa. Se ela tem tendência a ganhar mais massa aí vai, cresce a perna, cresce tudo, mas dá uma modificada bem no corpo.

Mas você acha que é uma coisa masculina isso?

Não.

E em relação à mídia, como você acha que ela trabalha com a mulher no futebol, você acha que ela ajuda, que ela critica?

Eu acho que... quando você assiste televisão você não vê falando muito da mulher no futebol, eu não ouvi falar.. quando a esposa do Ronaldinho, a Milene foi convocada, aí que eles foram falar, deram mais enfoque quando uma pessoa mais importante, que tem ligação com outra pessoa do meio. Mas normalmente você não escuta falar muito do futebol feminino.

Qual a maior dificuldade pra mulher no futebol?

Superar o preconceito que existe das pessoas, porque joga futebol aí todo mundo já olha de lado “ih, essa aí joga futebol”. Eu acho que é mais o preconceito que as outras pessoas que não praticam tem com as que praticam no começo mas eu acho que depois é de boa...

E você tem algum objetivo, alguma meta no futebol? “ah, eu quero ser uma jogadora”

Não é mais pra diversão mesmo, social mesmo.

Entrevista 9 – TVG 20 anos

Você faz mais alguma coisa além do futsal, você estuda, trabalha?

Faço Ed. Física no Unb, eu pratico Karatê, faço Jiu Jitsu e futebol mesmo.

Me fala um pouquinho da tua história, com quantos anos você entrou, se você teve incentivo.

Ah, eu entrei desde mais ou menos a 8ª série, quando lá no colégio ofereciam futebol pra turma. Entrei lá, me interessei, e tô lá até hoje.

Na 8ª devia ter uns 14 anos né?

É, por aí.

E você teve incentivo dos seus pais

No começo meu pai ficou meio receoso assim porque achava que eu ia me machucar muito, mas acabou que ele se acostumou com a idéia e hoje tá de boa.

E dos amigos, você teve apoio, preconceito

Minhas amigas, a maioria era lá do futebol mesmo, todo mundo incentivou

E atualmente o que mais te mantém no futebol

É mais como um divertimento pra mim, um momento prazeroso assim que eu tenho, e adoro jogar futebol assim com a galera, pra enturmar, socialização, essas coisas todas...

O que que você acha que você ganha mais com o futsal

Melhora muito meu condicionamento físico, me ajuda também no Karatê, em questão dos reflexos, como eu sou goleira. Me ajuda muita coisa, o Karatê ajuda no futebol e o futebol no karatê, sabe?

Mais qual que é o principal pra você? tá dividida?

Tô dividida, eu faço todos os dias futebol e todos os dias karatê.

Você acha que a mulher tem algum status por jogar futebol

Não sei acho que não

E em relacionamento, você acha que os homens têm preconceito, e na sexualidade mesmo você acha que tem alguma coisa a ver?

No meu caso eu nunca observei não, de preconceito essas questões, deve ter, mas eu não me ligo muito nessas coisas.

Culturalmente, o futebol é muito masculino, pelo que a cultura colocou

Mas hoje em dia isso tá mudando...

Tá mudando, que bom.. mas você acha que diante disso a mulher precisa ser feminina nos jogos, você acha que ela precisa se mostrar feminina pra quebrar um pouco isso.

Eu acho que isso é de cada um. Tem gente que é mais feminina, que usa brinquinhos, tem um povo que já joga assim mais de um jeito masculino, isso vai de pessoa pra pessoa.

Mas você, você acha que precisa?

Eu não sei, eu acho que cada um tem que ser do jeito que é

Pra você é importante?

Não sei, nunca fui muito vaidosa assim, desde pequena nunca gostei de passar batom e fui muito largada.

Uma coisa muito pessoal, né?

É.

Mas você acha que a sociedade cobra em relação a isso?

Não sei, acho que de certa forma deve cobrar. Mas eu nem ligo muito.

E você já sofreu algum preconceito?

Não.

Você acha que deixa o corpo masculino.

Desenvolve muito os membros inferiores, né? Se você não tomar cuidado fica com pernã, mas só uma questão de cuidar mesmo.

E a mídia, você acha que a mídia ela trata como a mulher.

O futebol eu acho que ele não é tão focado na mídia quanto o masculino, eu acho que deveria ser até uma questão deles divulgarem mais o futebol feminino que tá começando, as mulheres estão entrando nesse mercado aí, acho que seria importante se a mídia desse um pouco mais de enfoque no futebol feminino.

E você acha que rola muito esse negócio de “ah, vou mostrar só as bonitinhas no jogo”

De certa forma sim, pelo menos o que eu vejo na mídia é só aquelas mulheres lá tudo modelo, as Ronaldinhas, e tudo... você quase não vê aquelas mulheres que jogam mesmo... eu acho que de certa forma tem uma influência sim...

E você tem um objetivo maior dentro do futebol, de se profissionalizar, de jogar numa seleção...

Tinha vontade de treinar, participar dos campeonatos brasileiros, brasilienses, mais assim regional mesmo.

Pra mulher o que pesa mais dentro do futebol, o que é mais difícil no futebol pra mulher, é o social, é o físico?

Eu acho que é a questão do físico, do desempenho dentro de campo, tem muita mulher que é muito sensível, acho que seria mais ou menos isso, não sei direito.

Entrevista 10 – TMGSTS 21 anos

Além do futsal você faz mais alguma coisa, você estuda, você trabalha? Como é que é o seu cotidiano?

Eu faço direito de manhã no CEUB e a tarde eu faço estágio no TJ.

Você pratica outros esportes além do futebol?

Fazia academia e parei

Me conta um pouquinho da tua história no futebol, como foi que você entrou, quantos anos você tinha, se você teve incentivo

Eu assistia muito na televisão, começou a ter na Ed. Física do colégio e eu gostava de assistir, aí experimentei jogar, aí ficava jogando com os meninos, aí joguei o 2º grau todinho aí na faculdade tinha também, procurei e aí tô jogando até hoje.

E você teve incentivo dos seus pais, ou algum falou, “ah, não minha filha, isso é coisa de homem”

Os dois, até hoje eles ficam me perguntando. Minha mãe fica “ah, você gosta muito de apanhar” Porque sempre tá roxo, cheia de machucado e tal aí minha mãe direto. “ah, você gosta muito de apanhar, não sei o quê, você é menina, e essa perna roxa?”

Dos amigos, rola isso também, pelo menos na época que você entrou você era mais nova e tal, adolescência, rolou isso esse preconceito

Não, até que o povo fica assim, “sério, você joga futebol e joga bem?” As pessoas se impressionam

E, atualmente, o que mais te mantém aqui no futebol, é lazer

É lazer, é diversão, eu me divirto muito, muito e muito, só porque eu gosto, nada mais

Você acha que você ganha mais com a prática desse esporte. O que você acha que tem mais de benefício pra você.

Eu, amigas, faço bastante amigas, me divirto, desestressa bastante. Diversão e o corpo.

E você acha que rola status de quem faz futebol, você acha que tem alguma vantagem na sociedade?

Só assim de quebrar tabus, as pessoas vêm como corajosas, porque é tradição só homem jogar

Em relação a sexualidade, relacionamento, tem alguma influência

Eu não sei se por ser um esporte tradicionalmente masculino, exige mais força, aí tem algumas pessoas que são mais tendentes ou não, mas eu vejo meninas que querem ter semelhança com o homem, mesmo que sexual, lésbicas e tal. Não é muito feminina, gosta muito mais do esporte, isso eu vejo demais.

Por parte dos homens, você acha que tem influência em relacionamentos tipo “ah, não vou namorar com ela” ou não tem nada a ver.

Não, tem uns que preferem por causa do corpo.

Você acha que é importante ser feminina no jogo “ah, eu vou usar um batom, no treino colocar um brinco” e tal, vou me arrumar legal pra quebrar um pouco isso ou você acha que não é importante, que não precisa.

Não, eu não acho. Eu acho que isso vai de personalidade. Eu, por exemplo, não preciso passar batom nem pentear o cabelo pra jogar pra mostrar que eu sou mulher, que eu não sou sapata, nem nada disso, é questão de personalidade.

Mesmo não tendo nada a ver, você acha que a sociedade cobra isso, uma postura mais feminina pra não rolar preconceito?

Ah, sempre, quem vê de fora sempre tem uma tendência a achar que todo mundo é e quem não é tem que mostrar que não é, entendeu?

E você já sofreu algum preconceito? já passou por alguma situação...

Já, que é coisa de lésbica, não sei o quê. Mais eu nem ligo.

Você acha que o corpo fica mais masculino ou você acha que coxa grossa não tem nada a ver com masculino

Não, acho que quem leva esse esporte muito a sério não sei... exige um pouco de força e você acaba ficando meio, mas não chega a ser algo masculino, mas fica bem forte.

E a mídia, você acha que a mídia tá agindo como hoje em relação à mulher que joga futebol, você acha que a mídia apóia, você acha que a mídia critica, tem preconceito...

A mídia tá sempre querendo levar vantagem, não apoia mas quando é do interesse deles tiram proveito, entendeu? mas apoiar não apoiam não. No futebol masculino e feminino o tratamento é completamente desigual

Rola muito as vezes filmarem as bonitinhas, colocarem só as loiras na televisão, você acha que rola isso mesmo no futebol feminino, porque no masculino talvez não, essa preferência das mulheres

Mas de quem

Da mídia estar mostrando

Ah, com certeza, a mídia trabalha com o físico né, a aparência, sempre. Sempre vai ser, salvo raras exceções, se for alguém bem fora de série, mas em geral sempre a aparência, o corpo.

Em geral, qual é a maior dificuldade da mulher no esporte, pode ser física, social. Qual que você acha que talvez seja a maior dificuldade do futsal pra mulher

Incentivo, o pessoal não acredita que mulher sabe jogar, acha que o futebol é coisa pra homem, nessa fica e aí ninguém incentiva, apoia, e aí a gente vai jogando só de brincadeira

Você tem alguma aspiração dentro do futsal, poxa eu quero jogar no profissional ou você não, tô aqui por divertimento mesmo...

Não, só diversão mesmo, não é nada que eu queria por vários anos da minha vida, não. Porque quando começa a levar muito a sério eu já não gosto, pressão, eu já não suporto muito. Não é nada tão importante pra mim que eu consiga relevar esse tipo de coisa.